



RODRIGO OCTAVIO

EDUCAÇÃO CIVICA

Festas Nacionaes

COM UMA INTRODUÇÃO DE RAUL POMPEIA



RIO DE JANEIRO

F. Briguet & C.* – Editores
Livraria Internacional
Rua Nova do Ouvidor 16-18

—
1893

Do mesmo auctor

Pampanos — versos de 1884-1885—G. Leuzinger & Filhos
886 — 1 vol.

Poemas e idyllos — versos de 1886 — Moreira Maximino
& C^a — 1887 — 1 vol.

Aristo — novella — typ. da *Tribuna Liberal*—1889—1 vol.

NO PRELO :

Acções de medição e demarcação de terras — editores
Laemmert & C^a

A PUBLICAR :

Sonho de ouro — lenda tragica de assumpto colonial, em
verso, com tres actos e quatro quadros.

As illu. to Rep. Gen.

homage

I am: grate

Philip Astor

Ms. 17-5-93

A

MOCIDADE BRASILEIRA

PARA QUE APRENDA A SIGNIFICAÇÃO DOS DIAS

QUE A REPUBLICA MANDA GUARDAR

Meu caro Rodrigo Octavio.

Applaudo de toda a alma o seu brilhante volume das *Festas Nacionaes*, do qual me quiz dar a honra de ser o primeiro leitor.

Applaudo-o como obra litteraria, admirando a fluencia dessas paginas ao mesmo tempo vigorosas e despretenciosas; applaudo-o principalmente como obra de patriotismo.

Das festas mais geralmente sociolaticas, consagradas aos grandes acontecimentos do progresso humano, occupa-se V. com a necessaria elevação e estudioso cuidado.

Mas, onde o seu sympathico trabalho realmente avulta, é no que se refere em particular á evolução da nossa grandeza nacional.

A este respeito é verdadeiramente mais do que um livro: é um acto de coragem.

No meio desta immensidade vacua de mistificações ou dissimulações que é o ambiente normal da nossa critica de historia e costumes sociaes, onde a agitação logomachica dos gritadores acha modo de dizer menos, mil vezes menos do que o silencio para o esclarecimento da consciencia

publica opprimida, onde o advento da verdade é tão commumente e tão lastimavelmente tolhido pela mercancia productiva do civismo, pela prostituição bem paga dos generosos impulsos da alma patriótica, no meio deste aspero deserto de corrupção e de hypocrisia que se chama entre nós a Opinião e em que se perde, se desespera e succumbe a sinceridade, fatigada de isolamento, vencida de abandono, torturada de hostilidades que se não definem bem, que fluctuão impalpaveis, innominaveis, mortíferas entretanto á maneira exactamente da luz envenenada da athmosphera poeira e fogo das planuras aridas dos continentes malditos, palavras de audacia, de espontaneidade sadia e integra quaes no seu epitome de narrativa e commentarios se destacão, são como uma apparição consoladora de oasis.

O coração repousa um pouco ahi, do infindavel prazo de asphixia que faz o regimen obrigado do amor da patria no Brazil.

Com a serena singeleza honesta do seu caracter, V. vae semeando descuidosamente proposições vingadoras... Os nossos mais graves pensadores de sociologia emmudecem confundidos e hesitantes em frente aos problemas. E' o facto que todas as nossas discussões de critica social, todas, sem excepção de uma só, desde que ha o raro animo

indagar um pouco, vão invariavelmente esbarrar a uma interrogação ; quando não retrocedem entre sarcásticas e acovardadas pela curva de uma reticencia. O mysterio perenne é a nossa economia politica. A sphyngue impenetravel e parva é o symbolo desanimador da nossa psychologia de povo... O seu despretencioso livro das festas, sem cuidar dos riscos com que se deixão aterrorisar os nossos perpetuamente constrangidos e perpetuamente interdictos analyistas de historia e economia politica, vae direito ao amago das difficuldades. Venhão d'ahi as consequencias que vierem ! affronta o rebelde segredo : visita de perto a obscura sphyngue impressionante ; e para que se conheça bem, bate-lhe no bojo... E' de papellão afinal de contas este animal sagrado da religião de temor que nos obseda !

Destampa-se o enigma com um piparote !

Dá-se uma cousa extranha com estas *Festas Nacionaes*.

Despertada pelo titulo, vae-se-nos a imaginação figurando perspectivas ridentes de tropheus e corôas. Festas nacionaes... Sonha-se uma jornada de triumphos, descripta n'um hymno ovante. Espera-se a historia da consolidação cada vez mais firme de uma nacionalidade.

O volver das paginas vem-nos apear logo destas phantasias. Não resplende jámais nesses capitulos a luz ampla de uma conquista definitiva: vacilla a indecisão de um difficil crepusculo. . .

O compendio dos nossos suppostos regosijos patrioticos não nos traz a exposição de uma serie de alcanes conseguidos. Vamos ao contrario por uma escala de derrotas. O quadro historico é constantemente a cruel affirmação da patria vencida. A alma nacional segue soffrendo dia a dia, o supplicio de todas as dôres. Sentem-se as ladeiras pedregosas do Calvario, no itinerario dos seus destinos... A proposito de jubilos, como que nos diz que somos uma nação prohibida de ter jubilos...

Só nos referimos ás festas especialmente brasileiras.

— *21 de Abril* é o Brasil suppliciado e amaldiçoado com Tiradentes. « O crime, porem, a traição mais negra transformou a aurora que surgia rosea nas almas dos primeiros brasileiros em uma luz vespertina, que foi terminar na noute sem estrellas do cadafalso e do desterro. A revolução, que na Europa e ao norte do Novo Mundo, se abria no dia esplendido da liberdade triumphante, no canto Sul do nosso continente, no meio das liberrimas florestas virgens e dos rios indomaveis, não foi mais que a victoria da tyrannia, finali-

sando na dispersão criminosa dos patriotas e no sacrificio de um justo. (pg. 225.)

— 7 de Setembro é o sophysma da nossa libertação, pela astucia baixa e simples de um autocrata grosseiro. Depois do episodio do Ypiranga, que a intenção patriotica transformou difficilmente para crystallisar em legenda, a *Independencia* desmascara-se em pouco: « veio a dissolução caprichosa e violenta da Constituinte ; veio a clausula secreta do tractado com Portugal de 29 de Agosto de 1825, pela qual nos obrigamos a pagar, e effectivamente pagamos 1.400.000 £, importancia de um emprestimo que Portugal contrahira com a Inglaterra em 1823, com o fim ostensivo de oppor-se á nossa independencia e mais ao Rei D. João VI, 600.000 £ de indemnisação de um palacio e outros predios do Rio de Janeiro, que, apesar de serem proprios nacionaes, forão considerados bens particulares ; veio a dominação portugueza sem reboço ; veio a tyrannia que fazia saudades dos tempos coloniaes ; veio, em uma palavra, o absolutismo de um principe autoritario, violento e dissoluto.» (pags. 177 e 178). E vem a immolação dos involvidaveis martyres do brio civico ; vem o sangue de Frei Caneca, de Agostinho Bezerra Cavalcante, de O. Martins Pereira, de Antonio Macario de Moraes, de Tristão Araripe, de Miguel Ibiapina, do

Padre Albuquerque Mossoró, vem o sangue de João Guilherme Ratcliff, de João Metrowich e Silva Loureiro, vem o sangue dos numerosos patriotas massacrados nas revoluções do primeiro reinado, vem todo o sangue em que se afogárão as velhas aspirações republicanas — vasta paysagem de agonias.

E *13 de Maio*, sobre cujas consequencias actuaes o livro não quer insistir, é ainda o Brasil vencido. Desta vez ao menos em nome de sagrados principios de justiça; mas tão efficazmente conduzido a termo, porque se tractava de ferir de morte a classe nacional mais poderosa, aliás atraíçoadade de antemão pelos nossos primeiros civilisadores (?) com a instituição de um regimen torpe de trabalho.

E *15 de Novembro* e a data complementar de *24 de Fevereiro*, que só se estudão em seus antecedentes no passado, as transidas amarguras que caracterisãm a hora presente, não nos garantem definitivamente como fastos de gloria consummada.

Taes são as festas nacionaes do nosso povo. Taes são os themas problematicos de gala que este livro reúne e explica.

Mas, porque perfeitamente deixa sentir a contradição fundamental das nossas glorias, a contingencia tragica dos fastos da nossa grandeza patria;

porque encerra o defeito singular de ser geralmente sombrio, quando devia irradiar triumphalmente, compendiando motivos antes de meditação ressentida, de pungentes anagogias de revolta, do que expansões jubilosas, apesar de que é um livro de festas; porque tão fielmente accentua, aliás sem a preocupação de o fazer, a situação excepcional do patriotismo brasileiro, não conheço obra de historia nossa que valha uma linha dessas paginas.

Os hosannas hypocritas são banidos. preterem-se os euphemismos de van ufanía pela exposição crúa da verdade; mas, firmando um pouco mais attenção, sente-se agitar na alma desses capitulos, alguma cousa que vale bem todo o ausente jubilo.

Ao fundo de cada magua, assim como de um utero dolorido brota a vida pujante, sente-se germinar uma esperanza, esperanza confiada e energica. Não desabrocha nunca a alegria victoriosa do exito: mas deixa-se perceber que vamos a bom caminho...

O sentido festivo do titulo, a razão de ser da consagração a titulo de festas, das nossas grandes datas, pode-se interpretar em que ha alguma cousa de animador na serie dos desastres: a jornada é de espinhos mas vamos gradualmente subindo; na successão das gloriosas derrotas, vamos sendo cada vez menos derrotados...

E uma victoria final, uma apothese de redempção como que se annuncia pelo echoar distante dos seus canticos, pela refração ao alto dos seus esplendores : respira-se na pallida penumbra um pouco do bem estar da alvorada, que nos faz pregozar o dia antes do dia.

A enfermidade social que nos afflige vem descripta nos seus symptommas consternadores — dahi a feição geral sombria da obra ; mas em compensação a diagnose precisada resolutamente não falta. E o renascimento da vida está quasi garantido, para conforto do animo, quando se tem surpreendido e assim se affirma a explicação pathogenica do mal.

« A monarchia foi obra de José Bonifacio ; mas a implantação do absolutismo que nos governou e do *predomínio do partido portuguez, que ainda nos perturba, e que em sua evolução historica atravessou o Imperio em todas as vicissitudes e contingencias, sempre reaccionario, em luta aberta contra as aspirações nativistas, os desejos de progresso e de liberdade do povo*, foi obra de José Clemente Pereira. (pag. 125)

Ahi vai a cruel verdade, a sempre calada verdade.

O factô é que vamos evoluindo apenas difficultosamente, por um longo periodo de gestação historica.

Todo esse sangue que avermelha as mais soberbas paginas da historia patria, toda essa turba dolorosa de phantasmas que povoão o pantheon das nossas mais bellas legendas patrioticas, nada mais são do que elementos do drama moroso da nossa libertação — ainda sem desenlace.

A historia toda do heroismo brasileiro, a tradição dos martyrios é a convulsão precursora de um difficil advento. E esta lucta ainda hoje se prolonga.

A magnanima Revolução de Novembro, (um portuguez a devia insultar, a pretexto de fazer o quadro social desse grande acontecimento) que se poderia suppor a definitiva erupção — é ainda e é apenas um esforço mais.

O dia 15 é um incalculavel passo de progresso: synthetisa todos os impetos de vitalidade historica do nosso passado; resume n'uma só tormenta demolidora todas as dispersas auras de esperança que um dia respirarão os mais dilectos filhos desta terra. Mas ainda assim não passa de um movimento de concentração estrategica. A grande duvida de todos os tempos, sob o aspecto de embaraços politicos ou de difficuldades

economicas, ainda ahi está a encher a scena da existencia nacional.

Protheu terrivel de mil disfarces, sob a mascara traçoeira dos mais varios expedientes, precipitando um tumulto de incoherencias, de attitudes absurdas, de resistencias inexplicaveis, de aggressões mysteriosas, systematisando um formidavel anonymato de esquivas guerrilhas, que á primeira critica parecem a anarchia fortuita, o grande inimigo historico, o problema colonial, continua contra nós o seu trabalho maldito de obstrucção e de vexame.

Dois unicos partidos em guerra de morte, invadem hoje o campo politico. Complicado de incidentes minimos de personalidades, só entre dous adversarios se trava realmente o conflicto da politica brasileira — o partido da emancipação e o partido da colonia.

Ainda se esgrimem no formidavel duello secular os mesmos adversarios de 1822.

Pouco representando os individuos pessoalmente na desordem do turbilhão que nos arrebatou, a lucta social em que cada cidadão na actualidade toma parte mais ou menos conscientemente, empenha-se entre as grandes sombras symbolicas, meu amigo, que o seu livro delinea : José Bonifacio — a patria nova, e José Clemente Pereira — a servidão colonial.

Foi o crime do segundo reinado que contra a nossa historica miseria não promoveu a minima tentativa. Pelo contrario. Nós fomos colonia... cada vez mais sob D. Pedro, o derradeiro.

Cincoenta annos teve esse monarcha para construir e fortalecer a vitalidade do civismo brasileiro. Forão cincoenta annos de inercia e de abandono... E este será o grande libello perante a Historia honesta e exacta, da ineptia benigna do segundo reinado.

Obsecado pela preocupação de parecer bem á Europa, o confrade de Victor Hugo e de Lesseps, voltou perpetuamente as costas á patria. Alcançava a ordem e a tranquillidade a preço de passividades, resignações, corrupções. Accresceu somente a herança de vexames a que quasi succumbimos agora.

Principe de uma dymnastia europea, forte apenas pela tradicção estrangeira da sua corôa, suspeito naturalmente da insubmissão caracteristica da humanidade na America, o seu grande empreendimento de todos os dias foi a obra negativa da annullação do character nacional.

Emquanto tenteava em proveito do throno a negação perenne do seu abolicionismo platonico para dominar a classe dos agricultores, teve o cuidado de impedir o advento a outras classes onde podia medrar a insubordinação perigosa. Para isso per-

mittiu e animou habilmente (e commodamente, porque ia descansando em bellas phrases de cosmopolitismo generoso) a organização absolutamente constituida de estrangeiros do commercio e da industria. O estrangeiro, sem zelos de patria, seria pelo throno, por amor do monopolio das especulações mercantis, assim como o fazendeiro era pelo throno, por amor da manutenção do trabalho servil.

Segundo o seu systema, o brasileiro, com excepção do proprietario rural, tinha de ser apenas o parasita involuntario do functionalismo, ou o soldado, sob a prevenção efficaz da chibata. As carreiras de futuro pela especulação e pela industria, que cream o povo forte e independente, forão reservadas aos hospedes da terra, aos extranhos do patriotismo, sem os onus da qualidade de cidadão, que ao cabo de quarenta annos de residencia entre nós, sabedores do que isto lhes rende, ainda nos dizem, encolhendo santamente os hombros, *sou estrangeiro...* Comprou a tão preconizada paz do seu reinado, hypothecando imperdoavelmente o futuro da patria, vendendo-nos dia a dia, pelo preço dos *deficits* que os financeiros da republica sommão agora com pavor, aos dous senhores outr'ora desta terra — o Escravocrata e o Portuguez. (*)

(*) Eis o que nos escrevia um profundo observador de assumptos brasileiros, a proposito do caso significativo da bandeira na rua da Assembléa :

Enganava-se, felizmente, pensando que, com a gravata de couro do uniforme militar, conseguiria estrangular a ultima esperança do pundonor e do brio deste povo.

Arredado do contagio de gangrena do mercantilismo estrangeiro, do cosmopolitismo dissolvente e desmoralizador da grande multidão, pensativo junto da nossa bandeira, o soldado, tradição da virilidade do povo, responsabilidade historica perante o futuro, vivia sempre e estava alerta.

Mas nem por isso temos ainda triumphado. Mesmo por isso, é preciso cada vez mais contemplar a realidade.

Porque ensaiou a redempção do povo brasi-

« Por occasião da insensata formação das companhias e sociedades industriaes, os portuguezes mostrarão a sua força. Se se fizer a somma das fortunas creadas subitamente vêr-se-ha que os antigos senhores do Brasil embolsarão a maior parte dos lucros, deixando aos bras leiros apenas uma situação cheia de difficuldades. Faça-se uma estatística do pessoal dirigente dos estabelecimentos de credito, industriaes e commerciantes da capital e vêr-se-ha claramente a parte dos brasileiros, a dos portuguezes e a das outras nacionalidades. A crise portugueza ninguem ignora que foi provocada pela parada subita das remessas pecuniarias à mãe patria da parte dos caros filhos emigrados para o Brasil. E' isto ainda uma prova de que a politica imperial brasileira era no fundo — portugueza — e cuidava pouco de emancipar o Brasil da tutela financeira, industrial e commercial dos portuguezes. Depois de taes precedentes não são de admirar as aspirações monarchicas dos portuguezes — depostos do poder colonial, não a 7 de Setembro de 1822, mas simplesmente depois do dia 15 de Novembro de 1889, com quanto depois desta data o governo republicano não tenha ainda determinado a politica a seguir a respeito. Entretanto, este programma torna-se uma necessidade cada vez mais urgente, por causa da educação primitiva do pessoal portuguez do commercio, introduzido em geral jovem, habituado a certas maneiras excessivamente sem ceremonias, *ad instar* dos mercadores de feira, podendo chegar assim, com a idade, a uma especie perigosa de aprumo. A taes tendencias e habitos de desembaraçada especulação, que a sociedade brasileira tolera, não são extranhas as interpretações phantasticas das leis e regulamentos relativos às sociedades anonymas. »

leiro, porque ousou dar rebate na hora mais grave da dissolução, o elemento militar, o glorioso núcleo do nacionalismo brasileiro, vê-se como é hoje o condenado. Contra elle colligão-se as calumnias, conspirão as murmurações, adiantão-se as infernaes intrigas. Do soldado, a grande arma do destino providencial que nos ampara, quer-se fazer exactamente pela confusão traiçoeira o instrumento da nossa ruína total.

Cada vez mais é preciso, por amor da patria, a vigilancia esclarecida do soldado e do povo.

Não temos hoje outra questão a liquidar. As prevenções minimas de personalidades e principios academicos, têm de ceder logar ao serio interesse historico.

Fortalecida pela inadvertencia do segundo reinado, alarmada pelo acontecimento de Novembro, a organização reaccionaria agita-se agora simplesmente mais do que nunca, contra a paz, contra a prosperidade serena da patria.

A opposição existe tremenda. Donde ella vem? Ninguem o diz. Este mysterio é revelação. A força que reage contra a Republica, contra o Brasil, o inimigo da sombra que não se póde surpreender e que autorisa o escarneo ameaçador dos despeitados do velho regimen, é sómente o remorso social da culpa do segundo reinado que nos

remorde, é a obstrucção recolonisadora campeando ainda, e forte mais do que nunca dos recursos que lhe emprestou a especulação monarchica ou a cega e pusilanime incuria do passado.

A definição economica desta desordem é que o sophisma da nossa independencia, que não aniquilou a influencia dos antigos metropolitanos, aggravado pela incuria calculada do segundo reinado, constituiu-nos povo *sem classes conservadoras*.

E' um phenomeno curioso de teratologia economica. A classe dos proprietarios ruraes, únicos conservadores possiveis brasileiros, não tardou em se confundir na ordem de interesses do commercio, dominada pelo negociante astuto, fornecedor e commissario. Além destes, o commercio e a industria, centros de egoismo vital em todas as nacionalidades, sendo entre nós e permanecendo exclusivamente representados por estrangeiros, população nomade de ganhadores, exportadores perpetuos de dinheiro, jámais capitalizando entre nós os lucros de suas especulações, nem sequer por meio de edificações decentes de residencia, porque as populações nomades, dispostas a bivacar, nunca forão fortes em architectura, achou-se a pa-

tria brasileira ao desamparo do mais valente estimulo patriotico, o patriotismo melindroso das classes ricas. Essa vigilancia inilludivel dos que mais tem o que perder, mal existe entre nós, pelo menos nos grandes nucleos influentes da actividade economica.

Os grandes centros sensorios do nosso organismo de interesses estão em Londres ou em Lisboa. Ausentes de nós, portanto. Somos assim em economia politica uns miserandos desvertebrados. Esta singular lesão evidencia-se bem por symptomas dispersos de incoordenação morbida em nossa vida social. Por ella se explica a paciencia com que os nossos pretensos conservadores aturarão *bestialisados* durante todo o segundo reinado o regimen mortal dos *deficits* financeiros, que não podia, sem duvida, levantar a revolta das massas liberaes, apenas mediatamente informadas desse descalabro: mas que devia necessariamente insurgir a irritabilidade reflexa ao menos do conservatismo. Por ella se explicaria a possibilidade (simultaneamente com a lastima symetrica de não termos jornalismo verdadeiramente popular para clamar contra os esbulhos da carestia) de se transformar extranhamente a imprensa representante dos mais graves instinctos conservadores em pamphleto formidavel de demolição a todo transe. Por ella se explica a cam-

panha perpetuamente instituída na opinião publica em nome de fórmulas vans de liberalismo, contra as medidas, os recursos, as precauções energicas que têm feito a salvação economica e financeira de outros estados.

E se explica a enorme e poderosa opinião financeira favoravel ao Emprestimo externo, que está de alcateia para devorar a Republica, como devorou o Imperio.

A definição politica da situação é que existe no Brasil *um poderoso eleitorado sem voto*, dominando o jornalismo das capitaes, riquissimo, numeroso, intelligente, activo como ensina a pratica do commercio, capaz de mover um mundo de manifestações politicas, a que não carece comparecer visivelmente, podendo mesmo nutrir de sua gorda algibeira arruaças e motins, capaz de neutralisar, de paralizar, de supprimir, de matar pela fadiga a administração publica, desde que esta lhe seja molesta, formidavel, em summa, como depositario e possuidor da melhor parte da fortuna particular, intervindo profundamente na direcção dos negocios publicos, e podendo aliás eximir-se de todos os compromissos correlativos repentinamente por traz da porta de um consulado — partido forte, portanto e partido enorme — *de conservadores* — que não conservão absolutamente para o Brasil.

E' isto o sebastianismo que se sente sem ver jámais. E' isto a aversão á Republica, porque a Republica intenta ser a emancipação nacional. E' isto a aversão ao soldado, porque o soldado fez a Republica. E' isto o pacto da fome, porque pela fome se desacredita a politica dominante. E' isto a campanha de descredito pelas tavernas que Ruy Barbosa denunciava no senado. São esses *conservadores* a opposição á guarda nacional, porque a milicia civica é a escola inconveniente da disciplina e do brio da força publica. São elles a conspiração permanente contra o advento na burguezia do proletariado nacional, perpetuamente repellido das carreiras de futuro. São elles, unidos fortemente, (alem da solidariedade natural das grandes classes, que formão) em seus clubs, centros, irmandades, associações, de fins de beneficencia, de educação popular, de religião, de auxilio mutuo, de commemorações patrioticas (da patria, delles), de aproximação dos interesses desta ou daquella especialidade de negocio, até de alegria e folgança carnavalesca, que, segundo as tradições da prepotencia colonial, mantêm a grêve perpetua, a perpetua machinação surda e inexoravel de obstrucção ás impaciencias mais pretenciosas do nosso *home-rule*.

Durante dezenas de annos, com seus prestitos de bambochata carnavalesca, aggravarão, apesar de

estrangeiros, o poder publico brasileiro do tempo do Imperio (aliás a elles propicio) não poupando o que de mais respeitavel podia haver — impune-mente e ainda mais, conseguindo para annunciar o triumpho completo da affronta a guarda de honra dos clarins do nosso exercito.... E apesar de que o Brasil lhes vae dando os milhões de libras que exportão, affectão sobranceiramente o desdem por tudo que a este paiz pertence, não cedendo uma migalha do fructo dos seus rendosos monopolios para a creação de uma instituição de caridade, que não seja caridade para os seus, para um unico impulso de civilisação no ramo das artes, da litteratura ou da sciencia, e nos arranjo ainda o labéo de povo indifferente, com o espectáculo que perpetuamente fazem de sua longinqua indifferença pelos nossos mais nobres motivos de orgulho nacional.

Festejadores de Camões e do Marquez de Pombal, promptos a consagrar fortuna e esforço pessoal por gloria de um estandarte de entrudo, não lhes merece o pobre nome brasileiro uma homenagem senão que agora sob a Republica desfraldão pavilhões desordeiros do regimen vencido á frente dos seus negocios.

São elles os mantenedores do preconceito de côr, que o brasileiro desconhece, porque este preconceito é uma arma de sua sorrateira politica de

demolir. São elles os grandes adversarios da estatística entre o povo, porque a estatística seria a affirmação do quanto nos explorão e tambem do que podemos valer. São elles os inventores e propaladores da theoria corrente e funesta de que commercio não tem patriotismo, porque o commercio delles não quer ver patria aqui. São elles os inspiradores do negativismo de descrença que é a psychologia de grande numero de nossos politicos e alguns desgraçadamente de certo vulto. Foi o voto reaccionario desse mesmo partido sem voto, que levantou a Associação Commercial contra a evolução abolicionista, com o protesto de adhesão á resistencia Cotegipe. Foi o voto desse mesmo partido que alvoroçou ainda a Associação Commercial contra a propaganda republicana, com a proposta da estatua do Visconde de Ouro Preto. E' o voto desse partido a explicação de todos os estranhos desequilibrios de nossa vida politica, dessas, mysteriosas e incomprehensíveis resistencias, difficuldades enormes, formidaveis, invenciveis ás vezes, e que, a não ser em seus effeitos, se nos affigirão imaginações de pesadello sem origem.

E' a intervenção inconfessada desse partido, em apparencia neutro, o grande obtsaculo da organização republicana; que tem levado ao desespero e á morte Benjamim Constant e Deodoro da Fon-

seca; que dominando inteiramente dos pontos estrategicos da centralisação politica e commercial, qual entre nós existe, dominando inteiramente o paiz, alimenta ainda agora pela desordem economica, pelo desenfreado furor de ganho, a inquietação popular, que agora ainda nos cansa como uma febre.

E' principalmente a acção deste partido a enfermidade do civismo brasileiro, que convida a petulancia de outras hostilidades mais positivamente internacionaes, e que os nossos cegos analysts de sociologia preferem investigar em rebuscadas metaphysicas deprimentes do character nacional, quando podião reconhecer a realidade patente e simples.

V. lealmente a denuncia, meu amigo, a triste realidade, indirectamente ao correr das paginas, das *Festas Nacionaes*, ou frente a frente quando opportunamente é preciso. E a denuncia com um desassombro que anima, com a serenidade que desdenha...

Transformar essa perversão morbida do nosso organismo social, remir o defeito institucional da nossa economia politica, dar batalha definitiva ao ruinoso conservatismo estrangeiro que nos ex-

plora, corrigir particularmente a bem da nossa dignidade de povo o predomínio colonial do portuguez, mover a construcção do Partido Conservador Brasileiro, rectificar a mira dos nossos esforços politicos pela tradição gloriosa dos nossos grandes predecessores — todo este ingente empenho viria a ser na realidade tarefa minima para um levantamento convicto do patriotismo esclarecido.

Eu quizera que fosse nesse sentido o seu nobre livro uma chamada ás armas, fosse por ultimar quanto antes as angustias em que o Brasil se exaure, o signal de um grande movimento, escola e guia aos ardores da mocidade, lição e aviso salutar ás consciencias honestas, extraviadas e trahidas. Tivemos um dia a revolução em nome da dignidade humana. Tivemos a revolução da dignidade politica. E' preciso que não tarde a terceira revolução: a revolução da dignidade economica; depois da qual sómente poder-se-ha dizer que existe a Nação Brasileira.

As nações não vivem de ter o nome sobre o mappa. E' preciso que a realidade se realise.

Eu desejava, ardentemente, meu amigo, que o seu livro, onde existe o fremito de tanta espontaneidade generosa, o seu livro que tão pungentemente estampa em gravura de sangue a imagem atormentada da Patria e que tanto espera, não

obstante, o seu honrado e raro compendio de civismo e de historia, marcasse o primeiro golpe ao ultimo combate da nossa emancipação; accendesse nos corações para o protesto vencedor a flamma do odio vivificante. Do odio em nome do Brasil: não do odio mau que offende e victima — do odio que reage, do odio que reivindica, do odio que redime, do odio pela Justiça, do odio santo que é apenas uma fórmula militante do amor.

RAUL POMPEIA.

24 de Fevereiro de 1893.



12 de Outubro

12 de Outubro

1492

CONSAGRADO À COMMEMORAÇÃO DA
DESCOBERTA DA AMERICA

Setenta dias de penoso trajecto por sobre as bravias ondas do inexplorado Atlantico já se tinham passado, depois que as tres galés havião a 3 de Agosto partido do tranquillo pôrto de Palos na desconhecida direção de Oeste cuja vastidão tenebrosa a imaginação popular povoára de lendas phantasticas que, pela tradição, transmittidas de epochas remotas muito preocupavão então os espiritos ardentes.

Batidas pelos ventos desencadeados sobre a vasta planicie do Oceano, á mercê das temerosas vagas indomaveis que se erguião no horisonte, muralhas movediças, como a querer vedar o caminho ao na-

vegante ousado, as tres pequenas galés, ora se perdião de vista, ora se aproximavão e se precipitavão umas sobre as outras, velas abertas, ao sabôr das ondas, num inconsciente duello de albatrozes.

Nascida a inquietação pela demóra do ambicionado porto, perdida a esperança de tornar a rever-se na pupilla brilhante das andaluzas formosas que na patria se ficarão á espera do retorno dos corajosos companheiros, instante a expectativa fatal da derradeira luta e do repouso ignorado, no tumulto onde vicejão os coraes de rosa, de, envolta com os destroços despedaçados das quilhas e dos mastaréos, lavravão o descontentamento e a revolta no seio da maruja audaz que secundou Colombo na realisação do seu sonho propheticó.

O intrepido genovez, ameaçado pela furia dos elementos e das paixões que se rebellavão contra elle, não desanimava entanto. No tombadilho alongava

o penetrante olhar perscrutador pelas raias do horisonte á espera de perceber na extrema linha, entre o ceu e o mar, a orla de sombra que deveria ser a terra da promessa.

Muita vez, entretanto, nas longas horas de vigilia em que levava a decifrar na seára estellifera a róta, inda não de outros conhecida, que elle agora milagrosamente singrava em busca dos novos mundos, com cuja existencia problematica sonhára, muita vez á vertigem do ideal escravisára o espirito possante de Christovão Colombo e a febre lhe trouxera em allucinações phantasticas a reproducção retrospectiva das multiplas paysagens da existencia.

Via-se criança, embebido na tradição dos grandes navegantes das Indias, passeando nas margens do formoso golfo natal e pedindo ás aguas azues o segredo das paragens remotas. Nauta desde os quatorze annos, rememorava as aven-

tureiras viagens de então pelas costas da Italia, do Levante e da Africa ; depois, convencido do auxilio que ao genio presta o estudo, revio-se entregando-se ao estudo profundo da astronomia, da geometria, da cosmographia; mergulhando-se na leitura das viagens dos povos antigos sobretudo embevecido nas *maravilhas do mundo* descriptas nas narrativas das viagens de Marco Polo.

Tempos depois, era então 1470, achou-se nas praias de Lisbôa, á margem do formoso Tejo, de onde partião as mais frequentes velas enfunadas. Ahi, engajou-se com o ousado Perestrello. Com elle, aventurando-se por mares temerosos, conquistou-lhe a amizade e a confiança. De volta á Lisboa, seduziram-no os faceiros olhos de D. Philippa, filha dilecta do marujo. Com a filha veio, pouco depois, pela morte do capitão a herança das observações nauticas do velho, dos antigos roteiros percorridos,

dos poentos mappas garatujados pelo marinheiro ...

A descoberta de novas terras, a exploração dos mares, era então a preocupação de todos os espiritos.

Por toda a parte se ouvia a narração entusiastica das longas travessias de mares desconhecidos e da volta triumphal dos audazes navegantes, cheios de gloria e ricos de pedrarias e metaes preciosos trazidos das terras distantes a que havião aportado.

Via-se então Colombo na luta que se travou nas suas cogitações, entre a concepção da espheroicidade da terra em cuja verdade cria e a crença dogmatica, arraigada, de purissimo catholico. Na infancia lhe havião ensinado, de accordo com a lição da Biblia, que a terra era uma superficie plana e que sobre ella, como um pallio infinito, o ceo se desdobrava, regular, na periodicidade da treva e da luz, inconstante, na continua

metamorphose da atmospherá. Os doutores e os principes da Igreja não haviam cessado ainda de proclamar a verdade da Biblia contra as pretensões estultas dos hereges que ouzarão pensar que a terra era uma esphera e que, por esse caminho, heresia das heresias! haviam de chegar a affirmar que essa esphera movia-se no espaço... Onde, pois, irião ficar o paraizo dos justos sobre a terra e a mansão do castigo que a concepção catholico-romana fixava por baixo da planicie terrena?..

Lembrava Colombo as longas noites de insomniá em que o espirito se despedaçava na luta de morte da sciencia e da religiã. Mas a sciencia triumphou; por fim o moço genovez chegou á comprehensã perfeita da formaçã do globo terreno e da necessaria existenciá de novos continentes de que a Cipango de Polo deveria ser uma sentinela avançada na amplidã do Oceano. Nascida a con-

vicção, formado o designio da verificação do plano concebido, lembrou-se então Colombo da pequena republica onde, ao nascer, sentira o marulhar das agoas do golfo e quiz doar-lhe a revelação primeira dos seus arrojados projectos. Na patria negarão-lhe ouvidos. Em Genova não se prestou attenção ás entusiasticas esperanças do filho patriota e o pequeno auxilio que elle supplicava, em troco da perspectiva do dominio de um mundo que elle promettia, foi-lhe peremptoriamente negado.

Voltou-se então para Portugal. Governava o velho reino um principe ambicioso e perfido, D. João 2.º, que, depois de haver attentamente ouvido o plano de Colombo, examinando suas cartas e comprehendendo seus calculos, armou secretamente uma caravella que fez seguir pelo caminho indicado para furtar ao humilde genovez, em proveito do seu throno e de sua gloria, a descoberta dos

mundos cuja existencia fôra desvendada aos seus olhos cupidos.

A caravella do rei João II não teve, porém, feliz destino. Pouco tempo depois de haver deixado as ribanceiras quietas do Tejo, entrou-lhe novamente as aguas, desarvorada pelos tufões do Atlantico.

Na côrte portugueza negou-se, finalmente, ouvidos a Colombo, depois do insuccesso completo da infiel tentativa do furto de sua descoberta.

Havia, porém, um outro paiz no velho mundo, que estava cheio de gloria e entrava, no momento, em nova phase com o enlace de dois thronos irmãos, o de Castella e o de Aragão, pelo matrimonio de dois principes, Izabella e Fernando — era a Hespanha. Para ella dirigio os passos o visionario repudiado.

Oito annos durou a luta desigual, travada entre Colombo de um lado, abroquelado na sua convicção profunda e na confiança inabalavel em sua bôa estrella,

e de outro lado pelo descredito em que o tinham os reis esposos, pela fama de visionario que envolvia o seu nome, pela inveja dos que acreditavão na possibilidade de successo do plano e, sobretudo, pelo obstaculo invencivel que oppunha á realisacão de suas ideas, como um reducto inexpugnavel, a doutrina catholica e os padres dessa Igreja. Colombo affirmava que a descoberta das novas terras traria para a corôa de Hespanha milhões de subditos e contra essa herezia ethnologica insurgia-se inteiro o clero, tendo á frente o Arcebispo de Toledo, em nome da paternidade exclusiva de Adão. O Evangelho lhes ensinava, Santo Agostinho havia confirmado: — todos os homens descendião de um só pae. Os povos do Universo, para cuja salvacão o filho de Deus havia vindo soffrer neste valle de lagrimas, não podião ser outros senão aquelles que nascerão na Europa, na Asia e na

Africa, com a disseminação dos tres filhos de Noé, após o diluvio. (*)

Não poderia haver, pois, esse novo mundo sonhado, esses novos habitantes da terra, que não descendião de Adão.

Colombo era um hereje, porque a religião catholica era verdadeira e não podia ser destruida. Se a esse tempo Ignacio não estivesse na primeira infancia, brincando nas alamedas da quinta de Loyola, na Biscáia; se já houvera lançado as bases da formidavel com-

(*) Para aplainar a difficil conciliação ethnologico-religiosa, depois da descoberta dos selvagens do novo mundo os Hespanhóes lançarão mão de bizzaros expedientes; o edital que se vae ler, affixado nas costas das Antilhas, em 1509, para sciencia do gentio sobre o inicio de sua genealogia, dá ideia da extravagancia dos meios empregados. Eis o edital:— Eu, Alfonso de Ojeda, servidor dos altissimos e poderosos reis de Leão, conquistadores das nações barbaras, seu emissario e general, vos notifico e declaro do modo mais cathorico, que Deus Nosso Senhor, que é unico e eterno, creou o ceu e a terra e um homem e uma mulher, dos quaes vós e eu e todos os homens, que forão e serão sobre o mundo, descendem. — (*Apud* Oliveira Martins. *Hist. da Civilização Iberica*. L. IV. 5, pg. 225.)

panhia que dominou o mundo, por certo a santa inquisição teria furtado a Colombo a gloria de aportar primeiro e conscientemente ás terras abençoadas do novo continente.

Mas não tinha ainda sido talhada a primeira roupeta e Colombo poude continuar a campanha desassombradamente. Oito annos durarão as lutas, mas a persistencia do genovez que havia encontrado albergue em um mosteiro da Andaluzia, graças á protecção de um padre de espirito elevado, o prior João Peres, o devotamento heroico, a convicção inabalavel com que a todo o instante renovava o pedido de auxilio e protecção para o seu commettimento trouxerão as sympathias da rainha Izabella, ao mesmo tempo que a promessa constante de riquezas inauditas collocou de seu lado a opinião popular. Assim que, após oito annos vividos dia á dia na campanha incessante em prol do seu ideal contra

todos os elementos e todas as paixões desencadeadas sobre sua cabeça, o pobre aventureiro genovez, com as problemáticas honras de vice-rei das terras que ia descobrir, distribuiu uma centena de heróis pelas caravellas *Santa Maria*, *Pinta* e *Niña*, cedidas para a empresa pela munificência real e que, uma bella manhã, enfunando as velas alvadias aos ventos das montanhas, partirão-se em busca do sonhado ideal.

Tudo isso, toda a legião das vicissitudes e dos desesperos de todos os dias da existência procellosa, desdobravão-se ante a imaginação ardente do aventureiro inspirado, nas longas horas de angustiosa esperança, que passava na tolda de seu navio, debalde alongando pelo mar infinito o intelligente olhar prescrutador.

Colombo lutava agora com a revolta dos companheiros. Toda a confiança que elle inspirava, toda a logica que

elle desenvolvia erão impotentes ante tão demorado porto.

Duas vezes havia feito a lua em todas as suas phases a apparição, ainda inexplicada, pela abobada celeste; já, novamente, como uma quilha de galéra errante, começava a despontar um terceiro novilunio...

Setenta sóes se havião mergulhado na extrema do oceano e outro já ia alto no céo, ao reverbéro das ondas esplendentes...

Nenhum signal de terra, sómente o mar, o mar sem fim agitando-se tumultuoso sob as perspectivas inconstantes do céo.

Subito um reboiço enorme propagou-se por toda a tripolagem. Uma linha escura, irregular, surgira no horisonte, como uma ponta de terra; em pouco tempo destacavão-se os perfis das montanhas, apercebião-se as arvores da pla-

nicie e a orla da praia onde as ondas arrebentavão espumantes.

Terra! terra! gritavão todas as bocas; *salvação!* sentião todos os espiritos. Entre todos, porém, havia uns labios que nada dizião, uma alma que nada sentia, porque a commoção do momento era tanta que lhe impedernia por dentro a voz e o sentimento. Erão os labios, era a alma de Christovão Colombo...

O heróe via-se agora cercado por todos que o havião amaldiçoado durante os ultimos tempos da derrota.

Prostravão-se agora a seus pés, adoravão-no como a um deus, que lhes entregava assim aquelle paraiso de vegetação opulenta que lhes era dado no momento contemplar tão proximo.

Pelos calculos que se fez era o dia 12 de Outubro de 1492. São Salvador chamou-se a nova terra. Estava descoberto o novo mundo, entregue á exploração dos homens um continente opulen-

tissimo, jazida ignorada de todas as riquezas phantasticas que o capricho das forças da natureza se esmera em fabricar para alimento do luxo oriental dos nababos de gosto.

Ao saltarem em terra os primeiros ousados que se lançarão n'agua, n'uma carreira desordenada, aos berros, fugirão legiões vermelhas de selvagens nús.

Erão os novos subditos de Hespanha, rebeldes ainda e que desconfiavão já da funesta invasão daquella gente branca que sahira do bôjo dos extranhos animaes de grandes azas que, nadando, vierão sobre as ondas até tão perto da praia...

Foi de farta colheita o tempo de demóra. Cheio o concavo das caravellas de tudo o que se pode arrebanhar para dar idéa á mãe patria da opulencia e riqueza dos novos dominios, voltou pelo caminho andado o glorioso marinho.

Levava então o triumpho e a alegria n'alma. Teve no reino a entrada de um heróe. Mas não durou muito a aclamação dos homens; é sempre ephemera a apôtheose dos contemporaneos. As proporções enormes a que attingio o vulto de Colombo offuscárão a grandeza official da Magestade hespanhola: «e as monarchias não tolerão que um simples cidadão seja maior que o rei (*)». Cedo começou infrene campanha contra o descobridor do novo mundo. Tudo lhe foi dado soffrer. Duas vezes voltou ainda aos novos dominios que o seu genio havia descoberto para gloria e fortuna da ingrata Hespanha.

Da ultima, foi transportado ao velho mundo, preso e coberto de ferros, como um criminoso vulgar e afinal, apoz 76 annos de uma existencia das mais fe-

(*) Benj. Gastineau, *Genies de la science et de l'industrie. La navigation.*

cundas que tem tido o genero humano, este benemerito, alquebrado e enfermo, na ultima extremidade de sua velhice, em Sevilha, mesmo no seio da nação que elle tornára a mais opulenta e poderosa do mundo, morreu, envolvido n'um habito de franciscano, talvez na rua, porque, nos seus ultimos dias, escrevera elle a seu filho: « Se eu quero comer, se eu quero dormir, preciso bater á porta de um albergue e muita vez não possuo com que pague a mesa ou a dormida. »

Assim mesmo, Colombo, se expirou cedo de mais para saber que havia descoberto um mundo, da mesma maneira porque Moysés morreu sem haver penetrado na terra da promissão, expirou tambem cedo para que tivesse conhecimento da derradeira e mais pungente prova da ingratição dos povos e da injustiça dos reis: fechou as palpebras ignorando que ao mundo que elle des-

cobriria foi dado o nome de America,
em homenagem e para gloria perpetua...
do ultimo talvez dos seus pilotos: —
Americo Vespucio.



3 de Maio

3 de Maio

1500

CONSAGRADO À COMMEMORAÇÃO DA
DESCOBERTA DO BRASIL

Depois que a pertinacia do valoroso infante D. Henrique, Duque de Vizeu, lançou o pequenino reino de Portugal, —graças ao valor do primeiro Affonso desmembrado do conjuncto do imperio peninsular—, nos vastos emprehndimentos de conquistas e descobertas de novas terras atravez das regiões desconhecidas dos mares, esse pequeno reino havia dilatado os seus dominios pelas quatro partes do mundo, accrescendo ao seu territorio novas terras descobertas e tornando-se a mais poderosa potencia do globo.

A's consecutivas descobertas de Tristão Vaz, Gonçales Zarco, Fernando de

Castro, Velho Cabral, Diniz Fernandes, Antonio de Nolla, Cadamosto, Nunes Tristão, que incorporarão ao dominio da corôa luzitana uma sementira de ilhas perdidas na vastidão do oceano, Bartholomeo Dias e Vasco da Gama, dobrando primeiros o cabo tormentoso, vierão juntar, enriquecendo o patrimonio de sua terra, o caminho para o ambicionado imperio do Oriente.

Tornou-se então Portugal o mais opulento dos reinos.

As riquezas da Arabia e da Persia, das costas da India e do Mongol, da China e do Japão erão todas trazidas para a capital do Reino para dahi serem distribuidas pelo commercio de todas as cidades europeas.

Lisbôa era o maior emporio do mundo. Para elle se havia deslocado a importancia mercantil da Veneza dos Doges.

Por toda a parte tremulava o poderoso pavilhão das quinas, ou balouçando-se

nos mastros das galeras e das caravellas fundeadas em todos os portos conhecidos do mundo, ou fluctuando nas ameias das fortalezas erguidas nas terras conquistadas.

Já agora não era o prurido dos descobrimentos que dominava o espirito aventureiro dos luzitanos, senão o trabalho da conquista e conservação das terras descobertas.

Era preciso disseminação de forças pelos lugares incultos para reprimir a pirataria dos forasteiros que, seguindo cautelosos a esteira espumante das náos portuguezas, aprendião o caminho das paragens remotas onde abundavão as riquezas naturaes que tão cubiçosamente ambicionavão.

Era preciso o apparatus da força e da riqueza para dominar pelo terror as gentes das terras povoadas do Oriente, nas quaes se encontrára uma civilisação, cujo

commercio o portuguez desejava monopolisar.

Cuidava-se, pois, agora não de dilatar dominios, mas de implantar a auctoridade e o protectorado nas terras descobertas, de consolidar a posse do vasto imperio das Indias.

Em Kalikodou, maior centro commercial das especiarias da Asia, que os portuguezes na corruptéla da pronunciação latina decifrarão Calicut, aos olhos de Samodri-Rajah, que os chronistas do tempo chamarão—o Çamorim, e de sua opulenta côrte de guerreiros e mulheres, havia passado Vasco da Gama por um pirata impostor disfarçado em fidalgo aventureiro e seu poderoso rei e senhor, com todos os seus dominios e esquadras, por uma historia phantastica para, no momento, atordoar a imaginação ardente dos orientaes.

Os conceitos atrevidos e, sobretudo, o procedimento perfido do rei, pois o ca-

pitão que fôra recebido com honrarias e festas teve de deixar o porto precipitadamente perseguido pelas munições bellicas de Çamorim raivoso, encherão de cólera o brioso capitão.

Forçoso era pois dar ao principe oriental, desconfiado e perfido, uma tremenda lição da qual se tirasse todo o proveito no sentido de accentuar o predominio portuguez nas Indias.

Uma grande esquadra de náos valorosas como então já se fazia para as travessias do Atlantico e com grandes bojos para receptaculo e transporte das especiarias do Oriente, se apparelhou para que seguindo o caminho das Indias fosse attestar ao principe de Calicut o poder e a força do amo e senhor do supposto pirata.

Presidia então os destinos da nação luzitana o *venturoso* D. Manoel, em cuja existencia prospera tantas e tão assignaladas circumstancias elevárão ao apogeo

o reino cujo governo herdára dos Mestres de Aviz.

Aparelhada a frota, que se compunha de treze náos e guardava no bojo um exercito de mil e quinhentos homens, foi designado almirante para levar a cabo a derrota, recebendo ainda especialissima missão diplomatica ante as côrtes do Oriente, o destemido fidalgo Pedro Alvares Cabral.

A esquadra levantou ferros no dia 9 de Março do anno 1500 deixando as aguas do Tejo.

As mais sumptuosas solemnidades religiosas haviam precedido a partida da frota. Cabral acompanhado do rei, da côrte e de tudo que havia de nobre e opulento em Lisbôa, foi ouvir missa na capella, em intenção dos que andão por mar alto, erecta na ponta do Restello pelo illustre infante D. Henrique.

Sob o pallio real teve assento o almirante, insigne distincção, e, finda a ceri-

monia, até á praia seguiu solemnissimo cortejo. Bandeiras desfraldadas, cruces e reliquias alçadas, galhardetes multicolores, tudo se agitava no ar quando, ao cantar da maruja que levantava os ferros pesados, balouçarão-se á merce das correntes do rio as náos que ião partir, saudando a terra com a estrepitosa symphonia de uma salva real.

Foi assim, no meio das benções e das aclamações de um povo, que deixou o Tejo o capitão heroico a que Portugal confiára melindrosa commissão, mas a que o destino reservava muito mais sublime escopo e decidida co-operação no successo da prompta integração do mundo.

Alguns dias levou a frota a direcção designada para exacto cumprimento das regias determinações; em alto mar, porém, o almirante não resiste á curiosidade de verificar se ao sul das *indias* a que Colombo apörtou, não existem ou-

tras *indias*, talvez mais ricas e mais extensas.

Pouco importava em verdade alguns mezes mais que levasse para dar cumprimento á sua delicada missão. Firmada a resolução, deu o almirante ás náos a direcção de Oeste.

Era impossivel que as terras descobertas por Colombo fossem a *finistera* dessas indias occidentaes. O archipelago no qual o genovez plantára o pavilhão de Castella deveria por certo estender para o Sul os innumeraveis dorsos opulentos de suas ilhas ou talvez, quem sabe? além dellas não se ostentasse a massissa extensão inculta de todo um continente... Era favoravel a direcção dos ventos e a formosa esquadra de velas enfunadas avançava afastando-se do caminho da viagem determinada.

Foi prospera a empreza: alguns dias depois avistou-se o cume de um grande

morro e os navios tomárão o caminho da terra.

Era esse dia, segundo a memoravel *carta* de Pero Vaz de Caminha — o dia 22 de Abril. E' corrente, porém, a opinião de que a descoberta do Brasil se deu a 3 de Maio, dia consagrado, por iniciativa de Antonio Gonçalves Gomide, para abertura das primeiras *côrtes* brasileiras, bem assim confirmado pelo artigo 18 da Carta Constitucional do Imperio e pelo artigo 17 da Constituição da Republica para a abertura dos trabalhos do corpo legislativo e santificado pelo Governo Provisorio como dia de festa nacional.

O Sr. Beaurepaire Rohan procura conciliar a divergencia da chronica sobre a data do descobrimento do Brasil (*) com a *correccão gregoriana* do calendario Juliano. E' sabido que este calendario

(*) *Rev. do Instituto Historico e Geographico*, vol. 32, 2ª parte, pg. 231

contava erradamente no anno solar 365 dias e 6 horas, quando effectivamente a sua duração é de 365 dias, 5 horas 48' 47",5.

Da insignificante differença de pouco mais de 11 minutos em cada anno nasceu, a contar-se da epocha do Concilio de Nicea, em 325 depois de Jesus Christo, até o pontificado de Gregorio XIII, um lapso de dez dias que o anno civil adiantou sobre a evolução natural do anno solar.

Ouvidos os astrónomos notaveis do tempo e verificado o erro, o pontifice, pois tudo os pontifices podião nessas epochas de fervor catholico—o pontifice decretou a correcção do calendario, que trazia em seu nome a recordação de Julio Cesar que o fizera adoptar, e mandou que ao anno civil de 1582 se supprimissem dez dias passando-se do dia 4 de Outubro immediatamente ao dia 15 do mesmo mez

Dahi nasceu que alguns historiadores e chronistas levarão a obediencia á errata pontificia ao extremo de fazel-a retroagir aos tempos anteriores a 1583 rectificando a epocha dos factos occorridos sob o regimen do calendario Juliano para a data correspondente no calendario Gregoriano. Assim é que o dia 22 de Abril do anno de 1500, em que indiscutivelmente foi pela primeira vez descortinada a terra brasileira pela gente de Cabral, corresponde, com o desprezo de uma parcella diminuta de tempo, ao dia 3 de Maio, segundo a correcção Gregoriana, adoptada 83 annos depois, correspondendo igualmente a data da partida de Lisbôa — 9 de Março — ao dia 20 do mesmo mez.

22 de Abril ou 3 de Maio, era de facto esse dia o seguinte ao Domingo de Paschoa e monte Paschoal foi o nome que teve a porção do Brasil que primeiro surgiu aos olhos avidos por verem terra da maruja de Cabral.

Os navios tomarão então a direcção da costa. Chegarão até onde puderão calar as menores nãos da frota, e ahi serão colhidas as pandas velas brancas e onde se vião pintados os braços da cruz da Ordem de Christo.

O corajoso Nicoláo Coelho foi mandado á terra a fazer as primeiras diligencias de reconhecimento. Ao saltar na praia encontrou alguns selvagens que armados de arco e frecha mantiverão-se sómente em attitude de defesa.

Com elles entrou em relações Coelho que conseguiu pouco depois, com algum esforço de mimica, captar a confiança do mais docil a quem deu como presente um barrete vermelho que levava á cabeça.

Essa primeira dadiva feita pela civilização conquistadora da Europa ao selvagem americano, o presente desse barrete vermelho como que já indicava a predes-tinação do novo mundo para a futura séde da hegemonia republicana.

Foi esse barrete vermelho o vinculo da concordia, a credencial das relações que se estabelecerão. Outros selvagens se aproximárão, presentes forão trocados e a confiança nasceu.

Ahi permaneceu a frota algumas horas. Os ventos impetuosos, porém, que sopravão rijamente sobre a costa, obrigárão Cabral a fazer caminho, bordejando a praia em busca de uma enseada onde pudesse abrigar tranquillamente os seus navios. Algumas milhas transpostas abriu-se para a mão alvacenta da areia formosissima e abrigado porto, a cujas aguas viradas a esquadra recolheu-se para descansar da jornada e tomar conta do terreno descoberto.

Então firmárão-se oficialmente as relações entre o gentio e o invasor. Alguns selvagens forão recebidos em audiencia solemne, na não capitânia por Cabral que se apresentou aparatosamente adornado com todas as insignias de sua

alta dignidade e com todo o esplendor de encenação de sua comitiva e de seus paços errabundos.

Por sua vez Cabral desceu á terra, onde armando-se as construcções necessarias para a celebração da missa, pela primeira vez, os versiculos latinos do ritual catholicó forão cantados sob as abobadas verdes das florestas seculares da virgem Cabralia.

Dias depois foi plantada em uma elevação que dominava a costa uma grande cruz talhada em madeira de lei, á qual foi adaptado um escudo com as armas luzitanas.

Estava firmado para a corôa portugueza o dominio das novas terras. Gaspar de Lemos foi mandado ao reino para communicar ao venturoso monarcha a descoberta de mais esse florão inestimavel para sua corôa e Cabral aprestou a frota para, continuando a derrota do Gama, dar cumprimento ás instrucções

que recebera, de cujo exito feliz procurava descobrir inequivoco prenuncio no felicissimo incidente que se intercalára na viagem.

Ao gentio americano era completamente extranho o europeu que aportára casualmente a suas plagas; entretanto, as febres chronicas que seculos antes já scan- dinavos havião percorrido grande parte do novo mundo (*) e é corrente a historia do velho João Ramalho que longos annos viveo na Capitania de S. Vicente onde falleceu na mais avançada idade, devendo ter chegado ao Brasil muito antes de Pedro Alvares Cabral, porventura atirado á costa como derradeiro despojo de uma galéra naufragada. (**)

Veja-se a memoria apresentada por Carlos Christiano Reyer á *Sociedade dos Antiquarios do Norte*, de Copegnague, da qual se encontra uma traducção portugueza na *Revista do Inst. Historico e Geographico*, vol. 2 de 1840.

(**) João Ramalho aos 3 de Maio de 1580 fez testamento em as notas do tabellião Lourenço Vaz, da Villa de S. Paulo e na presença do juiz ordinario Pedro Dias e de quatro testemunhas dignas de fé, declarou que estava no Brasil desde

Mesmo saindo da chronica remota, quasi apagada na inconsistencia da fabula, consigna a historia ainda as viagens que á terra, que depois se chamou Brasil, fizeram Alfonso de Ojeda e Vicente Yanes Pinson, um anno antes de Cabral.

A viagem deste, porém, e a communição que elle fez ao rei e ao mundo da descoberta do novo territorio, forão os primeiros factos que sobre a nossa terra se arregimentarão na concatenação da chronologia, e que marcão o inicio da existencia historica do Brasil, que teve desde logo o seu pittoresco historiador, de indiscutivel auctoridade — Vaz de Caminha.

Partindo para o reino a caravella que foi levar á côrte a noticia do casual e felicissimo descobrimento, então Cabral continuou a derrota da India, deixando

1490. Vide na *Rev. do Inst. Hist. e Geog.* a *Noticia dos annos em que se descobrio o Brasil*. Carta do Padre-mestre frei Gaspar da Madre de Deus, vol. 2 de 1840.

firmado o dominio luzitano no novo paiz descoberto, — « vastissima região, felicissimo terreno em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas; tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino oiro, os seus troncos o mais suave balsamo e o seu mar o ambar mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções que em opulencia da monarchia e beneficio do mundo apura a arte, brotando as suas canas espremido nectar, e dando os seus fructos sazoadambrozia, de que forão mentida sombra o licor e vianda que aos seus falsos deuses attribuiu a cultra gentilidade. » (*)

Este novo paraíso era o Brasil.

(*) Sebastião da Rocha Pitta. *Historia da America Portuguesa*. L. 1.^o (Pitta é um dos mais remotos historiadores brasileiros, nasceu em S. Salvador da Bahia em 1660 e falleceu na mesma cidade em 1738.)

14 de Julho

14 de Julho

1789

CONSAGRADO À COMMEMORAÇÃO
DA REPUBLICA,
LIBERDADE E INDEPENDENCIA
DOS POVOS AMERICANOS.

Havia mais de cinco seculos, personificação petrea do regimen despotico que dominava a França, sobre o peito desse grande paiz, um monumento pesava, como o rochedo infernal nas espaduas de Sisypho. (*)

Era a Bastilha.

Contra ella convergião todos os odios; era ella a concentração de todas as attenções revolucionarias. Não que em toda a França apenas houvesse uma *bas-*

(*) Alex. Dumas. *Louis XVI et la révolution*, vol. 2, chap. XVIII.

tilha, não; outras e mais temerosas alçavão sobranceiras o collo massiço das muralhas acastelladas e as torres ponteagudas onde apenas o ar e a luz entram pela abertura esguia das setteiras. Erão ellas o *Chatelet*, *Vincennes*, o *Castello d'If*, *Pignerol*...

As *memorias* dos martyres sobre que mais pesado se fez sentir o braço de ferro do rei ou o capricho da favorita, estão cheias das sombras dos ergastulos escuros das bastilhas de França.

Nellas, por ordem do rei, era um homem esquecido, sepultado, enterrado, supprimido, e uma vez lá dentro, ficava até que o rei se lembrasse do triste prisioneiro. « Mas os reis tem sempre tantas cousas novas, nas quaes é preciso que elles pensem, que se esquecem muitas vezes de pensar nas cousas velhas. » (*)

E os tristes prisioneiros, culpados, as

(*) A. Dumas. *Ob. cit.* v. 2, XVIII.

mais das vezes, apenas da antipathia de um fidalgo, dos embaraços que oppunhão aos desregramentos da esposa formosa, do pensamento, da allusão, do conceito menos lisongeiro, ennuuciado, por indiscripção, sobre os homens e as cousas da governança e da côrte, — os tristes prisioneiros passavão os annos dentro das quatro paredes lobregas do carcere, perto do montão de palhas, nunca renovado, que lhes servia de leito e como epilogo vinha finalmente, depois de todas as dolorosas consequencias morbidas da longa inanição, a morte ignorada e o enterramento silencioso sob um falso nome, para maior segurança de um covarde esquecimento...

Mas, a bastilha por excellencia, aquella que por si só valia por todas as outras, era a fortaleza da porta de Santo Antonio, construida por Carlos V em 1370 e que, mesmo no coração da França, no centro da Lutecia antiga, zombando

do povo que na azafama diaria circumdava em torno della, retinha nas suas entranhas de pedra, sem écho, a lamentação de todos os soffrimentos injustos e alimentava com a humidade e a luz rarefeita das setteiras a dolorosa germinação da existencia dos prisioneiros.

Era ella o symbolo da tyrannia dominadora; esse monumento plantado na capital do reino é que imprimia o cunho ao systema feudal que infelicitava a França. Por isso é que contra elle se voltavão todos os odios é que elle attrahia sobre si todas as attensões revolutionarias, é que quando nos trabalhos preparatorios para installação dos Estados-Geraes, a attitude decisiva do *terceiro estado*, a mais poderosa das forças que presidirão á evolução da civilisação franceza, a attitude dos verdadeiros representantes do povo, daquelles que não tendo privilegio de nascimento ou de classe, forão tambem mandados a coope-

rar com Luiz XVI na reorganisação da França, que este suppunha preparar, suffocando por meio de reformas liberaes as aspirações liberrimas do povo, quando o verbo de Mirabeau, de Bailly, de Sieyés, levando para o recinto sagrado das deliberações do grande conselho a palavra do povo, as aspirações nacionaes, os primeiros protestos pela regeneração da patria, quando tudo isso determinou a direcção que deverião tomar os trabalhos da Assembléa, — o povo, cá fóra, comprehendeu que havia soado o momento da tremenda tomada de contas aos depositarios do poder publico pelo abuso que havião feito da auctoridade, e a primeira cousa que, como symptoma preliminar da reivindicação que se ia operar, se esboçou no espirito popular, foi a conquista do gigante de pedra cujo somno apparentemente calmo era feito de milhares de gritos, de milhares de angustias.

« Em seguida á reunião dos Estados-Geraes os eleitores de Paris não se quizerão separar apoz a eleição, e se tinham conservado reunidos em assembléa permanente ou para darem instrucções aos seus representantes ou para satisfação deste desejo de se reunir, de se agitar, que vive sempre no coração dos homens e que arrebenta com tanta mais violencia quanto foi longo o tempo em que esteve comprimido. » (*)

Assim, tudo era pretexto para reuniões tumultuarias. A agitação campeava indomita pelas praças da grande cidade e a marcha triumphante dos trabalhos reformadores dos Estados-Geraes, já então transformados em Assembléa Nacional, mais animava o povo a proseguir na ruidosa accentuação de sua liberdade conquistada.

Por outro lado, se a parte sã da po-

(*) Thiers. *Histoire de la Révolution Française*, vol. I. Livre 2.^{eme}

pulação franceza via com bons olhos o movimento que se desenrolava no coração da patria, querendo descobrir nelle o prenuncio de uma era melhor, em que entrasse o principio do poder popular como elemento de governo, os ambiciosos e os descontentes poderosos, os máos e os bandidos que não perdem occasião para dar pasto aos sentimentos perversos que lhes róem a alma, abusarão das legitimas expansões do povo, conduzindo-o á pratica de actos reprovados e incitando-o a assignalar de uma maneira pavorosa aquellas scenas memoraveis.

Foi nesse estado de cousas e no meio dessa exaltação de animos que chegarão a Paris os primeiros rumores sobre as sinistras machinações da Côrte contra a Assembléa Nacional.

Nas proximidades de Versailles concentravão-se todas as forças da monarchia, na maior parte estrangeiras. De

todos os pontos do paiz onde se aquartellavão batalhões, erão elles chamados a se reunir ao grosso das tropas, cuja permanencia nos arredores da cidade onde funcionava a Assembléa Nacional, era uma constante ameaça á liberdade e independencia de suas deliberações.

Entretanto a Assembléa proseguia gloriosa em sua carreira, abalando nas mais profundas raizes o edificio das instituições tradicionaes. Presentindo a ameaça de que era victima e no intuito de evitar o golpe que lhe parecia imminente, foi ao encontro dos acontecimentos e corajosamente manifestou ao rei o desejo que tinhão os representantes do povo de ver afastar-se do lugar de suas sessões aquelle despropositado contingente de tropa.

Emquanto a Assembléa via nesse estado de cousas um prenuncio do proximo termo de suas deliberações, os personagens mais conspicuos da Côrte:

a rainha, a Sra. de Polignac, ião em pessoa ao acampamento da soldadesca manifestar com a sua presença graciosa a confiança que depositavão nos seus bons serviços para garantia do successo da causa da Côrte, em detrimento da causa do povo.

Foi nestas circumstancias, quando todos os factos erão symptomas da proxima realisação da conspiração cortezan, que se soube da secreta substituição do popular ministerio de Næker pelo conselho dos aulicos conspiradores, entre os quaes avultava o typo desse Foulon, antigo intendente que, pelas suas exacções, apoz os delirios de 14 de Julho, foi massacrado pela multidão de Paris, apesar da energia que Lafayette desenvolveu para furtal-o aos horrores de um justicamento summario na praça publica.

As agitações augmentavão no seio da Assembléa; o desespero deu azas á energia e os decretos da memoravel

sessão de 23 de Junho forão approvados.

Quando a noticia de todas essas occurrencias gravissimas chegou ao coração da França, para onde, como no organismo humano, affluiu todas as forças vitaes que circulavão no resto do paiz, o desespero e a indignação chegarão ao auge e o alarma, que se propagou por todos os espiritos, levou o povo de Paris a reunir-se nas immediações do jardim do *Palais Royal*, onde uma criança, cujos labios então forão os primeiros a proclamar a palavra — *republica!* —, Camillo Desmoulins, em uma ardente allocução palpitante de enthusiasmo, prendendo ao seu chapéo, á guiza de um tópe, a folha de uma arvore, concitou o povo á revolta.

As arvores do vasto parque despião-se de folhas e em um momento o tópe verde estrellava os chapeos de toda uma população.

Então começou o delírio. Pelas ruas a grande massa popular colleava como um extranho reptil de milhares de boccas estrepitantes. Ao encontro da massa popular desarmada vierão as legiões estrangeiras do príncipe de Lambese e começou em Paris a luta horrorosa, na expressão do duque de la Rochefaucauld, — entre os francezes indisciplinados, que não obedecião a ninguem, e os estrangeiros disciplinados, que se movião aos acenos da tyrannia.

As tropas agora concentravão-se na grande capital, e tal era o seu numero e taes erão as disposições bellicas que manifestavão, que houve um momento em que o terror pareceu suplantar o enthusiasmo; mas o proprio desespero das massas assaltadas e dizimadas pela mosquetaria paga das hostes inimigas, trouxe forças novas ao povo amotinado.

Assim havia chegado o dia 13 de Julho. A necessidade de se prover de meios

mais efficazes de defeza e de ataque levou o povo a saquear as casas de armas e a capturar no Sena barcaças de polvora que levavão o destino de Versailles. Distribuição de armas e munições se fez por todos e a massa popular agora não era mais sómente o reptil estrepitoso, mas um formidavel animal aggressivo e armado de milhares de pistolas, de milhares de chuços, promptos para o ataque e, o que é mais, convencidos da victoria.

Era preciso porém, um facto decisivo, que demonstrasse o poder do povo, a força da soberania nacional e alguém, um heróe anonymo, lembrou-se da Bastilha.

Á Bastilha! Á Bastilha! foi o grito que num momento repercutio por todos os cantos da cidade, repetido delirantemente por milhares de boccas.

Entretanto era uma aspiração desarrazoada essa da conquista do forte secular

que impavido resistira aos ataques tremendos de gloriosos capitães. Os seus muros tinham a espessura de dezenas de pés e eram cercados pelos profundos fossos a que sómente davão passagem as inexpugnaveis pontes levadiças; as suas ameias erão guarnecidas por temerosos canhões cujas guelas, ao primeiro signal, vomitarião a morte e o incendio.

Ninguém pensava, ninguém podia pensar seriamente em tomar a Bastilha. Todos conhecião perfeitamente as suas condições naturaes de defeza, os seus poderosos elementos de ataque. A conquista era uma dessas idéas que só poderia nascer no espirito do povo, insurgido como os elementos inconscientes de sua força, desperto de sua pacatez habitual. E não houve plano preconcebido de conquista, a acção não teve a direcção superior de um general. Houve apenas um grito, cada qual commandou as proprias energias e o ataque foi invencivel, porque a invasão era indomavel.

O povo, porém, reunido em torno da colossal molle de pedra, antes de manifestar sua vontade inabalavel por qualquer maneira mais decisiva, mandou um mensageiro á fortaleza intimal-a a que se rendesse.

Esse mensageiro foi Thuriot. É uma das paginas mais characteristics da historia a visita que á temerosa praça de guerra, governada pelo facinoroso Marquez de Lunay, ultimo representante da dymnastia dos governadores da Bastilha, fez na manhã de 14 de Julho de 1789 o cidadão Thuriot de la Rosière, delegado do povo francez.

Era um simples cidadão, sem armas e sem defeza, introduzido dentro das portas do fórte inexpugnavel, cercado de uma legião de soldados obedientes a um chefe deshumano e perfido, mas um cidadão que trazia uma delegação tão solemne naquelle momento, que representava o triumpho de um principio tão

victorioso naquella epocha — o da soberania popular — que a sua simples presença dominou e abateu o espirito daquelles que representavão a oppressão.

A entrevista de Thuriot e de De Lunay foi o primeiro encontro, face á face, que se deu entre o povo e o despotismo. Quando Thuriot, feita a intimação, deixou o castello e as pontes levadiças baixarão para deixar passar incolume o simples cidadão, a Bastilha estava tomada, a tyrannia estava por terra, a monarchia agonisava. Era entretanto um ultimo arranco: De Lunay resistia. Começou então a luta; mas era tal a furia da multidão querendo escalar o gigante immovel, era tal a fé, o animo, a convicção com que o assalto foi dado, que a praça de guerra não poude resistir e rendendo-se afinal, depois de sangrenta defeza, entregou á discripção dos furiosos assaltantes a vida dos seus guardas. Pelas portas que se abrirão a

onda invasora precipitou-se e no refluxo espraçou-se em delírio pelas ruas de Paris passeando no alto de uma lança ensanguentada a cabeça decapitada do governador bandido.

*

Esses são os acontecimentos que salientão entre os dias da revolução, aquelle que viu o sol de 14 de Julho.

Foi nesse memoravel dia que se deu a primeira batalha, que se alcançou a primeira victoria; d'elle decorrem todos os successivos triumphos, que foi obtendo de então em diante a causa popular, porque o povo nesse dia deu ao despotismo a medida dos elementos de que podia dispôr e da força de sua vontade.

Outros dias forão assignalados com triumphos mais positivos da democracia. A victoria do dia 14 de Julho é por assim dizer, symbolica.

Em 1789, no dia 12 de Agosto forão solemnemente declarados *os direitos do*

homem; em 1792, os dias 20 de Junho e 10 de Agosto virão a invasão revolucionaria da população nos paços reais, onde habitava a familia de Luiz XVI; o dia 20 de Setembro marcou a abolição da realza e o estabelecimento da republica pela Convenção Nacional; em 1793, o dia 21 de Janeiro, que se tingio do sangue do rei, justicado mais pela herança das culpas dos antepassados, do que pelas de sua propria fraqueza e indecisão, o grande dia 7 de Thermidor, em que a reacção girondina suffocou os desmandos do jacobinismo demagogo, preparando o advento do respeito á lei, da abolição do Terror...

Outros forão os dias em que as conquistas se accentuarão, em que os castigos forão sancionados; mas o dia 14 de Julho é o dia da revolução por excellencia; a Bastilha era o melhor apparelho do despotismo: a sua tomada foi a maior conquista da liberdade.

21 de Abril

21 de Abril

1792

CONSAGRADO Á COMMEMORAÇÃO
DOS PRECURSORES DA INDEPENDENCIA
RESUMIDOS EM TIRA-DENTES

Havia chegado ao Reino a não Cabral enviára ao venturoso monarcha dando conta do feliz e casual successo da descoberta das *indias* do Sul a que dera o nome de Vera-Cruz.

Essa noticia, porem, pouca impressão causou no animo dos que governavão a poderosa metropole.

Novas terras e dominios novos, havia-os já em abundancia e não pequeno cuidado era preciso dispensar para manter o imperio dentro dos vastos dominios de então.

Cabral havia sido mandado a fazer

tratados, a conseguir allianças, a transportar riquezas; não entrou no plano das instrucções que recebera, o descobrimento de terras, «já erão de mais as Véra-Cruzes e os nomes do repertorio escasseavão já para denominar ilhas e cabos, portos e bahias, costas e continentes. Desejava-se outra cousa, fervião outras esperanças:— Bôa ventura! Bôa ventura! Muitos rubis! muitas esmeraldas.» (*)

Assim, foi unicamente para não perder o dominio proveniente do facto casual da descoberta, que nesses tempos, era como fonte de direitos, equiparado á occupação, que, com interesse secundario e sem um plano regular de colonisação, se pensou no povoamento das novas terras.

Adoptou-se o systema feudal das grandes doações territoriaes. Com a fa-

(*) Oliveira Martins. *Historia de Portugal* Tomo 1.^o
L. III n.^o 4.

milia e petrechos, investidos de soberanos poderes administrativos e judiciaes, para as novas capitánias partirão-se os donatarios felizes.

O povoamento começou em pontos distantes, sem meios de communição e solidariedade entre si.

Os primeiros povoadores porem trazião no espirito somente o desejo do accúmulo rapido e facil de thesouros, pouco se importando com o beneficio e progresso das terras que lhes forão doadas.

O aproveitamento gratuito dos incolas quer dos conhecimentos que elles tinham da terra e de suas riquezas, quer da propria robustez para o trabalho manual, foi explorado na maior escála.

Entretanto « a paz com o indigena do paiz apenas durou, enquanto durou tambem a paciencia d'elle, porque nã houve commercio vil, barbaridade, violencia, extorsão e immoralidade que os portuguezes não praticassem em todas

as capitánias com aquelles a quem chamavão selvagens, mas a quem, neste ponto, excedião em selvageria » (*)

Começarão então as lutas sanguinolentas e desiguaes entre os donatarios e os verdadeiros senhores do paiz, perturbados em sua pösse tranquillã por uma legião invasora de brancos sequiosos de fortuna.

Dessa luta proveio a difficuldade da effectiva posse do territorio. O paiz que aos colonos havia sido dado ás legoas foi por elles conquistado, por assim dizer, aos palmos.

Tribus forão exterminadas; outras inter-narão-se abandonando no littoral as tabas despovoadas; aquelles indigenas que se submetterão pelo terror forão reduzidos ao captiveiro. Começou então mais tranquillamente o saque e a exploração devastadora das riquezas naturaes das *indias* de Cabral.

(*) Simão de Vasconcellos — *Chronica da Companhia de Jesus*.

A faina era incessante, e logo que o thesouro havia attingido ás proporções que satisfizessem á cubiça e ganancia dos primeiros colonos, punhão-se elles de vela para o reino a gastar e desperdiçar na devassidão e carolice a fortuna que pouco lhes havia custado a amontoar.

É tão pronunciado esse espirito dos primeiros *povoadores*, antes devastadores, que o sobrio Fr. Vicente do Salvador (*), já em 1627 escrevia no capitulo 2.º de sua *Historia do Brasil*, que esses povoadores « por mais arraigados que na terra estejam e mais ricos que sejam tudo pretendem levar a Portugal, e, si as fazendas e bens que possuem souberão fallar tambem lhes houverão de ensinar a dizer como os papagaios, aos quaes a

(*) É o mais remoto dos historiadores patrios. Nasceo na Bahia em 1567 e falleceu entre 1636 e 39. Sua obra foi publicada em 1887 pela Imprensa Nacional, sob a direcção de Capistrano de Abreo.

primeira cousa que ensinão é: *Papagaio real, pera Portugal!*.. por que tudo querem para lá».

Esse pernicioso modo de proceder sobre não promover, com a criação regular de qualquer industria, agricola, pastoril ou extractiva, o crescimento e progresso das novas terras, incutia no espirito dos nacionaes o descuido pelo paiz, o desprezo pelas cousas publicas. Assim que essa nefasta disposição de animo, observa ainda o nosso mais remoto historiador, « não tem só os que de lá vierão, mas ainda os que cá nascerão, que uns e outros usão da terra não como senhores mas como usufructuarios, só para a disfructarem e a deixarem destruida. Donde nasce tambem que nenhum homem nesta terra é republico, nem zela ou tracta do bem commum, senão cada um do bem particular (*). »

(*) Frei Vicente do Salvador, *Historia do Brasil* Cap. pg. 8.

Com tal systema de colonisação não era muito esperar que nenhum fosse o desenvolvimento do novo territorio. A invasão dos francezes ao sul e dos hollandezes ao norte veio entretanto obrigar a metropole a dispensar mais attenção aos seus dominios da America, mas assim mesmo, se já não havia o abandono do primeiro seculo, continuava a não presidir ao desenvolvimento do paiz uma orientação segura e systematica de governo.

A administração da colonia, ora concentrada nas mãos de um só orgão, ora subdividida por mais de um governador, para de novo ser unificada sob um só governo, era anarchica, auctoritaria e deprimente do character e independencia dos filhos da terra. Assim, o vasto territorio da America portugueza, sem os cuidados que deveria merecer do governo da metropole, era apenas uma vasta região, ainda despovoada, mas depredada já, quando subio ao throno portuguez el-rei D. João V.

A necessidade então de estabelecer para o reino uma corrente regular de thesoiros que fossem alimentar na velha metropole o luxo desregrado, a devassidão sem pudor, a carolice desenfreada do Bragança dissoluto e beato, obrigou o governo a curar seriamente da colonia transatlantica, fonte exuberante e inexaurível de todas as riquezas.

Com effeito, alem dos impostos do *quinto* e do monopolio do páo-brasil, que rendião para o thesouro annualmente para mais de um milhão e meio de cruzados, esta é a relação aproximada das massas de metaes e pedras preciosas que D. João V recebeu do Brasil: 130 milhões de cruzados, 100.000 moedas de ouro, 315 marcos de prata, 24.500 marcos de ouro, 700 arrobas de ouro em pó, 392 oitavas de peso e mais 40 milhões de cruzados de valor, em diamantes (*).

(*) Oliveira Martins *Historia de Portugal* vol. 2º L. 6º Cap. 4. pg. 122

Foi então a colônia elevada a vice-reino, em 1714

Dahi parte, póde-se dizer o inicio da formação do espirito brasileiro. Já ia havendo lutas e rivalidades entre os brancos nascidos no paiz e os vindos do reino. As grandes guerras, a dominação holandesa, o trabalho subterraneo dos jesuitas que armavão o brasileiro contra o portuguez, forão formando nas camadas sociaes um certo espirito de nativismo a que dava incremento o enorme vulto que ia tomando a exportação das riquezas brasileiras para a metropole que em pagamento tão pouco cuidado dispensava á nova terra. Foi então que explodio a primeira revolução.

As vexações que o excesso de imposto acarretavão para o povo, a violencia com que o tratavão os delegados do rei, causarão grande excitação popular que, sobretudo na capitania de Minas Geraes, onde essas violencias e vexações erão

mais intensas, irrompeo em motins que perturbarão a tranquillidade do recente vice-reino.

Em Villa-Rica esses motins se transformarão francamente na rebelião que, por vontade dos chefes, teria radicalmente alterado os destinos politicos da patria.

Era governador de Minas, D. Pedro de Almeida, conde de Assumar, que em fins de 1719 tomou providencias para pôr em execução determinações regias contra as quaes se sublevou o espirito publico.

O momento pareceu azado, a conspiração foi urdida, o plano do movimento se estabeleceu. O Chefe temporario da republica seria Sebastião da Veiga Cabral, o commandante superior das forças brasileiras seria o marechal de campo Paschoal da Silva Guimarães, mais eminente dos conjurados; o Dr. Manoel Mosqueira Rosa seria o ouvidor, e chegou a tomar conta

do cargo por imposição popular perfidamente sancionada pelo governador. Os demais conjurados de maior preponderancia em diversas villas e arraiaes da capitania erão Philippe dos Santos, Frei Vicente Botelho, Frei Francisco de Monte Alverne, (*) João Ferreira Diniz, Manoel da Fonseca, Thomé Affonso ... (**)

Ammadurecidos os planos, a revolta estallou. O povo em massa invadio a casa do ouvidor Martinho Vieira, cujo espirito violento e arbitrario sobre todos conquistára a odiosidade publica. Graças á fuga providencial o ouvidor conseguiu a vida, mas sua casa foi saqueada, seu famulo apunhalado, seus autos e registros incendiados, suas *Ordenações do Reino* estrafe-gadas e atiradas á rua. Não parou ahi a revolta, o povo foi sitiar o governador que

(*) Rocha Pitta na—*Hist. da America Portuguesa*—L. 10 § 45 chama este frade de Antonio e o outro de Frei Vicente Boto.

(**) Martim Francisco Filho, *Os Precursores da Independencia* — São Paulo, 1874.

se achava cercado pelos seus dragões no palacio de Marianna, então villa do Carmo.

Atemorisado, como confessa (*), pela attitude do povo, e certo que indiferir-lhe as pretenções seria augmentar a agitação, o governador attendeu a todos os requerimentos, satisfez a todos os pedidos, obedeceu aos mais pequenos desejos que lhe foram manifestados.

Esse procedimento desequilibrou um tanto a attitude dos chefes que contavão com a resistencia do conde para levar o patriotico movimento triumphante ás suas derradeiras e ambicionadas consequencias. Vendo os seus intentos immediatos satisfeitos pelo delegado do despota portuguez, a furia popular se attenuou, e o governador, aproveitando do momento opportuno, perfidamente fez prender no proprio palacio Veiga Cabral que foi

(*) Carta do Conde de Assumar publicada no tomo 25 da *Revista do Instituto Historico e Geographico*.

acorrentado e preso incommunicavel, ao mesmo tempo que alguns dragões fizeram com surpresa e perfidia outras prisões simultaneas.

Vendo-se trahido e ludibriado, o povo reaccendeu a furia revolucionaria que não teve, porém, por falta de um chefe que a dirigisse, força de reagir efficazmente sobre o inesperado procedimento do conde governador. Philippe dos Santos, o mais destimido dos revoltosos, a cuja audacia e resolução se devia a victoria alcançada, achava-se fóra de Villa-Rica preparando nos arraiaes visinhos mais um contingente patriotico para o golpe decisivo; os demais conjurados capazes de dirigir o povo sublevado achavão-se presos e acorrentados no fundo de ergastulos sombrios. O povo nada mais pode fazer que saquear as casas, depredar os campos, atear o incendio.

Mas as forças da tyrannia restabelecerão a submissão e o conde de Assu-

mar, entrou victorioso nos arraiaes desmantelados do inimigo.

Estava suffocada a primeira explosão nacional em prol da liberdade da patria; era cedo de mais: estavam ainda reservados para o Brasil tempos mais horrosos sob o dominio do jugo estrangeiro.

Dominada a rebellião, restabelecida a tranquillidade, o governador mandou os presos para o Rio de Janeiro, de onde alguns seguirão para o reino sendo que de nenhum d'elles se teve mais noticia, a não ser de Paschoal, que se soube haver fallecido em Lisboa. O governador, porém, não poude se furtar ao desejo de fazer, elle mesmo, *justiça* a algum de entre tão famigerados criminosos. Foi escolhido o Philippe dos Santos — *o mais diabolico dos homens*—segundo expressão do proprio conde (*). Seu julgamento foi summario e a pena capital a que o

(*) Citada carta do Conde de Assumar.

condemnarão não tardou muito em ser executada.

Na tarde de 16 de Julho de 1720 (*), ante enorme concurrencia popular que chorava pelo seu heroe em momento tão extraordinario, foi o primeiro martyr da independencia nacional atado vivo á cauda de quatro fogosos animaes bravios e arrastado pelas ruas accidentadas de Villa-Rica...

Consummado o supplicio, o seu corpo dilacerado foi esquartejado e atirado em pedaços ao pasto das aves de rapina...

E a tyrannia então repousou.

Com a morte de D. João V, terminando o reinado dos Monsenhores da Patriarchal e das freiras de Odivellas, o reino deixou de ser o que fôra tanto tempo, « uma confraria de sachristães. » Ao principe carola succedeo o Marquez de Pombal que, em nome do pseudo rei

(*) Martim Francisco Filho. Obra citada, pg. 128.

D. José I governou Portugal e fomentou o progresso do Brasil.

A criação das companhias de commercio do Grão-Parã e do Maranhão, a definitiva libertação dos indios, concorrerão grandemente para o desenvolvimento regular e progressivo da colonia e apparecimento natural do espirito de nacionalidade.

Terminado, porém o reinado do austero Marquez, cujo governo seria sómente digno de louvores se não fossem os rios de sangue que fez correr pensando afogar a devassidão e o jesuitismo, com D. Maria I enthronou-se a reacção clerical e as vexações para a colonia recommearão, recrudescerão.

Mas o impulso estava dado e a colonia desenvolvia-se. Contra esse desenvolvimento vierão as leis tyrannicas, as instituições oppressoras, para matar na raiz os primeiros elementos de seiva e vitalidade.

Apesar da completa falta de cultura em que a metropole deixava mergulhada a colonia, cujos filhos tanto valor havião denotado no campo de batalha, enxotando do territorio os invasores ousados, as manufacturas progredião, academias de letras se fundavão, mantinha-se uma typographia.

Mas a *mãe-patria* não via com bons olhos esse progressivo desenvolvimento. Foi prohibida a manufactura do ouro e da prata, as academias foram dissolvidas, a imprensa se fechou.

Anteriormente já havia sido vedada no Brasil a entrada das obras de J. J. Rousseau, Voltaire, Spinoza, Hobbes, Bayle, La Fontaine... « abominaveis produções da incredulidade e da libertinagem de homens tão temerarios e soberbos que se denominão *espiritos fortes* e se attribuem o especioso titulo de *philosophos* » e nos quaes exacto e deligente exame encontrou — « uma doutrina impia,

falsa, temeraria, blasphema, heretica, scismatica, sediciosa, offensiva da paz e socego publico e só propria a estabelecer os grosseiros e deploraveis erros do Atheismo e do Materialismo, a introduzir a relaxação dos costumes, a tolerar o vicio e a fazer perder toda a ideia de virtude. » (*)

Alguns dos livros fulminados pela censura regia e nos quaes — a impiedade, a depravação e o escandalo — erão maiores, forão apprehendidos e mesmo queimados, em Lisboa, na praça publica pelo Executor da Alta Justiça. (**)

(*) Edital de 24 de Agosto de 1770. — Collecção Delgado.

(**) Eis o theor da certidão da execução da sentença :

Executou-se a pena de fogo a que forão condemnados os livros *Analyse de Bayle, Dictionnaire Philosophique, Lettres Turques, Œuvres Philosophiques de la Metrie, Recueil necessaire e Recherches sur l'origine du Despotisme Oriental*, na Praça do Commercio, no dia de Sabbado, seis do corrente, sendo presente á execução o Dezembargador Manoel José de Faria e Sousa, corregedor do Crime do Bairro Alto; em fé de verdade passei esta que commigo assigna o dito Ministro. Lisbõa, 6 de Outubro de 1770. — Manoel José de Faria e Sousa. — Leonardo Severo de Figueredo.

A despeito de todo o rigorismo e maior vigilancia, esses livros tiveram entrada no Brasil e a doutrina dos philosophos reformadores do seculo XVIII trabalhava o espirito alevantado dos patriotas cuja imaginação tinha sido exaltada com o exemplo brillantissimo das colonias inglesas da America do Norte que havião, decididas, sacudido o jugo da metropole, e com as noticias que ião chegando dos recentes progressos das idéias liberaes em França.

Essas correntes de opinião levarão directamente os espiritos superiores ao pensamento da emancipação politica.

Foi na alma da mocidade brasileira que cursava as Universidades de Coimbra e Montpellier que primeiro irrompeo nitidamente a idéia dessa emancipação.

Um dos rapazes, o mais destemido, José Joaquim de Maia, entreteve com o glorioso Jefferson, então embaixador da União Americana na côrte de Luiz XVI, negociações para obter da recente e já

poderosa republica, auxilio e protecção para a patriótica tentativa.

Desse punhado de estudantes, Domingos Vidal Barbosa conseguiu chegar a Minas onde sabia que já lavrava o fermento revolucionario; sua chegada combinou com a de outro illustre moço que na Inglaterra havia conquistado o raro diploma de doutor em sciencias naturaes, José Alves Maciel. Com elles logo se entendeu o alferes de cavallaria, Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes — que pela altivez e independencia de character era a incarnação da idéia revolucionaria.

Outros havia de mais conceito e auctoridade pelos seus talentos, cultura e posição social: taes, o coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, os tenentes-coroneis Domingos de Abreu Vieira e Francisco de Paula Freire de Andrade, os Drs. Claudio Manoel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga, ouvidor da Comarca de

Villa Rica, os padres Carlos Correa de Toledo e José da Silva Oliveira Rolim... uma pleiade de poetas, cujos versos atravessarão os seculos sempre novos pelo suave lyrismo que os anima, um punhado de patriotas, cujos nomes serão sempre respeitados pela arrojada iniciativa da nossa independencia de que elles forão precursores.

Era então governador das Minas Geraes o Visconde de Barbacena e Vice-Rey do Brasil Luiz de Vasconcellos, cujo governo estava prestes a terminar após uma serie de crueldades e de desmandos que opprimião e suffocavão as iniciativas de progresso e as expansões de liberdade que despontavão no espirito brasileiro.

A semente revolucionaria propagava-se em todas as camadas sociaes; estabelecerão-se francamente as bases da conjuração. As circumstancias do momento favorecião a propaganda activa dos *incon-*

fidentes. Annunciava-se para breve a efectiva cobrança dos pagamentos atrasados do imposto do *quinto* do ouro, cuja importancia montava a setecentas arrobas.

Esse imposto era o maior vexame que pesava sobre a população e a noticia da cobrança dos atrasados era recebida como verdadeira medida de affronta. O momento para arrebentar a insurreição não podia ser mais opportuno do que esse em que se effectuasse a *derrama*.

Tudo estava combinado: o estabelecimento da forma republicana, a abolição da escravidão, o symbolo da bandeira da nova patria com o lemma — *libertas quæ sera tamen*, a expulsão do odioso Barbacena do territorio da republica...

Mas a confiança absoluta na justiça da causa, que gerava a imprudencia dos mais fanaticos nos meios de propaganda e a boa fé de todos na iniciação de alguns patricios no gremio da inconfi-

dencia, fizeram com que todos os planos da revolução chegassem ao conhecimento do Governador e, quando *Tiradentes* achava-se no Rio de Janeiro, dando as derradeiras providencias para o exito feliz da revolução brasileira, foi sorprendido na casa em que se achava, na rua dos Latoeiros (hoje Gonçalves Dias) com a intimação da ordem de prisão expedida pelo Vice-Rei em nome da Rainha, a muito catholica Senhora D. Maria I. . .

Igual sorte tiverão todos os conspiradores e todos os suspeitos de conspiração. Forão feitas prisões em numero consideravel e a noticia do hediondo crime, sem igual, foi transmittida á beata Senhora, que se sentava no throno do reino, glorioso outr'ora e então desmantellado e desmoralisado pelo governo dos Braganças.

Toda essa desgraça e o mais que se seguio para nossa patria e nossos pa-

triotas, erão obra do delator infame — Joaquim Silverio dos Reis.

Tendo conhecimento da conspiração, Silverio procurou insinuar-se na intimidade dos mais eminentes chefes para melhor conseguir os funestos intuitos que lhe queimavão a alma, para mais completamente realizar o primeiro movimento que se delineára em seu vil espirito de reprobado ao ter a noticia da projectada revolução : — dar de tudo sciencia ao Governador da capitania...

A ingenuidade e simpleza dos conspiradores derão ingresso no gremio das reuniões patrioticas ao patricio degenerado sob cujo character pesavão feias suspeitas... Este, logo que soube quanto desejava, começou a informar de tudo o que se passava o Visconde de Barbacena, que foi precavidamente tomando as necessarias medidas para flagrante e completa dominação do movimento libertador.

Consummada a trahição e cumprida a sentença, Joaquim Silverio, « fortemente capacitado do relevante serviço que fez á S. M., considerou-se digno de ir á Sua Real presença, ainda mais para conseguir tão grande honra do que para supplicar á Mesma Senhora o premio que por esta acção elle pudesse merecer de Sua Real e Inimitavel Grandeza » (*) e, de perto auxiliado pelo Vice-Rei, Conde de Rezende, que foi « movido pelo desejo de concorrer para a felicidade de um vassallo tão util ao Estado », (***) partio-se para Lisbôa onde se vio cercado do maior prestigio e cumulado das maiores honrarias.

Em attenção aos — « distinctos e rele-

(*) Carta do Vice-Rei do Brasil — Conde de Rezende, na qual pedia, a 2 de Maio de 1794, ao Ministro do Reino Martinho de Mello e Castro, que approvasse a resolução de mandar ao Reino, por conta do Estado — um vassallo tão util a elle — *Manuscripto* da Bibliotheca Nacional, publicado na *Gazeta Litteraria*. 1883 n.º 5, por Valle Cabral.

(**) Mesma carta.

vantes serviços que, com exemplar lealdade e fidelidade, prestou á Patria e á Religião nos Estados do Brasil, S. M. por Decreto de 4 de Outubro de 1794, foi servida — como principio de remuneração — fazer-lhe mercê do habito da Ordem de Christo, com 200\$000 de tença pagos effectivamente. Além disso, por decreto de 13 de Outubro do mesmo anno, a mesma Senhora — em continuação do premio — mandou levantar-lhe o sequestro feito aos seus fiadores e entregar-lhe todos os seus bens, que se achavão apprehendidos por dividas no valor de 167:553\$770.

Finalmente, por decreto real de 20 de Dezembro do mesmo anno, foi Silverio — por quitação do muito que lhe devia o nome e a honra portugueza — declarado digno da Real estimação, honrado com o titulo de Fidalgo da Real Casa, com fôro e moradia, fazendo-se-lhe mercê da Thesouraria-Mór da Bulla de Minas,

de Goyaz e do Rio de Janeiro. Por essa occasião Silverio accrescentou ao seu illustre nome o appellido de Montenegro... Dom Joaquim Silverio dos Reis Montenegro...

Aos 20 de Outubro de 1794 havia o Principe Real se dignado lançar no generoso peito de Silverio o habito de Christo, pela sua real mão e, aos 24 de Fevereiro do anno seguinte, foi tão zeloso e fidelissimo vassallo armado cavalleiro na Real Capella de N. S. da Conceição pelos Excellentissimos Marquez Mordomo-Mór e Conde de Rezende, presidente do Conselho Ultramarino, que lhe servirão de padrinhos para darem testemunhos publicos do quanto presavão tão apurado fidalgo. (*)

Tal foi o premio dado pela monarchia

(*) Veja-se a transcripção das noticias da *Gazeta de Lisbõa* de 25 de Outubro, 28 de Novembro de 1794 e 23 de Janeiro e 7 de Março de 95 no cit. numero da *Gazeta Literaria*. Rio, 1883.

portugueza á miseravel trahição de Silverio. Todas essas honras, porém, não lhe derão na patria a estima publica.

Repudiado ao Sul do Brasil, segregado de todos como verdadeiro reprobado, refugiou-se no Pará, onde acabou miseravelmente, torturado de remorsos e cercado do desprezo e abominação dos contemporaneos.

Feita a delação, reprimida a revolta, presos os revolucionarios, em fins de 1790 installou-se no Rio de Janeiro a alçada que deveria tomar conhecimento do crime. A devassa foi longa e rigorosa. No correr do processo, durante os seus termos inquisitoriaes, a conducta de *Tiradentes* foi sublime de abnegação e patriotismo. Chamava sobre si a maior parte da responsabilidade dos acontecimentos: elle era o chefe, fora o instigador, o anjo máo dos demais.

Só a 18 de Abril de 1792 foi proferida sentença. Por ella onze seriam en-

forcados, muitos degredados para a Africa, alguns declarados innocentes. Entre os condemnados á morte as penas ainda não erão iguaes. *Tiradentes* seria enforcado e esquartejado, expondo-se ao ar, em postes, as partes do seu corpo nos lugares em que os inconfidentes havião feito as reuniões criminosas. Sua casa seria salgada, seu patrimonio confiscado, sua descendencia, que não tinha emtanto, declarada infame até a terceira geração.

Os demais condemnados á forca, soffrerião igualmente o confisco dos bens, a declaração da infamia para a descendencia, mas não serião esquartejados: enforcados apenas....

Proferida a sentença foi ella entretanto modificada de accordo com a carta regia de 15 de Outubro de 1790.

A beata rainha, que havia inaugurado a reacção contra o governo sanguinario do Marquez de Pombal e que havia levado a cordura ao ponto de rehabilitar

a memoria dos Tavoras e dos Aveiros, justificados por haverem tentado contra a vida do seu augusto pae, não podia permittir tanta carnificina ensanguentando o seu reinado como havião determinado os senhores desembargadores da alçada do Rio de Janeiro.

Os réos de alta trahição, por um rasgo de clemencia generosa, forão pèrdoados da morte, mas a altivez brilhante do rustico *Tiradentes* precisava de ser galardoada; a interpretação que os senhores desembargadores derão á carta da rainha confirmou-lhe o martyrio e a gloria: a sentença ia ser executada...

A 21 de Abril subio ao cadafalso.

A forza havia sido armada no vasto campo de S. Domingos e para lá, com toda a solemnidade processual da pragmatica das execuções e ainda com toda a pompa militar, o cortejo seguiu.

Do alto do tablado de onde estava o réo sublime exposto á curiosidade idiota da

massa popular, ainda para augmentar-lhe o martyrio com a duração do supplicio, um franciscano qualquer achou palavras para por longos minutos dirigir ao povo. A ultima supplica de *Tiradentes* — que apressassem o momento fatal — era propositalmente desattendida por um refinamento de perversidade. Tendo entrado na cadeia o carrasco *Capitania* para vestir a alva dos suppliciaudos no intemerato brasileiro, ás 8 horas da manhã, era quasi meio-dia quando *Tiradentes* expirou.

O supplicio não poderia ter sido mais barbaro.

Da enorme massa popular que havia attendido ao convite do Vice-Rei para assistir ao desaggravo da realza e que se achava no lugar do supplicio transida de commoção, ao ver a fria calma imperturbavel do martyr patriota, ergueu-se um grito de horror no momento em que o corpo se balouçava no ar preso da forza pelo baraço esticado...

O rufo dos tambores marciaes e o vozear dos clarins abafarão, porém, essa explosão espontanea do coração popular.

Em seguida, ante o morto, enquanto os carrascos ultimavão a execução, procedendo ao torpe esartejamento do corpo quente ainda, Frei Raymundo de Penaforte, para aproveitar o scenario e para conforto do povo, fez uma pregação solemne dissertando sobre o seguinte trecho do *Ecclesiastes*: — (*) « Nem por pensamento trahiaes ao teu rei porque as mesmas aves levarão a tua voz e manifestarão o teu juizo. » — *In cogitatione tua regi ne detrahas... quia et avis caeli portabunt vocem tuam...*

O altivo espirito de *Tiradentes* deveria ter mais de uma vez sorrido ás expressões e conceitos submissos do frade: — que importava, com effeito, a indiscripção

(*) Versiculo 20, Cap. 10.

das aves quando a traição ao rei, trouxesse para a patria a independencia e a liberdade, ainda mesmo que essa indiscripção levasse ao cadafalso...

A posteridade abençôa e proclama o nome glorioso e vida fecunda de ensinamentos do alferes Xavier — o Tiradentes — e, em todos os bons patriotas que, seguindo o seu exemplo proveitoso, trabalhárão pela independencia e liberdade da patria, reconhece um dos seus descendentes, desses descendentes que o requinte de subserviencia e covardia dos magistrados declarou infames e indignos da piedade dos posteros...

7 de Setembro

7 de Setembro

1822

CONSAGRADO À COMMEMORAÇÃO DA
INDEPENDENCIA DO BRASIL

Aos 24 de Janeiro de 1808 aportava em terras brasileiras o *prestito funebre* (*) que a 29 de Dezembro do anno anterior partira de Lisbôa.

Nelle vinhão de fuga, com animo de permanecerem na America emquanto na Europa, convulsionada então pelo genio conquistador da aguia francesa, restasse o mais pequeno receio a temer, D. Maria I, interdicta pelo fanatismo beato que se desmanchára em loucura, o principe regente, depois D. João VI, comilão e preguiçoso, D. Carlota Joaquina, sua detestavel esposa e o principe D. Pedro,

(*) Palavras do eminentê Snr. Oliveira Martins na *Hist. de Portugal*. 2º vol. L. 7-2.

infante ainda —, toda uma original familia, acompanhada da cauda servil e ignorante dos conselheiros e desembargadores, marquezes e commendadores, mosenhores e conegos, mais de quinze mil vassallos, toda a frandulagem cortezan, condecorada e titulada, a que tinham reduzido Portugal os reinados devassos e ociosos dos representantes da casa de Bragança.

Ao desembarcar no Brasil toda a scenographia e comparsaria barata da magestade e do throno, o povo americano prestou com enthusiasmo a original hospedagem acreditando crescer e elevar-se á categoria enorme com tamanha e tão inesperada honraria. Esse enthusiasmo, porém, breve se dissipou. Para isso bastou apenas que fosse vista de perto a cousa como a cousa era, até então conhecida somente como a continuação das *côrtes* cuja discripção brilhante era encontrada nas chronicas de João de Barros e Fr. Luiz de Sousa.

Reconheceu-se facilmente que tudo não passava de uma numerosissima « familia de roedores dourados e fardados. A nuvem de gafanhotos que desde o seculo XVII devorava tudo em Portugal, pousava agora no Brasil para em casa o digerir mais á vontade. Os brasileiros, com a educação forte e natural do trabalho, começarão a perceber que não podia represental-o esse mandarinato portuguez e que entre elles e a côrte, composta de « um principe fraco e boçal, governando em nome de sua mãe louca, de uma princeza intrigante, prodiga e desregrada de quem vivia separado pelas suas constantes infidelidades e de um rapaz estouvado e ambicioso (*Gervinus*) » — nada havia de commum » (*).

O Brasil que os fugitivos de Lisbôa vierão encontrar em 1808 era já quasi uma nação. Muito mais populoso que

(*) Oliveira Martins. — *Brasil e Colonias*. L. III-I.

Portugal, mesmo excluindo-se do censo a população selvagem (*), a colonia tinha já arrancado da metropole conquistas extraordinarias. A preponderancia do elemento brasileiro havia se accentuado fortemente desde as grandes victorias do partido dos *independentes*, capitaneados em Pernambuco por João Fernandes Vieira. Desde essa epocha, Recife tinha sido abandonada ás suas proprias forças para repellir a invasão hollandeza (**).

Amador Bueno da Ribeira, depois da queda da dominação hespanhola em Portugal, recusando obstinadamente o throno e a magestade que a revolução paulista lhe havia conferido em acclamação delirante (1641), era de facto o chefe respeitado de uma prospera republica independente e a conspiração mineira, que o governo portuguez reprimio e suffocou tão

(*) Luiz F. da Veiga. — *O Primeiro Reinado*. Seq. 2.

(**) Abreo Lima. — *Compendio de Historia do Brasil*.

barbaramente, traduzira-se em benefícios para a colônia: — a desistência das 700 arrobas de ouro, importância dos pagamentos atrasados do *quinto*, e a abolição do estanco do sal.

Mesmo logo após a repressão do movimento libertador de 89, o espirito brasileiro não succumbio de todo. As correntes revolucionarias que estavam convulsionando a Europa, depois de haver operado a libertação do norte do novo-mundo do jugo metropolitano, continuarão a actuar na vida da grande colônia, pelo que a metropole portugueza não se cansava de recommendar aos governadores das capitánias a mais severa vigilância para evitar a propagação das ideias subversivas e perturbadoras do bom somno beato que desejava fruir o despotismo. Não obstante, porem, toda a recommendada vigilância, o germen trabalhava e, certo dia, D. Fernando José de Portugal, dos mais dedicados e auctoritarios dele-

gados do despotismo, então governador da Bahia, teve denuncia de que em lugares proximos da fortaleza de S. Pedro, realisavão-se frequentemente reuniões de brasileiros que chegavão ao desembarço de, no correr de discussões calorosas, erguerem *vivas!* á liberdade e a Bona parte.

A conspiração ia arrebentar na rebelião quando a denuncia de um trahidor — Joaquim José da Veiga — fez instaurar-se a devassa que levou ao patibulo, aos 8 de Novembro de 1799, os cabeças da conspiração: — João de Deus do Nascimento, Luiz Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas e Manoel Faustino dos Santos Lyra, sendo muitos outros sentenciados a prisão e degredo. (*)

Não dormia, pois, o espirito brasileiro; antes manifestava-se latente em todos os

(*) Accioli. — *Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia.* — Vol. I, pg. 260.

pontos em que mais desenvolvimento havia tido a colonia.

Por outro lado, a fecundidade intellectual da nova patria, a prodigalidade de talento e aptidão com que dotava os filhos, constituia o symptoma mais caracteristico, a prova mais completa da constituição organica do Brasil no fim do seculo XVIII. « Brasileiros erão na maxima parte os sabios e os litteratos portuguezes de então. » (*).

Tal o Brasil a que, em busca de socego e paz para o bom somno franquillo e para a farta digestão opípara — aportou com sua numerosa e aparatosa comitiva, o principe regente de Portugal e Algarves.

O receio da perda total e definitiva do velho reino que, abandonado e entregue discripcionariamente á invasão triumphante de Junot, andava agora sendo partilhada a bel prazer do extraordinario curso

(*) Oliveira Martins. — *Brasil e Colonias*. L. III-I.

que assombrava o mundo com a impetuabilidade irresistivel do seu genio, trouxe ao ministerio portuguez ideias de curar seriamente do progresso do Brasil, na perspectiva de deslocar para ahi definitivamente o throno portuguez.

« Tudo indicava que D. João VI, receioso de perder a corôa portugueza, em vista dos espantosos successos que se estavam reproduzindo na Europa, procurava consolidar na America os interesses de sua *gloriosa* dymnaſtia ». (*)

Tudo se fez para a consecução de tal fim.

Os portos do Brasil, graças sobretudo á influencia do mercantilismo inglez, que continuava a dominar a côrte portugueza na America, como dominára na Europa, forão abertos ao commercio das nações amigas; organisarão-se as repartições pu-

(*) Alberto Salles. — *Politica Republicana*. Parte 2.^a Cap. I-I, pg. 250.

blicas; academias forão creadas; constituirão se regimentos e corpos de exercito; creou-se um banco — o Banco do Brasil, — uma imprensa regia, uma bibliotheca nacional; permittio-se a exploração de todas as manufacturas; fomentou-se a agricultura; abrirão-se estradas e vias de communicação; para a regular administração da justiça, estabelecerão-se tribunaes de primeira instancia e de appellação, libertando assim o Brasil da alçada superior do Reino, e, para coroar a obra de nossa organização institucional, elevou-se a colonia á categoria administrativa e politica de Reino (1815).

Dado esse formidavel impulso, que encontrou a mais decidida bôa vontade por parte das classes sociaes brasileiras, que nelle vião o prenuncio da liberdade, a base para a proxima separação da metropole e abandono do governo parasita, que agora tudo estava fazendo, pelo Brasil e contra si, na ingenua persuasão

de tudo fazer para consolidar-se nesse torrão em que ora tinha séde, dado esse formidavel impulso era muito difficil fazer parar em sua marcha triumphante a evolução nacional que se operava no paiz.

Foi assim que, em 1817, suppondo-se que já era tempo de saccudir o jugo bragantino, ao Norte a revolução alçou o collo, expulsou o governador e proclamou a republica em Pernambuco.

De muito que o fermento revolucionario preparava francamente a reacção de 17, contra o principe poltrão e sem vontade, contra a côrte dissoluta e vadia, contra o functionalismo prevaricador, contra a massa dos portuguezes monopolisadores do commercio, a que chamavão *marinheiros*.

Domingos José Martins era o chefe da revolta « que tinha como significação expulsar os hospedes importunos que tinham

invadido a casa e governação nella ». (*)

A Parahyba, o Rio Grande do Norte adherirão francamente á revolução. Para trazer ao gremio o Ceará, para ahi seguio o prestigioso e estimado padre Alencar, e para a Bahia, com a mesma incumbencia, foi mandado o padre Roma (José Ignacio de Abreu e Lima), que partio em uma jangada.

O Senhor Conde dos Arcos governava então a Bahia. Providencias forão tomadas para isolar esta provincia da contaminação do *virus* republicano; o padre Roma, ao desembarcar, foi preso pelo cabo de policia Simplicio Manoel da Costa. O padre brasileiro foi arcabusado no Campo da Polvora, ao passo que o soldado portuguez foi galardoado com uma pensão annual de 180\$ Rs. (**)

Para os Estados-Unidos, com o fim de obter auxilio dos Norte-Americanos, com-

(*) Oliveira Martins. — *O Brasil e Colonias*. L. III-I.

(**) Accioli. — *Obra citada*. — Vol. I, pg. 326.

prar armamento e engajar officiaes para o exercito, embarcou Antonio Gonçalves da Cruz.

E, enquanto esses emmissarios partião, o Governo Provisorio — Domingos Theotónio Jorge, padre João Ribeiro Pessôa, José Luiz de Mendonça, Manoel José Correa de Araujo e Domingos José Martins — creava repartições brasileiras, arrecadava economicamente a renda publica, montava corpos de cavallaria, fortificava o littoral, estabelecia democraticamente o tratamento de *vós* nas relações officiaes, abolindo todas as *Excellencias* da pragmatica cortezã e adoptava o pavilhão do novo estado.

Mas, chegada que foi ao Rio de Janeiro a noticia da revolução, todos os contingentes de tropa partirão-se para o Norte, e as forças republicanas, inexperientes e em pequeno numero, atacadas por terra e por mar, após uma luta desesperada, a que as levarão o enthusiasmo patriotico e

a grandeza da causa, forão batidas e trucidadas pelas numerosas e arregimentadas hostes portuguezas.

Armarão-se então os tribunaes militares e subirão ao patibulo, para exemplo dos futuros revolucionarios, todos os chefes rebeldes, cujos cadaveres, depois de decepados e mutilados, ou depois de arrastados barbaramente ás caudas dos cavallos chucros (*), erão expostos nos lugares publicos á voracidade das aves de rapina e á satisfação cruel dos estrangeiros dominadores.

Foi aureolado por esses actos de heroismo e humanidade que, aos 6 de Janeiro de 1818, o principe regente foi coroado e proclamado D. João VI, senhor dos reinos unidos de Portugal, Brasil e Algarves, por graça de Deus e unanime acclamação dos povos...

(*) Mello Moraes — *A Independencia do Imperio do Brasil*
— pag. 67.

Sob a impressão dolorosa do assassinato dos brasileiros, em Recife e na Bahia, passarão-se dois annos.

Em Portugal, uma reacção liberal e demagogica creou por assim dizer um novo reino do montão de ruinas que havia ficado da fuga do rei, da devastação de Junot, da dictadura de Beresford. Não se proclamou entanto a Republica nesse paiz acephalo que surgiu de uma revolução radical: a convenção de Lamego não quiz perder o Brasil que pensava haver sido conquistado por D. João VI, — tanto a ausencia e a distancia podem alterar o conhecimento e apreciação das qualidades civicas de um homem...

O rei foi generosamente chamado a occupar o throno do novo reino e disposições forão tomadas para reduzir o Brasil ao primitivo estado de colonia. Com esse effeito, por decretos se annullou tudo quanto havia sido feito durante a permanencia da côrte na America e o infante

D. Pedro foi nomeado simples lugar-tenente do Rei, que partia para Portugal.

Triste perspectiva, entretanto, a desses estadistas que suppunhão com decretos desmanchar a ordem de cousas constituída, desfazer relações de direito pacientemente adquiridos, attenuar sequer o desenvolvimento do Brasil em sua carreira vertiginosa de progresso.

O rei, que se retirara, bem comprehendia a innocuidade dos seus decretos e, antes de partir, aconselhou ao filho — unico momento porventura de previsão politica na sua existencia de monarcha — que se apoderasse da corôa do novo imperio antes que outro aventureiro d'elle se apoderasse.

Chegado o rei a Portugal começou a luta. Decretos erão mandados constantemente, annullando creações, destruindo instituições, cassando prerogativas e, finalmente, pela desconfiança, que já lavrava,

dos egoisticos intuitos do lugar-tenente do Rei, ordenando que elle promovesse a eleição de uma junta de governo e se fizesse de vela para o Reino afim de preparar-se, viajando pelas côrtes europeas, para a futura incumbencia de governar os povos.

Por toda a parte, porém, fermentavão as ideias de nacionalismo e separatismo da velha metropole. De facto, já era o Brasil uma nação independente. Até então, desde 1808, havendo por assim dizer desaparecido o dominio do throno portuguez na Europa, o Brasil era o reino desse throno. Agora porém que aquelles dominios havião sido reconquistados e que o throno, em original *villegiatura* pela America, havia sido chamado a occupal-os de novo, é claro que do Brasil apenas restava o *reino*: — o territorio e a organização institucional, sem throno e sem rei.

Era preciso, porém, tornar effectiva essa independencia pela separação da

metropole. Nada mais facil, porque, por esse tempo, já não era a metropole que segurava o Brasil, mas este que ainda estava adherido a aquella pela continuidade de uma contingencia historica. Para a separação nada faltava mais que um pequeno movimento impulsivo por parte do Brasil.

A desaggregação operar-se-hia sem choque, e isso ia sendo feito naturalmente. « Varias occurrencias vierão precipitar o movimento. D. João VI, que ao partir de Portugal levára comsigo o Thesouro, ficando a dever a toda a gente, fez o mesmo ao partir da America: o pobre rei queria ao menos não ter de esmolar; mas a sua cobiça deixava o Brasil a braços com uma crise financeira. O Thesouro fôra varrido, tudo ficára por pagar e o banco arruinado com as dividas perdidas dos mandarins portuguezes que tinham regressado á Europa com o rei. » (*)

(*) Oliveira Martins — *O Brasil e Colonias* — L. III — I.

As fileiras dos separatistas erão, dia a dia, engrossadas por elementos de toda a ordem, onde avultavão os empregados publicos e funcionarios que, com as constantes suppressões de repartições, ião se vendo privados de rendosas sinecuras e só encontrarião oportunidade de readquiril-as, fundando-se no Brasil um estado novo com todos os serviços administrativos e correspondentes secretarias para accomodar toda a ninhada, então desempregada, dos escripturarios e amanuenses.

As tentativas revolucionarias que até então tinham irrompido do seio do povo, bem claramente patenteavão a indole e o espirito do governo que o paiz desejava.

Parte integrante da America phantastica dos sonhos de Colombo, que havia sido entregue á exploração do velho mundo quando estavam já gastos todos os aparelhos tremendos do absolutismo e da tyrannia, e já a evolução do *terceiro-*

estado preparava, na Europa, o advento dos governos democraticos, não havia sido debalde que o sólo brasileiro tinha sido fartamente regado, ao norte e ao sul, com o sangue generoso de patriotas, mortos pela causa da liberdade pura, sem ficções de direito divino, nem de acclamações unanimes do povo, — em prol da republica.

Era bem accentuado o espirito do movimento separatista e a republica teria sido uma realidade se a ingenua generosidade deste povo não se houvesse acalentado com promessas vãs de completa liberdade sem lutas e não se houvesse espavorido com a ameaça infundada de repetição das scenas de 89 e do Terror e, sobre tudo, com o receio vão de ver fragmentado, em varios estados fracos, esse enorme corpo que constituia o Brasil.

D. Pedro, instado para partir para a Europa, depois de longas indecisões, preparava-se para isso e já havia dado as

precisas ordens para o estabelecimento da nova junta administrativa creada pelas côrtes e que deveria succedel-o no governo americano.

Foi então que alguns brasileiros, educados na lição dos philosophos utilitaristas, havendo comprehendido que a ambição do principe era uma garantia de proxima e incruenta separação e effectiva independencia, forão ter com elle, e José Bonifacio, como a serpente biblica na genese mosaica, tentou o ambicioso moço com o pedido de não abandonar *os seus* brasileiros.

José Bonifacio tinha um nome que representava um passado glorioso. Muito criança, doutorado em sciencias naturaes, correu a Europa, acompanhando com pertinacia os cursos dos mais celebres professores das mais importantes cidades do continente. Era uma reputação européa e havia trazido para o patrimonio da sciencia notaveis descobertas e classifi-

cações mineralógicas. Em Portugal foi feito *desembargador* e encarregado de todas as cousas. Apesar, porém, das honrarias e proventos que os multiplos empregos lhe proporcionavão, depois da guerra dos francezes, em que foi soldado contra Junot — « a miseria, a inepecia, a vilesa e a corrupção de uma terra de que a sua era vassala, fizeram-no regressar ao Brasil (1819) (*). »

A intervenção desse homem pois, deveria ser poderosa no animo dos brasileiros e constituir penhor seguro do successo da causa. « A vontade daquelles que quizerão ter de prompto um Rei, prevaleceu sobre a dos que procuravão começar regularmente, por uma assembléa constituinte, para que esta, exprimindo a vontade soberana do povo, determinasse a fórma de governo a adoptar e estabelecesse os principios politicos a que devia

(*) Oliveira Martins — *O Brasil e Colonias* - - L. III — I.

a nação subordinar-se. O partido liberal, o da independencia, receioso das perturbações que lhe podia oppôr a influencia portugueza, annuo a isso para poupar sacrificios e chegar a seu fim com maior segurança e rapidez. (*) »

O que porém acabou de decidir o principe, ainda irresoluto, foi a intervenção de José Clemente Pereira, chefe do partido portuguez e então presidente do Senado da Camara (Municipalidade). O apoio de José Clemente e do seu numeroso partido, garantia ao principe a realisação do seu sonho de implantar o dominio portuguez no Brasil. O politico estrangeiro manifestára maior habilidade com sua adhesão á ficada do principe, — o que era aparentemente a causa do Brasil, do que o patriota brasileiro que esperava, com essa permanencia, libertar o paiz do dominio estrangeiro. D Pedro

(*) Saldanha Marinho — *A monarchia ou a politica do rei*, edição de 1885 — pag. 2.

havia estudado o ardiloso chefe do partido portuguez e « achára-lhe na especialidade do talento, nos instinctos do coração, nas fórmulas características do corpo e até na accentuação ridicula do gallego, outras tantas garantias de fidelidade e devoção para o bom exito do plano que meditára contra a liberdade do Brasil (*).» Tinha encontrado o seu homem, de quem seria facil fazer o substituto de José Bonifacio na primeira oportunidade... E assim se fez.

O principe ficou. Ameaças vierão de Portugal, represalias forão feitas e a aggravação das cousas chegou ao ponto de que, em 1822, aos 7 de Setembro, foi a separação do Brasil e da velha metropole proclamada oficialmente, sem lutas e sem sangue.

D. Pedro havia ido a S. Paulo acalmar

(*) Timandro — *Libellos do povo*, ediç. port. de 1868 — II pag. 46.

em pessoa perturbações que frequentemente se repetião naquella provincia e, de volta de Santos, em caminho da cidade capital, mandou que a comitiva seguisse adiante, deixando-se ficar atraz para mais desembaraçadamente attender aos constantes reclamos do ventre, desarranjado por uma formidavel indigestão que lhe restava dos pagodes da cidade maritima. Em companhia do principe ficou apenas o mais dedicado subdito, amigo de todos os sacrificios, Manoel Marcondes de Oliveira e Mello, depois Barão de Pindamonhangaba (*), talvez para segurar a alimária enquanto o principe fosse ao matto. Ao chegar D. Pedro ao logar denominado Ypiranga, encontrou parada a comitiva a que se havião reunido os proprios que do Rio vinhão, por

(*) É o proprio Sr. Barão quem tudo contou com minucia em carta que, ao Dr. Mello Moraes, dirigio a 14 de Abril de 1862 — *Brasil Historico*, n. 26, de 3 de Julho de 1864, 1.^a serie.

ordem do Ministro José Bonifacio, trazer ao principe noticias e cartas de Portugal. Essas cartas e noticias vinhão ao encontro da pretensão do futuro monarcha, e, pela fórma porque estava tudo convencioado (*), ahi mesmo D. Pedro, n'um momento em que os intestinos lhe permittirão certa expansão, do alto da besta baia gateada que montava, abotoado em uma fardeta de policia, arrancou do chapéo o tópe lusitano, pronunciou o combinado grito — *Independencia ou morte!* — e partio-se de galope para S. Paulo.

São estes os acontecimentos que se desenrolárão no dia 7 de Setembro. N'elle não se fez a independencia da patria, que de muito estava consummada e reconhecida de facto.

Nesse dia apenas foi declarada, ostensiva, officialmente, a separação do reino

(*) *Cartas* de Drummond. *Manuscriptos da Bibliotheca Nacional*, publicados na *Gazeta Litteraria* de Valle Cabral e T. de Mello, n. 18.

do Brasil do reino de Portugal e, ao mesmo tempo, celebrado o pacto de sua escravisação a um rebento autocratico da casa de Bragança.

O principe, que anteriormente se havia feito acclamar *defensor perpetuo*, via agora a ambição satisfeita vendo-se condecorado com o titulo de Imperador.

E o povo brasileiro, na generosa complacencia do seu temperamento meigo e hospitaleiro, batia palmas ao principe ambicioso e violento, que, apenas para melhor conseguir os seus fins, fingia-se docil e promettia obediencia a uma futura constituição liberal, mas que não tardou muito em ostentar desassombrado todo o arsenal dos seus instinctos autoritarios e mãos, com os quaes entanto governou este paiz até que a proverbial paciencia e tolerancia indigena, chegando ao auge, explodiu na deposição de 7 de Abril.

A monarchia foi obra de José Bonifacio; mas a implantação do absolutismo

que nos governou e do predomínio do partido portuguez, que ainda nos perturba, e que em sua evolução historica, atravessou o Imperio em todas as vicissitudes e contingencias, sempre reaccionario, em luta aberta contra as aspirações nativistas e os desejos de progresso e de liberdade do povo, foi obra da intervenção funesta de José Clemente Pereira.

Em 22 a republica teria vindo, naturalmente, na consecução logica dos factos; era a coroação necessaria da independencia que se começou a conquistar em 1808. E todas as perturbações fataes, as desorganisações prejudiciaes, o desequilibrio inevitavel, que succedem sempre, por uma fatalidade historica, a uma mudança violenta e radical de fórma de governo e que constituem a crise pela qual estamos agora atravessando, depois da gloriosa jornada de 15 de Novembro, terião sido evitadas com todas as suas consequencias desagradaveis.

A America não tinha tradições historicas; não existião nella direitos hereditarios ao governo e dominio, os direitos da corôa portugueza tinhão origem no facto casual da descoberta. Era pois logico que o governo das nações americanas fosse feito pelo seu povo, pelos seus proprios filhos, e não existindo uma casta ou familia privilegiada, nem se podendo invocar fóros e prerogativas de nobreza na terra infante — republicano deveria ser o seu governo, o governo do povo pelo povo, o governo da co-operação de todos.

De 22 a 89 decorreu um lapso anachronico na historia do Brasil. Só então reatamos o fio logico de nossa verdadeira independencia e emancipação politica.

13 de Maio

13 de Maio

1888

CONSAGRADO À COMMEMORAÇÃO
DA FRATERNIDADE DOS BRASILEIROS

A origem da escravidão perde-se nos fastos de remotíssima historia.

Essa instituição, que terminou pelo aná-thema de todos os espiritos liberaes, marcou na historia da antiguidade um estagio de progresso, uma conquista da liberdade.

A principio, finda a campanha, os vencidos erão mortos. Essa selvageria, porem, terminou. Os espiritos adiantados desses tempos conseguirão evitar a morte dos prisioneiros inimigos : conceder-se-lhes-hia a vida em troco, porem, da liberdade.

Foi essa uma grande conquista humanitaria.

Não é, porem, desse captiveiro infeliz, mas heroico, proveniente dos revezes da guerra, que nos devemos occupar aqui. Sim de um outro, desse captiveiro, desordem social, espoliação, que, na phrase de Bastiat, nasce « quando o homem comprehende que é possivel fecundar a terra e faz com seu irmão esta partilha: — a ti a fadiga, a mim o producto » (*) e que recebeu grande incremento no seculo XVI com a concummitante descoberta de vastos territorios riquissimos, que era preciso explorar e das legiões indigénas que os habitavão.

Nesses novos mundos tropicaes o europeu definhava e morria. O clima, sob cujo influxo tanto se robustecião os filhos da terra, era cruel e assassino para o forasteiro explorador.

Era preciso, pois, aproveitar o trabalho dos incolas. Alem disso, sua visivel infe-

(*) Fred. Bastiat. *Sophismes economiques*, 2^{me} Serie — *Physiologie de l'espoliation*.

rioridade intellectual e cultural e a diversidade de raças, animarão o ambicioso europeu a senhorear-se violentamente do trabalho indigena, sem dar ao trabalhador, que não lh'o exigia, remuneração ou pagamento de qualidade alguma. Ao indigena o trabalho, ao colono o proveito.

Da concurrencia dessas circumstancias resultou a moderna escravidão dos povos da Africa e da America.

Quando a curiosidade de Cabral, em viagem para a India, fel-o descobridor do Brasil, já o commercio de escravos era conhecido no Velho Mundo.

Muitos milhares de negros havião sido apanhados no continente africano e vendidos na Europa para a cultura agricola e mineral das ilhas descobertas.

Assim, que as primeiras cartas de doações que de capitancias forão feitas para o Brasil, trazião ao donatario, alem da posse da terra e da faculdade de distribuir justiça, até pena de morte aos peões, escravos

e indios, mais o direito de captivar gentio para o serviço da terra e dos navios, podendo mandal-o vender em Lisboa, até certo numero cada anno, livre de ciza (*), privilegio e isempção que não tinha o commercio de escravos que se fazia com a Africa. (**)

Era assim o facto odioso da escravidão e commercio dos indigenas do Brasil, autorisado e favorecido pelo governo da metropole.

Procedendo deste modo, Portugal nada mais fazia que imitar a Hespanha que então se esforçava por colonisar a parte da America que pertencia a sua corôa. Ahi a crueldade chegou a ponto de se marcar os selvagens com ferro em brasa para se não confundirem uns com os outros, graças á semelhança das feições.

(*) Carta de El-rei D. João III a Martin Affonso, donatario da capitania de S. Vicente, em 28 de Setembro de 1532.

(**) Perdigão Malheiro. — *Historia da Escravidão no Brasil*. Parte 2.^a Cap. 2.^o. pg. 116. Varnhagen, *Hist. Geral do Brasil*, I.

Entretanto, em favor dos indigenas não tardou muito que se fizesse sentir a influencia benefica da Igreja. Assim como o padre Antonio Vieira influio posteriormente na America Portugueza para diminuir a escravidão indigena e attenuar-se-lhe os funestos effeitos, na America Hespanhola, muito anteriormente, levantou-se em favor dos indios a voz poderosa do dominicano Bartholomeo Las-Casas, Bispo de Chiapa, que conseguiu do Cardeal Ximenes, regente de Hespanha e depois de Carlos V, Imperador, medidas protectoras da liberdade do gentio nas dominações hespanholas da America, tornando-se no novo mundo o grande bemfeitor, o incansavel e venerando apostolo das gentes.

Em favor da intenção do intemerato prelado, vierão os Summos Pontifices com todo o prestigio da auctoridade espirital e temporal: Paulo III, para a Hespanha, com o Breve de 28 de Maio de

1537 e, mais tarde, Urbano VIII com a Bulla de 23 de Abril de 1639, dirigida ao Brasil, declararão categoricamente que os indigenas *entes humanos, como os demais homens, não podião ser reduzidos á escravidão.*

Por outro lado, o character indolente do gentio, pouco affeito ao trabalho regular a prodigiosa superioridade de numero, a ferocidade indommavel de algumas tribus, tudo isso concorreu igualmente para que não se avolumasse muito a escravidão dos indios americanos. Pela sua indolencia insupperavel, a tarefa que lhes era confiada pouco adiantava; pelo seu numero e ferocidade, tornavam-se respeitaveis e temidos, consignando a chronica exemplos horrorosos de represalias e revoltas tremendas nas quaes os escravizadores cáro pagárão a ousadia da escravisação.

Alem desses elementos que concorrerão para o resultado negativo da escravidão americana, ha ainda a considerar-se o

desapparecimento dos selvagens, que, para furtar-se ás crueldades que lhes inflingia, quando podia, o colono, ião com as tribus internando-se pelos sertões e, não ráro de lá, em exercitos enormes, precipitavão-se desencadeados sobre os estrangeiros usurpadores e offerecião-lhes batalhas sangui-nolentas.

Os jesuitas, porem, que a esse tempo já havião infestado a America, com a rara habilidade que é o especial caracteristico de sua escola, dispuzerão-se a tirar todo o partido da opposição da Curia Romana á escravidão dos indios, em proveito da poderosa Companhia. Elles, que erão no continente negro caçadores e mercadores de escravos, arvorárão-se na America em curadores dos indios, em inimigos da escravidão. Nada mais fazião, entanto, que promovel-a na mais alta escala, sob uma apparencia enganadora de protecção e caridade.

A titulo de catechese e disseminação

do principio salutar do Christianismo, os jesuitas puzerão-se em contacto com as tribus selvagens; com a influencia, a astucia e as exterioridades da encenação das pompas catholicas, conseguirão impôr-se á obediencia das tribus submissas e aterrorisadas, e dellas se servirão, como verdadeiros senhores, usufruindo o trabalho das infelizes creaturas e delle tirando todos os beneficios com que opulentavão a Companhia, preparando-lhe elementos para os dias de maior fastigio. Era a renovação da partilha de Bastiat: ao gentio o trabalho, ao jesuita o proveito.

Forão então creadas as Missões, verdadeiras republicas de indios que os jesuitas governavão como dictadores absolutos e algumas das quaes attingirão á população de mais de dez mil almas (*). As Missões,

(*) Padre Gay — *Republica Jesuitica do Paraguay*, Revista do Inst. Hist. e Geograp., T. 26. *Republicas Jesuiticas do Uruguay e Paraguay*, Rev. do Inst. Hist. e Geograp. Tomo 4.

ultima cristalisação da espoliação systematisada, erão completas cidadellas, fortificadas com palissadas, sequestradas com fossos e onde só era permittido entrar e sahir com auctorisação escripta do jesuita dictador (*).

Esta absorpção, porém, que do trabalho indigena havião feito os jesuitas e o proveito que delle sabiamente tiravão, excitarão a cubiça dos colonos, e começarão as correrias feitas ás Missões, pelos bandeirantes paulistas, os assaltos ás plantações e feitorias jesuiticas, cujos trabalhadores erão levados como escravos.

Perseguidos e assaltados, os jesuitas conseguirão em seu favor a já referida Bulla de Urbano VIII que, prohibindo o captiveiro, dando-lhes em consequencia o monopolio da utilização do trabalho indigena, veio consolidar o exclusivo dominio que, de facto, já elles exercião sobre os

(*) Felix Ayala — *Viage en la America Meridional* — apud — Du Graty — *La Republica del Paraguay*.

indios que haviam conseguido domesticar e estabelecer.

Entretanto sempre os Reis metropolitanos tinham querido livrar os indios do Brasil da escravidão do europeu. A corôa não tinha interesse em proteger essa pratica deshumana, uma vez que essa escravidão nenhum resultado proporcionava ao reino, acarretando-lhe constantemente sacrificios de vidas e despesas com as continuas revoltas e correrias dos escravizados.

Desse modo, medidas forão decretadas, restringindo, impedindo, prohibindo o captiveiro dos indios, concorrendo para esse effeito, com as determinações emanadas do poder espiritual dos Papas.

Nada, porém, podião conseguir os soberanos, porque os jesuitas, verdadeiros senhores do mundo e dominadores exclusivos de Portugal, quer no tempo da sujeição hespanhola, quer sob os Braganças, depois da restauração, mantinhão e desenvolvião, debaixo de falsa apparencia, a

escravidão dos indios e nenhum desejo tinham de perdê-la, graças aos enormes resultados que auferião.

Assim marcharão as cousas até o advento do Marquez de Pombal.

O grande estadista comprehendeu desde logo onde estava o mal e teve a suprema coragem de desfechar o golpe.

Declarou primeiro, terminantemente, livres todos os indigenas e em seguida, para tirar o prestigio official aos jesuitas, com o Alvará de 7 de Junho de 1755, abolio inteira e absolutamente o poder temporal dos missionarios de qualquer congregação, por incompativel com as obrigações do sacerdocio e altamente contrario á boa ordem e administração da justiça, como já havia sido declarado anteriormente (*), collocando então os indios sob a tutella dos juizes ordinarios e vereadores.

(*) Lei de 12 de Setembro de 1663.

Dispostos assim os primeiros elementos para a completa libertação dos selvagens, estes, ainda dominados pelos jesuitas, que se apercebião que o seu prestigio estava se abalando, — ignorantes do mal que se fazião, romperão á mão armada contra as determinações que em seu beneficio havião sido tomadas pelo poderoso Ministro.

Mas Pombal não era homem que se deixasse vencer. Tendo comprehendido que era ainda o jesuita a alma da revolta dos indios, continuou a guerra de morte contra o jesuita e conseguiu do Papa Benedicto XIV (1º de Abril de 1758) a reforma da Companhia de Jesus em Portugal e seus dominios.

Armado com essa auctorisação temivel e tendo nas mãos o docil Cardeal Saldanha, o Marquez prohibio aos jesuitas o exercicio do commercio e, em seguida, fechou-lhes a porta do confessorario e do pulpito. Estavão fulminadas

as principaes armas com que os jesuitas havião tão habilmente conseguido plantar o seu dominio.

Restava-lhes, porém ainda, a mais poderosa e fecunda talvez das suas armas — a escola. Pombal em 1759 (*) tirou-lhes a faculdade de ensinar e, finalmente, a obra do aniquilamento e depuração foi completada pela Lei de 3 de Setembro do mesmo anno, pela qual os jesuitas forão declarados proscriptos, desnacionalizados e expulsos do Reino e suas possessões.

Só assim acabou no Brasil a escravidão systematica dos indios.

Outra escravidão, porém, e mais nefanda, havia sido introduzida na virgem America: a escravidão africana.

D. Fernando e Carlos V tinhão favorecido o commercio de escravos negros. Certo fidalgo flamengo obteve deste

(*) Carta Regia de 28 de Junho.

monarcha uma *patente* para introduzir escravos colhidos na Africa.

Os governos de Hespanha, a que por esse tempo Portugal estava annexado, contractarão, primeiro com a França, depois com a Inglaterra, a importação de escravos que erão então vendidos nas costas, não por cabeça, mas por tonelada nos porões dos navios como verdadeira mercadoria.

Foi sob esses auspicios regios que começou no Brasil a introdução do escravo africano. A principio era pequeno o commercio. A existencia das innumeraveis tribus selvagens que povoavão as florestas americanas trouxe a perspectiva de vasta seára para colheita do trabalhador escravo, dispensadas assim a pena de ir procural-os na Africa e o risco de transportal-os atravez dos mares.

As circumstancias, porém, cedo demonstrarão que o selvagem americano não realisava o ideal do servo com que

sonhava o colono : — o trabalhador incansavel, sobrio e submisso. Foi então que se voltárão todos para a importação das *peças da India*. Companhias se estabelecerão, contractos se firmarão e entabolou-se entre a Africa e a America uma enorme corrente de importação escrava que em poucos annos havia attingido a proporções extraordinarias.

Se por um lado o governo da Metropole, protegendo os indigenas, favorecia indirectamente a escravidão dos negros, concorrendo assim para que esta augmentasse e tomasse vulto, por outro, o character docil e submisso do africano, as suas excepçionaes condições de sobriedade e resignação para supportar trabalhos, os mais pesados, concorrião para tornar o africano como o typo ideal do escravo trabalhador.

Assim o *trafico* cresceu de modo extraordinario e o censo da escravatura ainda mais avultava em virtude do principio posto

em pratica da hereditariedade da escravidão, o *partum sequitur ventrem* dos Romanos ; tanto que em 1798, para uma população de 800.000 brancos, no Brasil, 1.500.000 era o numero de escravos existentes. (*)

Entretanto, apesar dos resultados inapreciaveis que ião os colonos auferindo com os progressos da escravidão africana, nenhum cuidado dispensavão ao escravo.

Elle nada mais era que a besta, á qual se dava alimento e descanso, apenas porque o descanso e o alimento erão condições essenciaes para a conservação das forças e continuação do trabalho. Formavão os escravos uma classe inferior na sociedade e fóra, por assim dizer, do genero humano , transição entre o burro da charrúa e o filho do reino, participando da forma deste, mas das condições de existencia daquelle ; nada mais...

(*) Maciel da Costa—*Memoria sobre o trafico*—Rio 1821

A vida lhes corria entre o eito, — o serviço em forma, na roça, sob a vigilância deprimente e cruel do aspero feitor, e a senzalla,—o curral para a noite, na commixtão e promiscuidade indecorosa dos sexos e das edades; estas duas estações, porém, frequentemente accidentadas pelas scenas do tronco, do açoite, dos castigos mais barbaros que a instituição negreira foi buscar nas monstruosas praticas da santa inquisição.

Por mais que se procure abater o homem, porém; por mais que sejam feitos esforços para rebaixar-lhe a dignidade, para aniquilar-lhe a vontade, a prepotencia dos oppressores sente um dia as consequencias tremendas da reacção; porque, um dia, o espirito que jaz espesinhado, desperta e sacode de si o jugo desprezível. Quando os opprimidos são homens livres, irrompem as revoluções, que conseguem transformar as sociedades e reformar as organizações politicas. «O escravo

revolta-se parcialmente contra os senhores, e, se não pode ou não quer exterminal-os como em Haiti, á semelhança das vespers Sicilianas, ou fazer a guerra de Spartaco, fere aqui e alli, isoladamente, exercendo assim a vindicta privada contra este ou aquelle individuo; ou foge da sociedade que o acabrunha e esmaga, procurando a expansão de sua liberdade onde melhor se lh'a offereça: é o povo Israelita fugindo de Pharaó, no Egypto, atravessando mil perigos, soffrendo mil privações até chegar á terra da promessa. (*) »

A degradação a que esse regimen, adoptado no Brasil, reduzia a infeliz creatura humana, trouxe então, como em todos os tempos, o cortejo dos pequenos tumultos: vierão as vinganças dos escravizados, a explosão dos resentimentos e dos odios por longos annos recalcados

(*) Perdigão Malheiro — *A Escravidão no Brasil* L. 3º Tit, 2 pg. 19.

no intimo do peito, a revolta contra a ordem social que permittia em seu seio tanta iniquidade.

A principio, era a fuga isolada do escravo, que aproveitava do descuido feliz do vigia deshumano para reconquistar a liberdade de morrer no meio das florestas, longe do abrigo repugnante da senzala. Outros innumerados a que faltava a coragem ou a oportunidade da fuga, suicidavão-se, libertando-se, pela morte, das vicissitudes e contingencias da vida; alguns houve que, stoicamente, antes de se darem a morte, matavão os proprios filhos, exterminando a propria descendencia, que já nascia contaminada da desgraçada herança... Depois, vierão os assassinatos dos senhores e dos feitores, lugares-tenentes sem coração, nem consciencia.

Com o encontro fortuito dos escravos fugidos, no matto, formarão-se os *quilombos*,—o contracto social rudimentar de

protecção e defesa mutua, e vierão em seguida as correrias e as depredações, o saque e o incendio das fazendas, todos esses factos, exercicios de um direito, legitimas represalias com que o infeliz, reconquistando por momentos, ás vezes, o trabalho, a vontade, a liberdade enfim, que lhe havia sido roubada, no desespero de sua situação, vingando-se do roubo que havia sido feito a seus paes, a elle proprio, que pesava agora sobre seus filhos e que proseguiria ao infinito, por seus descendentes, como uma maldição, ás mãis furtando os carinhos dos filhos, ás filhas, na puberdade, furtando-lhes a honra—impunha aos roubadores o mais merecido e exemplar castigo.

Por toda a parte formavão-se os *quilombos* e as insurreições e scenas de sangue encherão os annaes de nossa chronica. Apparecerão então as medidas criminosas de repressão contra esses actos sublimes de reabilitação do genero

humano, legitima reconquista da liberdade usurpada: forão creados os *capitães do matto*, instituidas penas de marcar a ferro em brasa a testa dos fujões e de mutilação, de uma orelha, por exemplo, em caso de reincidencia. (*)

Nada disso, porém, nem tudo o mais que se fez, conseguiu remediar o mal, ou mesmo attenuar-lhe os effeitos.

O remedio teria sido a liberdade; não havia outro.

As insurreições continuarão, os assassínatos de *senhores* e *feitores* multiplicarão-se, os *quilombos* precavião-se e fortificavão-se e a nossa historia registra chronica heroica de um desses *quilombos* que se transformou em republica independente.

Com a guerra e dominação hollandeza, em Pernambuco, os senhores de engenho, armando-se e marchando a engrossar

(*) Alvará de 30 de Abril de 1741.

as fileiras do exercito que tinha de dar batalha ao invasor flamengo, descuidarão-se da fazenda, unicamente preocupados na reconquista das terras brasileiras para a corôa da primitiva Metropole.

Aproveitando-se do abandono em que havião ficado, os escravos puzerão-se em fuga e, alguns delles, formando um primeiro nucleo de resistencia, estabelecerão arraiaes, entre as villas de Porto Calvo e Atalaia. A esse primeiro nucleo vierão-se reunindo, outros de forma que se forão constituindo, sob commando de um Zamby e administração de uns tantos magistrados, em republica independente e guerreira.

Forão raptadas as creoulas da visinhança — novas sabinas — para garantir a continuidade do novo povo que, na rapina e no saque e na depredação, ia tirando á farta, os meios de subsistencia.

Chamava-se Palmares o novo Estado; leis forão decretadas; com a pena de

morte se punia o homicidio, o roubo *inter muros*, o adulterio; instituiu-se uma religião, mixto beato de christianismo e de fetichismo africano, e estabeleceu-se o sacerdocio e o culto. Uma vez productor, abandonou o saque e as depredações; entreteve, então, commercio com os engenhos e cidades visinhas mas, temendo um assalto, fortificou-se constituindo uma cidadela de uma legoa de circuito, protegida por muralhas de duas ordens parallelas de estacadas de altos tóros de madeira de lei, lavrados nas quatro faces. (*)

No centro da cidadela elevava-se ingreme e escabrosa atalaia de cujo cimo as sentinellas sondavão, na linha do horizonte, a approximação do inimigo esperado a cada instante. E elle um dia appareceu, aproximou-se e acampou a pouca distancia do presidio. As portas,

(*) Accioli — *Memorias da Bahia, cit.* — vol. 1º pg. 136.

porém, se abrirão e um pelotão do exercito palmarino arremessou-se com tal impetuosidade contra o inimigo que desbaratou completamente as forças que commandava o paulista Domingos Jorge Velho.

Novos contingentes, então, forão sitiando a capital da republica, e, depois de renhidos combates, nos quaes caro havião custado as tentativas de escalar a muralha, requisitou-se do governo do Recife, já então restado pelos portuguezes, mais forças e artilheria para assedio da rustica fortaleza plantada nos invios sertões.

Tinha a esse tempo o *quilombo* 64 annos de existencia (1630-1694) e uma população de 20 mil almas....

Os novos reforços forão pouco a pouco chegando e os chefes inimigos preparão-se para um ataque definitivo.

Certa manhã, o fogo rompeu tremendo e a batalha foi horrorosa. Mas, á mingua

de munições, ia cessando a fuzilaria dos soldados do Zamby; os sitiantes, apercebendo-se disso, recrudescerão no assalto conseguindo afinal deitar abaixo uma das portas da cidade.

Mas o heroico exercito de Palmares não deu aos assaltantes victoriosos o prazer de um triumpho completo. Vendo-se perdidas, impossivel a repulsa dos inimigos, já dentro das muralhas rôtas, as hostes guerreiras, com o chefe á frente, galgarão a emirencia da atalaia e dahi se precipitarão pelo despenhadeiro, mortas, esphaceladas, despedaçadas aos pés dos assaltantes attonitos.

Assim acabou a republica, heroicamente, caro vendendo a liberdade que havia conquistado para seus filhos e afinal, quando subjugada, voltando contra si o resto do seu heroismo, matando-se, para não ser de novo escrava.

Exterminavão-se os *quilombos*, dava-se caça aos fugitivos, reprimia-se barbara-

mente as insurreições, e continuava-se sobre tudo isso, ainda com a exploração, em alta escala, do commercio vil e do trafico infamante, alimentando assim o mal, concorrendo para cada vez mais augmentar o germen de que erão consequencias todas as continuas e multiplas perturbações da ordem publica.

Para vivificar o negocio, ali estava a instituição vilissima do trafico, o commercio internacional da creatura humana, a fonte primordial e inexgotavel da nefanda organização cujas scenas aviltantes começavão a desenrolar-se nos vastissimos sertões do continente africano. A caça do negro, as batidas de matto, a guerra fraticida movida pelos irmãos do littoral que entravão em ajuste com os miseraveis negreiros para a captura e commercio dos irmãos do interior, repetião-se todos os dias para vergonha e aviltamento da humanidade. Companhias religiosas de jesuitas fundarão-se em Serra Leôa, em

Loanda, em Angola, sob os auspícios e protecção do governo portuguez, para negociar no trafico da especie humana.

Depois da caça e captura vinha então o horror da travessia do Atlantico nos porões infectos e sem ar dos navios negreiros, onde os escravos eram acorados por camadas sobrepostas, para comportar o maior numero, em uma profusão e promiscuidade tal que «era impossivel a um delles mexer-se sem que a massa inteira se remexesse tambem. Na mesma embarcação formavão-se, ás vezes, duas ou mais cobertas, apinhadas de escravos e cuja altura não excedia de pé e meio, mesmo de um pé.... Elles tinham assim o lugar preciso para se consevarem deitados, ou, por assim dizer, achatados; mas uma creança não poderia estar sentada nestas longas linhas de catacumbas... Erão servidos por um só homem que fazião descerlhes uma cabaça de agua e uma ração de alimento. Somente aquelles que pa-

reciam mais abatidos, erão içados para o convez, ao ar livre.» (*)

Por essa forma se fazia a asquerosa viagem....

« Quando o navio chegava ao porto do destino — uma praia deserta e afastada — o carregamento desembarcava; e, á luz clara do sol dos tropicos, apparecia uma columna de esqueletos cheios de pustulas, com o ventre protuberante, as rotulas chagadas, a pelle rasgada, comida de bichos, com o ar parvo esgazeado dos idiotas. Muitos não se tinham de pé, tropeçavão, cahião, e erão levados aos hombros como fardos. (**)

Descarregado o navio, nas immundas prateleiras dos porões jazia ainda grande quantidade de massas inertes e nauseabundas, — cadaveres de escravos que não puderão resistir ao soffrimento da

(*) Depoimento do Dr. Cliffe, testemunha occular; — publicado pela Anti-Slavery Society, de Londres, transcripto das *Cartas do Solitario*, X de A. Tavares Bastos, Rio 1863.

(**) Oliveira Martins — *O Brasil e Colonias* L. 2-1.

viagem e que se finarão durante a travessia, nas ancias horrendas da mais lancinante agonia, felizes, ainda assim, de se libertarem dos homens, mesmo no prologo da nova existencia que o destino adverso lhes reservava.

O navio negreiro offerecia aos olhos do mundo civilisado o espectaculo mais triste e deprimente do character do homem, e as costas do Brasil forão asylo e porto desses immundos brigues até mais de metade deste seculo, a que chamão das luzes, mas que mais propriamente se denominaria do mercantilismo e do interesse. E, para que esse trafico infame cessasse, foi preciso a intervenção estrangeira, o compromisso de tratados que se violárão, a vigilancia de crusadores que se illudiu. Nos primeiros annos de nossa vida independente, ratificando anteriores convenios portuguezes, firmamos com a Inglaterra a primeira convenção sobre a repressão do trafico;

tem ella a data de 26 de Novembro de 1826.

« Um dos maiores dias da nossa historia social é aquelle em que esse tratado se assignou; assim como (digamol-o á face do mundo e para correcção futura), assim como não ha dias mais deploraveis do que aquelles em que se faltou á palavra promettida e infringio-se o tratado (*) ».

E' consolador para os brasileiros, porém, ao menos exclamar, com Perdigão Malheiros: verdade é, diga-se em honra do nome nacional, erão quasi exclusivamente estrangeiros, especialmente portuguezes, os que se entregavão ainda a esse commercio vil, e já então illegal! Não nos faltarão vexames e alguns dos mais tristes dias para o brio da nação, virão a luz meridiana nos tempos sombrios da repressão do trafico, illegal, mas subsis-

(*) Tavares Bastos—*Cartas do Solitario*, X.

tente em contravenção flagrante ás clausulas expressas dos tratados, punivel, mas impune apesar da severa sancção penal de nossas leis de excepção.

Era, com effeito, a abolição do trafico e commercio de africanos o problema social e humanitario que mais preocupava as nações civilisadas no principio do seculo. Por um lado, a repugnancia que ao character humano causava o abjecto commercio e além disso, algum tanto, o interesse das potencias que tinham abolido o trafico, em homenagem aos principios proclamados de egualdade humana, em não arcar com a concurrencia das demais nações que não haviam dado esse passo humanitario —, forão os principaes elementos que concorrerão para formação do pacto, que se foi propagando, de guerrear e extinguir uma das mais infamantes miserias que ennegrecião a historia da humanidade.

Vulgarmente se dá á poderosa patria de

Wilbeforce a gloria da iniciativa da abolição do trafico. A historia, porém, nos ensina que ao tempo da guerra da emancipação dos Estados Unidos, em 1776, foi a Virginia, a patria de Washington, o primeiro Estado que prohibio o commercio da carne humana. Até 1782, mais onze Estados da União Norte-Americana imitarão o generoso exemplo da antiga colonia puritana. Em 1792, aos 11 de Agosto, a grande assembléa franceza, que havia sahido do seio da revolução, declarou o trafico de negros contrario aos principios de liberdade que havião sido proclamados. Só mais tarde, nos primeiros annos deste seculo, foi que a Inglaterra tomou sobre os hombros a tarefa de continuar a guerra sagrada aos traficantes vis, procurando pôr termo a tão deshumana pirataria.

Entre nós, o governo, depois de lamentaveis transigencias com os mercadores, infringindo vergonhosamente a

letra dos tratados e deixando no olvido as disposições penaes, só em 1850 pensou seriamente, graças á energica attitude de Eusebio de Queiroz, em punir e exterminar o trafico illegal.

A nova lei (n. 581 de 4 de Setembro de 1850), fielmente executada, conseguiu em dois annos aniquilar completamente a instituição sem nome, e cuja lembrança deve ser apagada do espirito dos homens, para attenuar, ao menos, no somno do passado a convulsão desse pesadello.

Secca uma das fontes, restava ainda outra, cuja producção era sufficiente para abastecer e engrossar, cada vez mais, a impetuosa corrente — o ventre.

Se bem que ao inicio de nossa emancipação politica, nos primeiros annos do agitado reinado do primeiro imperador, o glorioso cenaculo que se chamou Assembléa Constituinte e que, graças ao seu espirito eminentemente democratico, conquistou as iras do autocrata e obteve

como premio a dissolução violenta e acintosa, se bem que essa gloriosa assembléa tivesse no artigo 254 do projecto de Constituição que elaborára, recommendado ao poder legislativo a *emancipação lenta dos negros e sua educação religiosa e industrial*, e José Bonifacio houvesse apresentado uma *representação sobre a escravatura* (*) na qual offerencia um projecto de lei que consignava ideias humanas e generosas, tendentes não só, a attenuar o rigor da existencia do escravo, livrando-o dos máos tratos do senhor, procurando, pela educação civica e industrial, preparal-o para o exercicio da vida responsavel de cidadão, como tambem a conseguir, gradativamente, a abolição total do regimen do trabalho escravo,—não obstante esses intuitos patrioticos dos nossos primeiros legisladores, é certo que muito pouco se pensou,

(*) Appareceu em Paris, alguns annos depois.

até mais de metade deste seculo, na solução de problema tão momentoso.

Póde-se dizer que só depois da abolição completa do trafico e, quando os espiritos liberaes, até então empenhados exclusivamente na primeira campanha, se volverão á segunda, mais seria e mais melindrosa, da abolição da escravidão, só então foi que se começou a pensar, com certa insistencia, no problema ao encontro do qual era preciso caminhar. Alguns projectos parciaes, indirectos, forão apresentados no seio do poder legislativo; erão todos regeitados logo de principio, mas ião elles como preparando o espirito publico, denunciando que havia sentinellas avançadas da liberdade que não descançavão e, de vez em quando, no meio das trevas silenciosas da noite do captiveiro em que vivião milhares de creaturas humanas, davão o brado de alerta que repercutia engrandecido e consolador, de coração em coração. Assim,

nessas pequenas campanhas de escaramuça, viemos seguindo até a elevação de Paranhos aos conselhos da Corôa, epocha que assignala a grande victoria de 28 de Setembro de 1871 que estancou a outra fonte do mal. Já não nascião mais escravos sob o céo risonho e festivo da patria. Da frente das creanças pretas foi lavado o stigma que lhes vinha, fatalmente, do seio materno. Estavão pois, contados os dias da triste instituição; era preciso, porém, dar-lhe ainda guerra de morte; era muito esperar, esperar que ella acabasse, lentamente, á mingua de escravos...

A propaganda recrudesceo. Já então o espirito publico não tolerava a effectividade de todas as funestas consequencias que tinham origem na escravidão. As leis de excepção, as formalidades inherentes ao captiveiro, todo o apparatus do mechanismo escravocrata, tudo foi ruindo parcialmente ao contacto da onda in-

vasôra da opinião publica revoltada e, de conquista em conquista, já se não pedia a abolição, empregando-se todos os circumloquios e rodeios de que usarão os primeiros abolicionistas, mas, seccamente, asperamente se pedia, se impunha uma lei que contivesse apenas um artigo: —fica abolida a escravidão no Brasil.

A comprehensão do aviltamento que trazia para a humanidade a existencia da escravidão em um paiz que se dizia civilisado, quasi um seculo depois de se haver proclamado no coração do mundo os dogmas da liberdade, da egualdade e da fraternidade, tinha finalmente creado raizes profundas em todas as camadas sociaes.

A propagação constante, mas moderada e geitosa, dos brasileiros illustres que tinham combatido a escravidão — Perdigão Malheiros, Tavares Bastos, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, na tribuna parlamentar, na imprensa, no livro, suc-

cedeo a propaganda activa e fecunda dos grandes abolicionistas — Luiz Gama, Ferreira de Menezes, José do Patrocínio, Antonio Bento, João Cordeiro — pregando a ideia abolicionista a todo o instante, lançando mão de todos os meios para emocionar o coração do povo, promovendo a libertação de milhares de captivos por todos os meios imagináveis, proporcionando a fuga das fazendas, e além delles, as manifestações da briosa mocidade das academias, os clubs que em tôdos os recantos se formavão, as retiradas em massa dos escravos, desorganizando o trabalho, contaminando pelo exemplo, e, finalmente, a resolução patriótica e humanitaria do glorioso exercito brasileiro de se não deixar transformar em *capitão do matto* para reprimir a fuga dos escravos e dar-lhes caça nas serras do Cubatão — tudo isso precipitou os acontecimentos de tal forma que, em pouco tempo tornou-se um facto

o desaparecimento da escravidão no Brasil, a que veio de encontro a bôa vontade da Princeza Regente, D. Izabel, cristalizando em poucos dias, na lei de 13 de Maio, a gloriosa revolução nacional que tão profundamente havia imposto ao governo do paiz a generosa aspiração do coração brasileiro.

15 de Novembro

15 de Novembro

1889

CONSAGRADO A' COMMEMORAÇÃO DA
PATRIA BRASILEIRA

O governo democratico, sem reis nem oligarchias, era por certo o governo que deveria presidir os destinos da nova patria que se constituiu no territorio americano da vasta colonia portugueza.

Paiz novo, sem tradições monarchicas, sem hereditariedade de direitos territoriaes, não se havendo enraizado a tentativa feudal dos primeiros donatarios, entregue á exploração do europeu já quando declinava no occidente a tyrannia dos regulos e casualmente dominado por um povo extranho, graças ao acaso inconsciente do primeiro descubridor, era certamente consequencia logica

de sua independencia a libertação completa de qualquer jugo estrangeiro, a organização do seu governo com os elementos nacionaes de que pudesse dispôr.

Era essa a evolução natural da nova patria, cuja consecução, por assim dizer, constituia a aspiração nacional, eloquentemente manifestada em todos os movimentos que se operarão nos diversos periodos da formação do espirito de nacionalidade, em todas as explosões que irromperam da alma brasileira.

Ainda no tempo do asphyxiante regimen colonial, quando todas as seivas são perfidamente sugadas, todos os germens estiolados, todas as florescencias suffocadas, o primeiro syntoma dessa aspiração foi combatido com o esquartejamento de Philippe dos Santos, e apoz, o primeiro momento dessa evolução chamou-se a *inconfidencia mineira*.

Já a *republica* era o balbucio da alma

brasileira na sua mais remota infancia. Não estavam, porém ainda arregimentados os elementos de resistencia patria. A explosão foi suffocada, os rebeldes foram supprimidos, a tyrannia recrudesceo.

A arvore da liberdade fora, porém, vivificada com o banho do primeiro sangue brasileiro derramado pela patria. Se as aspirações então não puderão consolidar-se, entretanto a inconfidencia marcou, pela accentuação da vitalidade do povo, a data das primeiras concessões da metropole, das primeiras conquistas da colonia.

Veio depois longo periodo de quieta submissão apparente, mas de profunda fermentação nacional. São Paulo e Recife erão nucleos poderosos da ideia nativista; constituirão-se como os pulmões que fasião circular por todo o corpo nacional. o sangue purificado do espirito de nacionalidade. Forão esses os dois focos de luz: ião-se perpetuando e pro-

pagando as tradições de Amador Bueno e de Henrique Dias.

Depois, teve materialmente grande impulso a nova terra com a hospedagem dada á côrte portugueza e com a elevação á cathegoria de reino. A invasão estrangeira absorveo e dominou a principio toda a vida e expansão americana. Cedo, porem, o povo brasileiro comprehendeo a imprestabilidade da comparsaria bragantina que recebera hospitaleiramente e carinhosamente guardára no seio, fóra do alcance das bombardas napoleonicas e, scindindo a espessa camada adventicia que pousára sobre o Brasil, irrompeu no brilhante movimento libertador de 1817.

Elle completou a revolução brasileira que conseguiu de facto a independencia da patria. A republica, desta vez, não foi somente um sonho, como em 1789; teve existencia real, constituiu seu governo, organisou seu exercito, creou seu

funcionalismo. Pernambuco, Alagoas, Parahyba, Rio Grande do Norte forão os primeiros estados. As forças estrangeiras que abarrotavão os quartéis, porem, conseguirão desbaratar as inexperientes forças da nascente republica. A invasão portugueza reconquistou aquelle primeiro pedaço do Brasil que se havia crystalisado e a crosta absorvente esparrou-se novamente sobre toda a extensão do territorio nacional. Mas era só a superficie que ella podia subjugar; por baixo, dentro, palpitava incessante o coração brasileiro. Novas ondas de sangue, essas mais numerosas, ensoparão de novo o solo americano; mais viço, porem, recebeu a arvore mysteriosa que só tão tarde devia, com toda a rigidez do tronco secular, alçar sobranceira a copada fronde, desafiando a furia das tempestades das paixões humanas.

A independencia consolidava-se, a revolução se tinha effectuado, apesar de

haver sido reprimida barbaramente a sua manifestação suprema. A nação existia por fim.

Faltava apenas a separação do reino de Portugal, a declaração official da existencia da nova patria, a constituição effectiva do governo brasileiro.

Então veio a tona um novo partido que, de um lado receiando as lutas com o lugar-tenente do Rei, o principe D. Pedro, chefe obedecido das numerosas e disciplinadas linhas do exercito portuguez e a que se reunião todos os poderosos elementos estrangeiros, e de outro lado, acreditando nas promessas fallases desse principe, que fazia crer que *não duvidaria em ser o primeiro cidadão da republica se o Brasil quizesse ser republicano*, indo ao encontro da ambição do principe, fel-o chefe de partido, proclamou-o defensor perpetuo do Brasil e preparou os acontecimentos do dia 7 de Setembro, que não forão uma revolução, mas uma

tangente, que não fizeram mais que piorar a situação brasileira prolongando a dominação portuguesa e preparando para a nação o advento de um regimen que se intercalou anachronicamente no desenvolvimento racional da nossa emancipação politica e social.

Não se fiserão muito esperar as consequencias do erro, do falso ponto de vista que tão profundo desvio veio imprimir á direcção de nossa evolução emancipadora, erro que foi por certo o fructo das boas intenções de grandes brasileiros, não ha duvida, mas de funestissimos estadistas. Veio a dissolução caprichosa e violenta da Constituinte; veio a clausula secreta do tractado com Portugal, de 29 de Agosto de 1825, pela qual nos obrigamos a pagar, e effectivamente pagamos, 1.400.000 £, importancia de um emprestimo que Portugal contrahira com a Inglaterra, em 1823, com o fim ostensivo de oppor-se a nossa independencia e

mais, ao Rei D. João VI, 600.000 £, indemnisação de um palacio e outros predios do Rio de Janeiro, que, apesar de serem proprios nacionaes, forão considerados bens particulares (*); veio a do-nominação portuguesa, sem rebuço, nem disfarce; veio a tyrannia que fasia saudades dos escuros tempos coloniaes; veio, em uma palavra, o absolutismo de um principe autoritario, violento e dissoluto.

Já então a libertação do jugo bragan-tino, sob o qual o Brasil ingenuamente se collocara, era um problema muito mais difficil. O principe fôra sagrado com a autoridade e prestigio official de soberano do novo Imperio, a grande massa portuguesa, o grande elemento de resistencia a todas as legitimas aspirações brasileiras, para melhor fruir da nova terra, havia se tacitamente amalgamado na massa dos brasileiros, em virtude da

(*) Armitage — *History of Brasil* — Vol. I. Chap. XIII
pg. 195.

disposição equaladora do § 4 do art. 6 da Carta Constitucional e os patriotas, centro e alma do partido nacional, desanimados, perseguidos, dispersos, desterrados, desesperavão de conseguir a reabilitação de nossa independencia, a corrigenda do erro deploravel de 1822.

A reacção contra o acto violento da dissolução da Constituinte, em cujo seio se debatião patrioticamente os grandes interesses das liberdades brasileiras, movimentou profundamente a alma nacional. E tão intensamente democratica era a convulsão dos espiritos nesse momento historico, que o Rei se vio forçado, indo ao encontro da propagação do liberalismo, a promulgar a carta de 1824, aparentemente liberal, mas onde o espirito machiavelico do principe enchertára o *poder moderador*, elemento de degenerescencia de todos os demais poderes, porta aberta para todas as violencias do absolutismo, caminho mais curto e facil para o ad-

vento irremediavel do cesarismo — ultima expressão do poder pessoal. Essa Carta, porém, não satisfez á aspiração dos brasileiros. Os elementos reacionarios que em todo o Brasil se accentuavão, concentrarão-se ao Norte e, no mesmo anno, aos 2 de Julho, foi proclamada a gloriosa *Confederação do Equador*; erão seus estados Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará... Foi seu unico presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade.

Os estrangeiros, porem, poserão-se em movimento e, como se não bastassem as tropas portuguezas, desta vez seguirão ainda por mar, para Pernambuco, Lord Cochrane, feito Marquez do Maranhão, e para Ceará, Escragvolle, o conde.

Não é preciso dizer mais: a revolução foi suffocada; ainda uma vez a tyrannia estrangeira suplantara as legitimas expansões da alma brasileira.

Desesete forão os martyres que a sa-

nha assassina do primeiro imperador imolou friamente para calcar aos pés a dignidade e altivez da patria que não era a sua. Homens dos mais distinctos, patriotas dos mais eminentes, forão fusilados uns, enforcados outros, morrendo muitos na luta.

Frei Caneca do Amor Divino, Agostinho Bezerra Cavalcanti, Nicoláo Martins Pereira, Antonio Macario de Moraes, Tristão Araripe, Miguel Ibiapina, Padre Albuquerque Moçoró....

E' sempre grato lembrar os nomes dos verdadeiros filhos desta terra, que por seu civismo e pudonor legárão com seus nomes gloriosos proveitosa lição aos posteros.

Conhecida a sentença fatal, que havia sido confirmada pelo autoocrata, *por graça de Deus*, tardou o dia das execuções e começarão as manifestações populares em favor da liberdade dos patriotas.

Era, pois, bem preciso apagar com

sangue os germens de revolta que ainda havião ficado no espirito publico. Tiverão inicio os *justiçamentos*.

Alguns forão fuzilados no Recife. Dentre os prisioneiròs, Nicoláo Pereira, heroico moço no entanto, desfalleceu ao assomar á porta do carcere. Assim mesmo, inanimado, foi conduzido n'um carretão ao lugar do supplicio, onde, como se não pudesse ter em pé, foi atado pelos braços ao poste do martyrio.

Arranjado o *mise-en-scene*, começou a execução e desse modo a conta uma testemunha occular:

«A' primeira descarga nenhum cahio, e da ségunda só um veio á terra.

«A pressa de carregar de novo as armas, os clamores dáquelles homens já feridos, instando altamente para que os matassem logo, produzio certa confusão inesperada, e pela qual desapareceu a etiqueta militar usada em taes actos. O pelotão in-

distinctamente aproximou-se, e cada soldado, o que primeiro carregava sua espingarda, ia atirando á queima roupa numa das victimas que lhe parecia mais necessitada de seu auxilio! Parecia uma carnificina (*).

Depois de outros suppliciados tocou a vez do patricio illustre Joaquim Caneca.

Sahio da cadeia com o habito da ordem da Madre de Deus. Ao lado da igreja do Terço, onde estava armado um altar, o cortejo parou.

Teve então lugar a original cerimonia solemnissima da desautoração do frade.

Com rezas e aspersões, depois de haverem completamente paramentado o religioso brasileiro, dois sacerdotes foram tirando, uma a uma, todas as vesti-

(* Este trecho e outro que se segue são extrahidos de uma narração do *Supplicio do Caneca* feita por Fernando José Martins, testemunha occular e insuspeita para com o primeiro imperador. *Rev. do Inst. Hist. e Geog.* Vol. LI (supplemento) pag. 133.

mentas do ritual até deixarem frei Caneca com a camisa e calça de ganga amarella que vestia.

Findo o ceremonial, desautorado o religioso, foi o homem, despido assim das ordens em que o investira a igreja, entregue ao carresco para que o *justiçamento* fosse feito e o cortejo seguiu até o lugar em que haviam levantado a forca.

«Ahi chegando não tardou a perceber-se entre o grupo que rodeava o magistrado director da execução uma especie de alteração; era o algoz que recusava exercer o seu officio; ordens, ameaças de nada servirão para o tirar de sua obstinação. O ajudante intimado para subir, não aceitou tambem a intimação.

«A' vista de tal difficuldade, o Juiz mandou-os para a cadêa e ordenou que de lá trouxessem qualquer sentenciado para servir no acto. Demorou horas a vinda da resposta negativa: nenhum preso

se prestou a servir de carrasco ; ameaças e gratificações de nada servirão.

«A' vista do que combinou o ouvidor do crime com o commandante da força para ser o condemnado entregue á alçada militar ; desceo a escada ; fincou-se o poste, avançou o piquete, e... suas ultimas palavras forão : Meus amigos, peço que não me deixem padecer por muito tempo... e assim aconteceu ; á primeira descarga cahio sem vida (*)».

Depois deste, forão fusilados no Recife mais cinco patriotas ; egual numero foi o dos que forão mortos no Ceará, não contando os dois chefes, Tristão Araripe, que morreu na batalha e Manoel de Amorim, que succumbio na prisão. Anteriormente, já tinhão sido supliciados no Rio de Janeiro, para onde havião sido transportados, João Guilherme Ratcliff, João Metrowich e Joaquim da Silva Loureiro.

(*) Fernando J. Martins—*O Suplicio de Caneca*—citado.

Ao todo desesete, que não puderão furtar-se, como tantos outros, ao assassinato judiciario com o qual tão bem se dava o espirito sanguisedento do imperador.

Tanto sangue derramado, porém, não havia ainda conseguido a desejada submissão brasileira.

Continuamente, sem interrupção, pôde-se dizer, revoltas parciaes, sublevação de tropas, assassinatos politicos, deposições de autoridades superiores, multiplicavão-se em todas as provincias; e, se não havia ordem, socego e tranquillidade publica no seio da patria não eramos mais felizes no exterior. A revolução do Sul do Imperio fez com que, depois de uma guerra desastrada, perdesse o Brasil a provincia Cisplatina—hoje o Estado do Uruguay—; pouco depois soffriamos, impotentes para reagir, a afrontosa intimação de Roussin, almirante francez com poderoso navio dentro de nosso porto, de onde se foi

levando grossa indemnisação. Já anteriormente Lord Cochrane, rompendo o pacto que tinha com o Imperio—especie de locação de serviços para submissão das provincias brasileiras depois do 7 de Setembro — fez-se de vela para Inglaterra, antes de finda a empreitada, mas só depois de haver, no Maranhão, deposto o presidente para empossar um outro que lhe mandou pagar cerca de 200 contos, sem ordens da Côrte e sem fundos para isso; e como a Junta de fazenda puzesse embargos ao prompto pagamento ordenado pelo presidente, Lord Cochrane compareceu em pessoa á Junta e... foi decidido que, como não tinha a thesouraria dinheiro, toda a renda da Alfandega fosse adjudicada ao Lord até completar a quantia que elle havia exigido (*) e desse modo se fez...

(*) Veja-se Pereira da Silva. *Hist. da Fundação do Imperio*. Vol. 7, Secção IV, pag. 291. Armitage. *History of Brasil*. Vol. I Chap. XII.

Assim, completa desmoralisação lavrava em volta do throno e ella foi augmentando e crescendo de fórma tal que explodio na revolução de 7 de Abril de 1831, por força da qual D. Pedro 1.º « muito voluntariamente abdicou na pessoa do seu muito amado e presado filho D. Pedro de Alcantara ».

O echo de abdicacão repercutio no Brasil inteiro como um grito revolucionario. Em quasi todas as provincias, presidentes e commandantes das armas forão depostos pelos chefes populares e a guerra civil se ateou.

Por toda a parte foi horrenda a carnificina, consequencias fataes da nefasta politica do principe que se ausentára.

Foi nesses annos que se seguirão a 31, que se operou no paiz a mais horrorosa convulsão por que elle tem passado. E não havia elementos para conseguir a conciliação das facções revoltadas. De um lado, o brasileiro pugnando ainda pela

sua libertação, de outro, a coligação estrangeira suffocando as aspirações populares para restauração do principe que lhes garantia a continuação do dominio no paiz. Foi então que veio novamente á tona a ideia republicana: no Sul, com a proclamação da republica de Piratinim, em que se transformou a provincia do Rio Grande, e que teve a existencia gloriosa de dez annos de lutas incessantes (1835-1845) e ao Norte, na Bahia, com a Sabinada, em 1837, que foi suffocada apoz um anno de lutas, em seguida aos combates de 16, 17 e 18 de Março de 1838 e da qual foi chefe o Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, illustre medico e popular cidadão.

Ahi, dominado o movimento, toda a sorte de atrocidades e barbaridades foi praticada pela soldadesca, que havia effectuado a conquista da cidade. Os vencidos, que já não combatião, erão atirados vivos ou feridos ás fogueiras enormes

das casas que ardião. Outros forão arrastados para prisões infectas onde morrião á mingua, ou para os porões da tristemente celebre fragata *Persiganga*, onde homens de character respeitavel e distincta posição social forão tratados ao azorrague dos marinheiros.

Pela manhã abrião-se as escotilhas e lançavão-se ao mar os corpos inermes dos que havião succumbido durante a noite.

E sobre todos estes horrores, não havia a menor esperança na justiça dos homens, pois até o Juiz de direito, que presidia o tribunal do Jury que ia pronunciar-se a respeito dos presos patriotas, o Dr. Victor de Oliveira, ao abrir a sessão, exhortou os jurados, declarando que era preciso apagar a poeira da revolução, com o sangue dos rebeldes (*).

(*) Dr. Sacramento Blacke.—*A revolução de 7 de Novembro de 1837 e o Dr. Sabino Alves*. Revista do Inst. Hist. e Geogr. Vol. 48, 2.^a parte, pag. 255.

Foi então que o mesmo partido que, em 1822, com a proclamação do primeiro imperador, adiou o advento da república, desviando a evolução nacional do curso legitimo, ainda uma vez, para evitar o advento logico e necessario do governo republicano, promoveo e conseguiu a declaração da maioria do segundo imperador, em 1840.

«O orphão deixou o berço e se apossou do sceptro; o menino foi declarado homem feito; não se respeitou, pois, nem as verdadeiras conveniencias do paiz, nem as proprias prescripções da natureza. A revolução foi por esse modo consummada e o Brasil — pobre Brasil... teve ainda um rei.»

«Pae e filho seguirão o mesmo caminho.

«O primeiro rei constituiu-se illegalmente, usurpando direitos do povo, commettendo uma trahição a seu pae e a sua nação; o segundo se fez effectivo, desordenadamente, transgredindo a cons-

tituição de seu pae, usurpando tambem direitos do povo, porque a herança conserva ainda os mesmos vicios que a degradavão quando ainda não transmitida. (*)»

Mas não durou muito a salutar expectativa.

Bem depressa comprehendeu o partido liberal o erro que havia commettido promovendo a maioridade, como annos atraz verificára o erro da proclamação do primeiro senhor.

«Mal triumphou a maioridade e já sobravão razões ao partido liberal para arrepende-se de havel-a iniciado. Podia cobrir a cabeça mesmo no dia do triumpho.

«Ainda resoavão os vivas da festa e já o governo pessoal se inaugurava com a nomeação do chefe da facção aulica, o Sr. Aureliano de Souza e Oliveira Coi-

(*) Saldanha Marinho — *A monarchia ou a politica do rei* — 2ª edição — 1885 pg. 33.

tinho, para ministro dos negocios estrangeiros...

«A doutrina do governo pessoal decorria naturalmente do precedente estabelecido.» (*)

A maioria não conseguiu, como esperavão os liberaes, acalmar os animos, tranquillisar o espirito nacional, legitimamente sobressaltado com as continuas usurpações que tinha soffrido nos seus direitos mais sagrados.

Essas usurpações recommearão. O *Acto Adicional*, unica manifestação popular regularmente constituída, soffria, de continuo, golpes profundos que o desnaturalavão.

A restauração do Conselho de Estado, auxiliar do *poder moderador*, que aquelle *Acto* havia abolido, veio dar-lhe o derradeiro golpe.

O texto constitucional era letra morta.

(*) Theophilo B. Ottoni — *Circular aos Mineiros* — 2ª edição — 1860 — Cap. VII pg. 81.

Debalde, em São Paulo, em 1842, a revolução se ateou, tendo á frente o inclito Feijó e o bravo Raphael Tobias; debalde Minas, convulsionada, derrotou em Santa Luzia o *invicto* Alves de Lima, já então Barão de Caxias, que continuava a prestar á monarchia, exotica e usurpadora, o decidido apoio, contra o espirito brasileiro, que sempre havião prestado os seus antepassados; debalde, em Pernambuco, em 1848, Nunes Machado, a troco da existencia preciosa, levantou o facho da revolução, tentando exterminar o monopolio portuguez no commercio brasileiro e proclamando, mais uma vez, a liberdade naquelle sólo tão cimentado do puro sangue natal, prodigamente derramado pela tyrannia.

Debalde. O principe que do berço passára ao throno, tudo conseguiu avassallar; dava-lhe azas o poder moderador; e o poder pessoal, para cuja propagação e difinitivo estabelecimento todos os meios

de corrupção erão armas legitimas, transformou-se na dictadura vitalicia, no cesarismo absorvente de toda a auctoridade e funcção publica. 48 foi o ultimo grito de angustia que o Brasil deixou escapar ferido de morte pela consummação do dominio absoluto no governo do paiz.

D'ahi começou a submissão inconsciente, a profunda degenerescencia do espirito civico, o abastardamento do character nacional. Vio-se a corrupção ser o unico meio de governo: *Timandro*, o independente autor do *Libello do povo*, transformou-se em Visconde de Inhomirim, submisso ministro; signatarios do manifesto glorioso de 3 de Dezembro, despirão a blusa para se abotoarem nas fardas de ministro e senador, e, desse modo, desmoralizando as tentativas revolucionarias, com lhes não oppor embargo e indo depois ao encontro dos agitadores, com o sorriso nos labios e um decreto qualquer assignado, es-

côou-se esse reinado innocuo durante quarenta annos que forão « quarenta annos de mentiras, de perfidias, de prepotencia, de usurpação, » e nos quaes só foi governo a vontade de um « principe conspirador, de um Cesar caricato (*) ».

Mas, desde longos annos os partidos politicos que se revesavão no poder, affastados sempre do terreno dos principios, degladiando-se vergonhosamente em questões pessoaes, que constantemente vinhão á tela da discussão, presagiavão na opposição o advento proximo da reacção popular, que elles preparavão entretanto, por sua vez, quando com o poder, e que deveria assignalar a epocha da extincção do governo anachronico, enchistado na administração do paiz pela condescendencia e ingenua boa fé dos primeiros liberaes, completando-se afinal o ciclo de nossa emancipação politica.

(*) Expressões do Sr. Conselheiro Antonio Ferreira Vianna—
Camara dos Deputados, sessão de 31 de Julho de 1883.

De resto, desde muito as ideias republicanas, enfraquecidas com a corrupção do segundo reinado e desviadas de sua carreira pela occurrencia desgraçada da guerra do Paraguay, durante a qual o patriotismo não deixara tempo de pensar em outra cousa que não fosse a defesa dos brios nacionaes e da integridade do territorio, — as ideias republicanas ganhãrão terreno, ao terminar essa guerra, quando foi despedido do poder, inopinadamente, o partido liberal para que ao conservador, transformação do partido estrangeiro e reaccionario, coubessem as glorias da pacificação.

Já anteriormente, Osorio, o brasileiro, havia assustado a monarchia com o prestigio que a gloria e coragem civica lhe creara em torno do seu nome; foi substituido o inclito general pelo Duque de Caxias que colheu todos os louros, o duque, o fiel emissario do rei para suffocar todas as aspirações liberaes em que se havia, até 48, expandido a alma brasileira.

O plano politico do rei havia sido comprehendido pelos liberaes, e, logo após á ascensão dos conservadores, foi convocada uma grande reunião daquelle partido. Dessa reunião nasceo o manifesto de 69 que tinha por thema *reforma ou revolução!*

Nem todos os liberaes, porém, acompanharão o programma adoptado pelos chefes. Christiano Ottoni queria ver na bandeira inscripta a abolição do *poder moderador*, que se lhe afigurava obice permanente ás aspirações da democracia.

Desse voto nasceo a scisão do partido que, pouco a pouco, engrossando com adhesões que lhe vinhão chegando dos quatro cantos do paiz, constituiu o partido republicano que em 1870 atirou corajosamente á nação a acta de sua consolidação, a affirmação de sua existencia — o manifesto de 3 de Desembro, redigido por uma pleiade brilhante (*) e

(*) Saldanha Marinho, Christiano Ottoni, Aristides Lobo, Pedro Ferreira Vianna, Flavio Farnese, Quintino Bocayuva, Salvador de Mendonça.

approvado unanimemente em solemne sessão presidida pelo advogado Lafayette Rodrigues Pereira. (*)

De então começou a propaganda regular e *systematica* das ideias republicanas e da organização federativa, que mais convem ao paiz, graças á vastidão do territorio.

Fundou-se na *Côrte* um órgão do partido — *A Republica*, cujo edificio foi apedrejado, invadido e inutilizado pela policia imperial, em uma noite memoravel. Outros órgãos, porém, surgirão da destruição da *Republica*.

Em cada cidade fundava-se um club, mantinha-se um jornal; e a essa propaganda continua da imprensa diaria, vierão juntar-se o livro, para o gabinete, o *meeting*, para a praça publica.

(*) Saldanha Marinho. *A Monarchia ou a politica do rei*
— citado — pg. 124.

Em 80, a 1º de Janeiro, travou-se a primeira batalha á mão armada. Para resistir ao ataque da tropa, levantarão-se barricadas e trincheiras nas ruas mais centraes da cidade, e o povo arrancou da monarchia uma conquista —a abolição do imposto.

O fermento crescia. Saldanha Marinho, o venerando, era o chefe da democracia; para elle convergião todas as vistas. O seu modesto escriptorio de advogado era o centro para onde affluião todos os pensamentos; foi o quartel general, a primeira secretaria de estado da Republica. Lá se entretinha a correspondencia com todos os chefes, lá se ia buscar conselho e alento para todas as propagandas.

Por fim a onda cresceo. O novo partido, apezar da fraude que campeava triumphante nas eleições, que se fazião no paiz, conseguiu levar os seus representantes ao solio do parlamento nacional. Era final-

mente o partido vencedor na opinião. Sua bandeira havia avassalado todas as classes e era fatal o seu advento com o desaparecimento do velho monarcha, já bonanchão e doente. O terceiro reinado, o governo da fanatica princeza imperial e de seu esposo estrangeiro, em torno de cuja avareza e pequenez a lenda popular entretecera episodios tão desanimadores, o terceiro reinado era a mais improvavel das hypotheses, no espirito mesmo dos mais decididos apologistas do imperialismo.

A sua improbabilidade, nas camadas populares, era como um dogma salvador. Foi nessas circumstancias que veio ao poder o ultimo ministerio da monarchia, producto aulico, combinado nos interesses dymnasticos da casa imperial, nos paços de *villegiatura* em Petropolis.

Era seu programma, por assim dizer, uma empreitada de exterminio dos germens democraticos do paiz, o preparo

para o advento do governo da original senhõra cuja vida ia deslizando suavemente entre as festividades de egreja e os concertos musicaes.

Esse ministerio foi recebido no meio do enorme alarido que se elevou da consciencia nacional. Não estava ainda conhecida integralmente a lista dos novos oligarchas e já a opposição ao novo gabinete era infrene. A recepção do governo no seio do parlamento foi tempestuosa. Houve acclamações á Republica no recinto da Camara e o povo, que enchia as galerias, prorompeo em applausos aos novos deputados republicanos. Boletins e versos revolucionarios forão espalhados.

A Camara foi dissolvida, e a fraude e a pressão eleitoral trouxerão para apoiar a politica do terceiro reinado uma camara quasi unanime...

Mas o impulso estava dado. Silva Jardim, o genio da propaganda, fazia prodigios de dedicação, pregando, como

o apóstolo viajante, o ideal republicano aos povos de quasi todas as provincias do imperiô, furtando-se milagrosamente á sanha dos sicarios que o quizerão assassinar.

A accentuação do movimento revolucionario era latente em todo o paiz e, na Capital, a 30 de Desembro de 88 e a 14 de Julho de 89, houve verdadeiros tiroteios entre a policia imperial e os republicanos em *meeting*.

Por toda a parte a violencia e a aggressão apresentavão-se para brutalmente dominar o espirito revolucionario e desmantelar as reuniões republicanas.

O velho chefe do estado foi desacatado ao sahir do theatro, chegando um fanatico ao extremo de disparar-lhe um tiro; de outra vez, ao entrar na cidade, grupos postados nas proximidades dos lampeões de gaz, no largo do Rocio, ião-n'os apagando a proporção que o carro imperial ia-se-lhes approximando.

Parallelamente a todos esses acontecimentos, dia a dia, as pennas de Ruy Barbosa e Quintino Bocayuva, Rangel Pestana e Americo de Campos, Julio de Castilhos e Martins Junior, em varios pontos do paiz, doutrinavão o povo e pregavão essa cruzada que se travou no coração da patria brasileira.

Era nesse estado de cousas que desastradamente o gabinete imperial agia, de violencia em violencia, de reacção em reacção.

Seus actos mais autoritarios attingirão o exercito, cujas fileiras patrioticas erão trabalhadas pela activa propaganda e estavão sendo apoderadas pelo novo ideal.

Lá estavão Manoel Deodoro e Benjamin Constant, as duas sentinellas avançadas, duas sombras hoje, velando pela independencia e pundonor da classe militar, espesinhada pela monarchia que já tinha comprehendido não poder contar com ella no momento opportuno. Os

dois bravos soldados trabalhavão para acarretar com as conquistas que sonhavão para a força armada, conquistas também para a nação brasileira que desejavão libertar dos elementos de tyrannia que lhe entorpecião o desenvolvimento moral e material.

A violencia chegava ao auge. A conspiração combinou o plano da reivindicação popular, e, na noite mesma em que, no meio da maior ostentação de luxo e prepotencia que manifestou durante sua vida a monarchia, toda a frandulagem imperialista bailava na Ilha Fiscal em phantastico e oriental festim offerecido á briosa marinha de guerra chilena, a 9 de Novembro de 89, o Club Militar modestamente concertava, cauteloso, os detalhes para os successos do dia 15.

A surpresa do governo foi enorme ao ter as primeiras noticias do acontecimento. Era tarde, porém.

O ultimo ministerio imperial havia cavado sua ruina e tão grande foi a depressão aberta que nella se sepultou todo o apparelho da monarchia, exotica na America.

Desde o momento historico em que as forças com que suppunha contar o imperio, fraternisarão com o heroico marechal rebelde, que lhes foi intimar no seio do quartel, com o maximo heroismo, que se rendessem, estava ganha a causa da democracia.

A salva de artilheria que annunciou ao mundo esta confraternisação patriótica, saudava a consummação de nossa evolução historica.

Saiba agora a nação tirar em favor das liberdades patrias, todos os proveitos que devem necessariamente decorrer da revolução e ter paciencia para supportar as perturbações e mal estar que, por uma lei historica, se seguem sempre ás transformações radicaes na sociedade e na politica.

Tenha ella coragem para, de uma vez para sempre, hastear o pavilhão do partido brasileiro, do partido historico, sempre no ostracismo, mas cujo programma é o unico capaz de curar seriamente dos interesses da patria e dos seus filhos.

Deduzamos da historia nacional a proveitosa lição que ella encerra: — sejamos brasileiros.

24 de Fevereiro

24 de Fevereiro

1891

CONSAGRADO À COMMEMORAÇÃO
DA PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO
BRASILEIRA

Reconhecido o principio de que a soberania nacional reside na collectividade dos cidadãos, surgiu o principio corollario de que todo o poder publico deve existir como delegação dessa soberania. Dahi a necessidade do estabelecimento de uma constituição, — a carta onde se consignem as garantias da liberdade individual e collectiva e onde se discriminem as competencias delegadas a cada um dos ramos do poder publico, representativos da soberania nacional. Dahi, a concepção da Patria como a porção de territorio cujos habitantes são cida-

dãos de um mesmo Estado em virtude de uma mesma constituição.

Para o regular e progressivo desenvolvimento das collectividades e portanto das nações—collectividades de cidadãos, é mister que exista sobre todas as cousas, o respeito da autoridade constituída, base da ordem.

A principio, essa autoridade residia no chefe. Primeirõ, naquelle que se impunha pela força, depois naquelle que ia buscar a origem do seu poder no direito divino. Quer sob o dominio do chefe, quer sob a autoridade do principe, o governo era a sua vontade, a lei era o seu arbitrio.

O povo, despojado de todas as liberdades naturaes, apenas existia para engrossar com o seu corpo as fileiras dos exercitos, para concorrer com a sua moeda para o transbordamento dos erarios do rei.

Por longos annos, por seculos de tris-tissima historia durou essa escravidão

nefanda, esse aviltamento sem nome do ente racional, subordinado, submisso ao despotismo e vontade caprichosa de um tyranno qualquer.

A historia da humanidade está cheia dos acontecimentos mais extraordinarios de insigne crueldade, nos quaes não se sabe hoje o que mais admire, se o requinte do mal por parte do bandido, se a indiferença passiva por parte do povo.

Com a deslocação da civilisação oriental e com o rolar dos seculos, foi se extinguindo a raça dos grandes tyrannos mas elles se multiplicarão nas pequenas tyrannias dos senhores feudaes. Como que os imperios se fragmentavão, em cada cume de penhasco crescião as torres gothicas de um castello solarengo, as muralhas se armavão em pé de guerra e em cada valle acampava um exercito inimigo

Isso porque, quando as correrias dos barbaros, no fim do oitavo seculo, forão cessando no velho continente, depois da

grande perturbação, material e politica, que o havia convulsionado, os guerreiros europeus, dando treguas á vida instavel e vagabunda a que os invasores trazião-nos forçados, forão firmando domicilio, assentando arraiaes em certos pontos do territorio patrio, ahi acampando tranquillamente com soldados e servos. Dessa occupação nasceo a propriedade: os capitães transformarão-se em senhores e teve começo o feudalismo medieval, a principio sem systematisação, sem constituir vinculo de hierarchia; mas, successivamente, fortalecendo-se, abroquelado nas ameias dos castellos, de conquista em conquista, obtendo do throno regalias e privilegios, que chegarão até a hereditariedade e mando supremo nos limites do territorio feudal e que, na Inglaterra, se traduzirão na imposição da Magna Carta ao rei João I. Era esse systema de transição, por assim dizer, a primeira expansão administrativa para formação

das agremiações nacionaes; consistia na fragmentação do poder soberano, parallelamente acompanhando a fragmentação do territorio nacional. Acima dos senhores feudaes, só se reconhecia o rei, investido do supremo poder, investidura quasi platonica e que de facto se tornava nulla ante a colligação poderosa dos senhores feudaes. A somma do poder dos barões, abrangendo o poder em todo o territorio, pela somma dos feudos, tornava nenhum o poder dos soberanos.

No feudalismo medieval a absorpção do poder pelos vassallos feudaes attingio á suprema elevação. Desse facto nasceo a luta que a realeza teve de manter na Europa contra o feudalismo da média idade, logo que elle se constituiu em organização social, para a reconquista das regalias e prerogativas magestáticas que do throno havia o systema feudal, insensivel mas poderosamente, deslocado para o poder dos senhores territoriaes.

Ao lado dessa luta homérica que enfraquecia o feudalismo, um outro inimigo dava-lhe batalha de guerrilha, a todos os momentos: era o continuo esforço das classes inferiores para conseguir a libertação do regimen escravizador que constituia, por assim dizer, a essencia da organização.

O que veio, porém, destruir toda a força do systema, dando-lhe o golpe mortal, eliminando-lhe os elementos de vida e desenvolvimento, foi o espirito de nacionalidade que, crescendo e transbordando das muralhas dos feudos, ruio os limites das divisões territoriaes e olivelou todo o territorio da patria sob o dominio do mesmo chefe.

Com todos estes inimigos a luta foi tremenda. No centro da Europa, na bacia accidentada do Rheno, foi onde mais intensa se manifestou a vida feudäl. Lá « não houve um rochedo que não fosse uma fortaleza, mas não ha uma fortaleza que não

seja uma ruina. A exterminação passou por ahi, mas essa exterminação é por tal fórma grande, que se sente que o combate deveria ter sido collossal. » (*)

Foi entretanto o feudalismo medieval um dos principaes factores da moderna reconstituição dos estados, cuja vida havia sido profundamente abalada pela invasão e devastação dos barbaros. Essa organização foi um dos mais importantes elementos historicos de onde naturalmente se originou o moderno systema representativo. (***) A ella se deve a condensação, em varios pontos do continente, dos povos errantes da Europa e, sobre tudo, o grande beneficio proveniente do inicio do desenvolvimento util das energias individuaes e das iniciativas particulares, estabelecendo ao mesmo

(*) V. Hugo. Introducção do drama — *Les Burgraves*.

(**) Sansonetti — *Introduzione allo studio del diritto costituzionale*. Capo. VIII.

tempo limitações e restricções ao poder, até então discripcionario, da Corôa.

A condição do povo, porém, através de todas essas modalidades da organização social, nada havia melhorado. Por todas as transformações porque se foi passando successivamente a civilização, ao povo sómente acontecia mudar de senhor. Sob o tyranno, sob o imperador, sob o papa, sob o burgrave, o povo era sempre a besta de carga, nada mais que o soldado e o contribuinte. Para os outros, para as classes superiores, — o clero e a nobreza : as regalias e os privilegios, as isempções de sangue e de bolso, as vantagens pecuniarias e as honrarias espectaculosas. Para o povo, apenas a honra inefavel de concorrer para a gloria e prestigio do rei, para o fausto e desregramento da côrte, com o seu sangue, com o seu suor...

No organismo social se havia, porém, consolidado um poderoso elemento esta-

vel de civilisação, que, tendo co-operado efficazmente com a realeza no trabalho incessante para dar queda á aristocracia feudal, conseguindo a deslocação da auctoridade, subdividida pelas mãos dos senhores, para as mãos unicas de um poder central, constituiu a monarchia pura, quasi ainda o governo absoluto; esse elemento era o *terceiro estado*. Logo, porém, que as classes burguezas, que o constituíam, obtiverão a conquista e se consummou essa revolução, revigorarão-se em suas proprias forças e emprehenderão uma nova revolução, abrindo luta com o poder absoluto, por cuja consolidação havião trabalhado. A aspiração agora era o estabelecimento da monarchia constitucional. E ella foi attingida graças aos esforços tenazes e efficazes do *terceiro estado*. (*)

(*) Guizot — *Histoire générale de la civilisation en Europe*, pag. 582.

Luiz XVI, o mais poderoso dos reis absolutos da Europa, ao seu tempo, jurou a constituição elaborada pelos Estados Geraes transformados em Assembléa Nacional e depois Constituinte, graças á intervenção e força irresistivel do *terceiro estado*. Mas ao lado dessa potencia social, uma outra se ergueu finalmente, mais poderosa e mais irresistivel: o povo, até então a massa anonyma dos desclassificados; e a derradeira e decisiva revolução se operou.

O povo, que não mais houvera sido que a paciente besta de carga, sentio chegar a vergonha á face bronzada ao sol fatigante do trabalho. Era demais o tripudio dos poderosos. Essa vergonha fez despertar dentro do seu espirito a consciencia de sua força e, em um dia, quando tranquillamente nos paços reaes desenrolavão-se as scenas de comedia da cortezania depravada, como o marulhar desencadeado de uma tempestade

de elementos desconhecidos, precipitou-se pelas janellas abertas, abalando a quéda silenciosa dos reposteiros de seda, a vozeria tumultuaria da população revoltada.

E os empoados comparsas das scenas palacianas, sorprendidos pelo estranho vozear que vinha trazer uma perturbação á tranquillidade da festa, entre-perguntarão-se — que ruido é este? — que poder desconhecido ousa por este modo insolito vir transtornar a reunião intima da rainha que se diverte? E as portas douradas, abrindo-se em estilhaços, deixarão entrar nos paços reaes a onda reivindicadora da plebe triumphante.

— Somos nós! a fonte de todo o poder e força! a patria! Somos nós, o povo, emfim! que, sciente de nosso poder pela propagação das doutrinas e dos ensinamentos dos grandes philosophos que encherão com seu nome o seculo que se extingue, despertos da lethargia

em que nos havião mergulhado a prepotencia e o despotismo, erguemo-nos e, reconquistando em um momento todas as nossas liberdades naturaes, vimos tomar conta desses paços que nos pertencem e delles enxotar, como a lacaios imprestaveis, os cortezãos ociosos!...

Dessa revolução memoravel que passou á historia com a denominação de revolução francesa, mas que mais propriamente se deveria chamar a revolução da humanidade, a revolução universal ou simplesmente—a revolução—pois que ella foia revolução por excellencia, teve origem o reconhecimento de todas as liberdades humanas, sociaes e politicas, que predominão na organização do mundo civilizado de hoje.

Foi das furias infrenes da populaça de Paris, em 89, foi das scenas horrorosas de frio terror, de 93, que, como emanações purissimas da alma do povo e da coragem civica dos patriotas victimados, se condensou esse corpo de doutrina

glorioso dos *direitos do homem*, o primeiro esboço de constituição, a cujos artigos de ouro devemos hoje, todos os cidadãos dos paizes livres, a liberdade, a egualdade, a fraternidade.

Alguns annos antes de haver, no velho continente, o povo latino, revolucionariamente, com o temperamento irrequieto do seu character, accentuado com estrepito, o triumpho completo do reconhecimento da soberania popular, já no novo mundo as colonias dos puritanos saxonios que se tinham estabelecido ao norte, calma e reflectidamente, havião sacudido o jugo que as prendia á Metropole europea e proclamado solemnemente a reconquista dos seus direitos e liberdades.

Os colonos inglezes da America do Norte, a cujo raro tino e habilidade deve a civilisação moderna o exemplo dos governos federativos, com a admiravel intuição patriotica, que foi naquelles povos heroicos apurada pelos reveses

e soffrimentos impostos pelo despotismo metropolitano, havião perfeitamente comprehendido a influencia da cristalisação dos principios institucionaes para consolidar e fortificar os direitos e as garantias.

As trese colonias americanas, antes de se ligarem pelos famosos *artigos de confederação*, promulgados em 1777, tinham reconhecido, como principal elemento e garantia da effectividade de sua independencia, a confecção e obediencia de uma lei constitucional. Assim que, diz Curtis, todas havião ultimado a sua organização constitucional antes que houvesse a Grã-Bretanha reconhecido a sua independencia.

A essa firmeza nos principios devêrão as colonias do norte o prompto successo de suas aspirações e o accentuado espirito de nacionalidade que se constituiu rapidamente no seio desses povos ainda tão pouco tempo antes sujeitos ao regimen da oppressão colonial.

Do grande sopro de liberdade que se espalhou no novo mundo e se propagou pelo velho continente, uma leve aragem conseguiu, atravez dos mares, atravez do despotismo de ferro que continha e opprimia nos elos de uma corrente esmagadora, toda a vitalidade e seiva da nova patria que se ia formando na risonha terra de Cabral, uma pequena aragem conseguiu embalar o ideal desvairado de um punhado de patriotas.

O crime, porém, a traição mais negra, transformou a aurora que surgia rosea nas almas dos primeiros brasileiros em uma luz vespertina que foi terminar na noite, sem estrellas, do cadafalso e do desterro. A revolução que, na Europa e ao norte do novo mundo, se abriu no dia esplendido da liberdade triumphante, no canto sul do novo continente, no meio das liberrimas florestas virgens e dos rios indomaveis, não foi mais que a victoria da tyrannia, finalizando na dis-

seminação criminosa dos patriotas e no sacrilego sacrificio de um justo.

Depois do abatimento a que o insuccesso da. inconfidencia mineira prostrou o nascente espirito de nacionalidade que começava de accentuar-se no animo dos filhos desta terra, um rejuvenescimento, estimulado, pelos progressos extraordinarios no crescimento da população e desenvolvimento intellectual e cultural dos povos — manifestava-se por todos os modos, accentuando cada vez mais as victorias que a ideia da independencia da velha metropole portugueza ia alcançando na alma brasileira.

Infelizmente para o nosso character de nacionalidade, a metropole não nos pesava senão como um sorvedouro de nossas riquezas naturaes; mas era o paiz tão rico que pouco nos importava essa derivação para alimentar a vida do gasto reino de além-mar. Como fonte de vexames, como braço usurpador de nossa

liberdade não mais nos opprimia o reino outróra poderoso e ao qual então faltavão todos os elementos de predomínio e despotismo, sendo-lhe pouco o pouco de energia que ainda lhe restava, para os gastos indispensaveis do governo de casa.

Foi nessas condições, quando independentes de facto eramos nós, quando estava completamente amadurecido no espirito publico a formação, no dia seguinte, quando se quizesse, da nação, desprendendo-se os ultimos liames que apparentemente ainda nos ligavão a Portugal, quando o governo da metropole se sentia sem forças para impedir o incremento do volume da corrente emancipadora, foi nessas circumstancias que um principe, herdeiro do throno portuguez, ambicionando o governo de um paiz vital, em seu proprio proveito mais que em beneficio da patria brasileira, aos 7 de Setembro de 1822, sem lutas,

com duas palavras, rompeo esses liames e antes proclamou-se imperador do Brasil do que proclamou o Brasil um imperio independente.

Anteriormente havia sido convocada uma constituinte para formar o codigo fundamental do reino unido aos de Portugal e Algarves. Como consequencia da separação proclamada, essa assembléa se transformou em Constituinte brasileira, e, quando os verdadeiros representantes do povo e da vontade nacional, trabalhavão patrioticamente na confecção de nossa lei constitucional, que era um codigo soberano de todas as liberdades e garantias, o Imperador estrangeiro, a quem os legisladores brasileiros perturbavão no sonho prelibado de dominio absoluto, mandou dispersar á pata de cavallo e á coronha de espingarda, o cenaculo em que se reunião os legitimos e leaes representantes do povo.

Depois desse acto de despotismo, o

Imperador sentio que se avolumava a corrente das aspirações liberaes e, indo ao encontro della, atirou-lhe, como se faz aos ursos, para os illudir na sanha devastadora, a capa com que abroquelou a sua magestade e o seu throno — a carta de 1824 — que tinha origem e fonte, apenas na legitimidade hypothetica do soberano, em sua alta recreação e vontade.

Para que, porém, não fosse o insanavel vicio original irrogado a essa concatenação de artigos, onde, a par de liberdades e direitos que forão reconhecidos no povo, pois já não era possível retroceder ou mesmo cercear a marcha da evolução liberal, se achava delineada, sem orbita, a esphera avassaladora do *poder moderador*, original criação dos doutrinarios das ficções governamentais e politicas,—para sanar esse vicio, a carta outorgada pela prepotencia do principe estrangeiro, feito imperador na livre America, foi sujeita

a um simulacro de juramento pelo povo, por intermedio das Camaras Municipaes.

Entretanto, parece que o *poder moderador* era o unico poder reconhecido pela carta. Só elle teve existencia real; só elle governou, reinou e administrou até 1831, epocha em que a explosão popular levou ao exilio o aventureiro do Ypiranga. Afigurou-se então que o Brasil havia tomado conta do seu governo. Houve uma verdadeira constituinte e o *Acto Adicional* foi promulgado em 1834. Nelle se preparava seriamente o advento da federação; deu-se ás provincias todos os elementos de que precisavão para fortalecer-se e toda a descentralisação para que vivessem livres das multiplas influencias do poder central nas mais pequenas relações de sua economia interna.

Mas pouco tempo durou a expectativa salutar do *Acto Adicional*, « unico liame que poude manter então ligadas

as dezoito estrellas do pavilhão imperial.» (*) O partido portuguez, o partido reaccionario, o partido absolutista, dicto da *ordem*, conseguiu novamente usurpar o poder. Leis ordinarias, a proposito de interpretação das leis constitucionaes e a pretexto de fazer a correcção de um ou outro equivoco que houvesse escapado á inexperiencia dos legisladores, forão, de um jacto promulgadas revogando, alterando, deturpando, annullando o texto e o espirito da lei organica e ageitando de facto o advento do governo absoluto, do poder pessoal, da centralisação completa. Havia morrido a ultima esperanza. Apenas restava o remedio derradeiro das revoluções, e ellas vierão.

Vierão as commoções internas, as explosões de patriotismo e de coragem civica onde sempre foi espirito dominante o

(*) Timandro — *Libellos do povo*. Cap. III, pag. 75, edição de 1868. — Lisboa.

estabelecimento da fôrma republicana. Essas revoluções convulsionárão o paiz até 48, tempo em que, depois do assassinato de Nunes Machado, começou a submissão sem protesto ao despotismo pessoal do segundo imperador. (*)

Mas o sangue dos martyres prolificou no solo uberrimo da patria, novos heróes vierão á luz. Alevantando o espirito publico, surgiu a propaganda, e a ideia ganhava terreno dia a dia.

A disseminação patriotica e desinteressada das aspirações livres havia cultivado as camadas sociaes e, certa manhã, assim como um seculo antes o povo de Pariz levára o transtorno e a perturbação á festa dos monarchas, aqui tambem, ao despertar, o rei e os seus aperceberão que o throno havia ruido e

(*) Veja-se a serie das revoluções brasileiras em Assis Brasil — *A Republica Federal*, em a nota ao Capitulo II do L. 2, pag. 159 da ediç. popular de 1885. S. Paulo.

que em torno delle apenas havia o vacuo produzido por um grande desmoroamento.

Depois estabeleceu-se o suffragio universal e o povo entregue a si mesmo foi chamado ás urnas ; organisou-se uma constituinte.

Abrirão-se as discussões, prolongarão-se os debates e finalmente, em uma sessão solemníssima, aos 24 de Fevereiro de 1892, no velho paço dos imperadores transformado triumphalmente em amphitheatro de uma convenção republicana, pallido de emoção, tremulo de patriotismo, o povo ouviu, de pé, a leitura da promulgação do código de suas liberdades, feita em nome da nação, livre e liberta, pelo órgão purissimo de um simples cidadão, illustre republicano, patriota de todos os tempos.

1 de Janeiro

1 de Janeiro

CONSAGRADO A' COMMEMORAÇÃO DA
FRATERNIDADE UNIVERSAL

A suprema aspiração da humanidade é a confraternisação universal.

Cansados das luctas sanguinolentas que teem, até nossos dias, atrasado o desenvolvimento progressivo das nacionalidades e que fizeram da historia da humanidade um immenso campo de carnificina, os povos vão comprehendendo que o futuro deve ser da paz, porque só a paz póde trazer ás sociedades o progresso material e moral que lhes é mister, para que o homem alcance na vida a co-existencia methodisada que é o ideal do aperfeiçoamento humano.

A principio, ainda no periodo antropologico, antes do inicio da historia so-

cial da humanidade, mesmo em pleno dominio de sua historia natural, os investigadores scientificos nos teem demonstrado no pithecanthropo de Hœkel, ou, anteriormente ainda, nos antropoides de Darwin e Vogt, a sociabilidade despontando como o primeiro vislumbre do instincto superior da nova especie.

Quer isto dizer que, ou se admitta a hypothese da simultanea formação do typo humano em varios pontos terrestres, como consequencia da evolução natural da materia organica, ou se creia na hypothese da monogenese, se em algum tempo o homem viveu isolado, foi apenas até o apparecimento de um outro exemplar da nova especie natural que elle representava.

A solidariedade humana é facto da nossa intima natureza, reconhecivel mesmo na pre-historia da humanidade.

Os agrupamentos sociaes, porém, foram crescendo, foi se augmentando o numero

dos individuos ; dividirão-se bandos, fragmentaram-se multidões, de sorte que a servidão do mesmo rio, a occupação do mesmo valle fez surgir as rivalidades collectivas do egoismo selvagem, e, do mesmo modo que, de começo, o simples desejo dó mesmo fructo, o amor dos mesmos labios deu alguma vez origem ao duello, assim appareceu a lucta collectiva, travou-se a primeira batalha, pela primeira vez os campos se juncarão de corpos mortos e se banharão abundantemente de sangue fraticida.

Desde então, com as rivalidades de tribu, com as campanhas de conquista, com a posse do territorio, começou a surgir o espirito novo da solidariedade transformada, por grupos, unidos pelo mesmo interesse, argamassados pelo mesmo odio e forão-se pouco a pouco consolidando as primeiras nacionalidades.

Para a prevenção do ataque, eleva-
rão-se as fortificações ; para o successo

do combate, inventarão-se as armas de aggressão e defesa.

Parallelamente foi se impondo a necessidade da arregimentação social e disposições e ordens foram sendo ditas á obediencia dos individuos: as primeiras leis foram formuladas.

Então havia de muito começado o periodo historico-social e o homem, já no gozo de suas faculdades superiores, poude, pela tradicção e graças ao genio dos seus poetas, crear a gloria litteraria com a narrativa dos horrores militares que, desde a destruição de Troya até o despedaçamento e partilha da Polonia, desde Heitor até Kosciusco, vem fazendo da historia da humanidade um compendio tenebroso de hecatombes sanguinolentas de milhões de homens e de desaparecimentos melancolicos de patrias.

Debalde o instincto de solidariedade, inspirando a civilisação, buscou reagir no animo dos povos contra o espirito

bellicoso dos primeiros tempos; debalde os grandes philosophos e reformadores inventarão as theorias e as religiões, derão nova phase á organização social e politica dos grandes povos; debalde os poderosos imperadores conseguirão a decretação de leis sabias e as impuzerão á obediencia submissa de milhões de subditos.

Debalde; o egoismo anarchico foi demolindo. Perderão-se as civilisações; as religiões desmantelarão-se, umas após outras forão-se precipitando no golfo insondavel onde já havião submergido as civilisações coevas... Apenas uns nomes sem significação, de uns deuses impotentes, sobrenadárão e conseguirão, com a chronica de suas virtudes inanes, sobreviver ao cataclismo dos seus templos e lithanias.

Os grandes imperios despedaçarão-se; alguns codigos apenas, conseguirão salvar-se do deperecimento e chegar até

aos tempos modernos, para, levantando uma ponta do véo, que se desdobrou sobre as instituições mortas, causar-nos espanto com a sabedoria e prudencia dos grandes imperadores.

Uns após outros forão-se os imperios desmoronando; mas ainda assim, de civilisação em civilisação, de desmoronamento em desmoronamento, tem a humanidade chegado em triumpho ao século actual que, pela herança opulenta que lhe ficou dos seculos anteriores e, sobretudo, pelas conquistas extraordinarias da sciencia e do trabalho, cuja fecundação se tem nelle desenvolvido e desabrochado nos fructos mais inexperados, ostenta, maravilhosamente abertos a todas as manifestações da actividade humana, os horisontes mais amplos e consoladores.

E' que uma legião de benemeritos, desde remotos tempos da antiguidade tem pacientemente concorrido com o

fructo do seu esforço, com as scintillações do seu genio para a constituição do patrimonio de recursos da humanidade, mediante os quaes devemos chegar á reconstrucção da solidariedade de que tivemos lição no agrupamento da familia primitiva, e de que nos transviarão as suggestões perturbadoras do egoismo.

Nos cataclismas das civilisações, innumeraveis destas descobertas teem por certo desaparecido com os nomes gloriosos de seus descobridores; algumas, porém, têm conseguido salvar-se e têm vindo, de progresso em progresso, até constituirem o vasto scenario em que contemporaneamente se representa a sempre renovada comedia humana.

Para os gregos antigos o universo era apenas uma pequena porção de terra circundada pelo rio *Oceanos*. Sobre essa porção de terra se estendia a aboboda celeste, concava e solida, amparada pelas columnas que assentavam sobre o dorso

potente do deus Atlas. Os Indios, tinham a mesma concepção, mas li lavão a côr local, substituindo as columnas e o deus pagão pelo porte soberbo de quatro elephantes brancos...

O escudo de Achilles, forjado por Neptuno, foi a primeira carta geographica. Nelle, nol-o conta Homero, se via desenhado todo o relevo das maravilhas do mundo.

As viagens, porém, foram dilatando os apertados limites desse mundo primordial e as suas fronteiras passarão além das margens do primitivo rio; depois, descobriu-se o moderno systema planetario, mas a terra se conservava ainda firme, presa, immovel no centro do universo.

Vieram então Copernico, Gallileu, Kleper e ficou provado o movimento dos mundos, ponto de partida para a explicação de grande numero de phenomenos terrenos e celestes, até então mergulhados no mais impenetravel mysterio.

Newton, Laplace, Herschell devassaram esse mysterio e trouxerão para a terra a ^{acc}tração do brilhante hiéroglypho sideral.

Para a travessia dos mares, outrora tumulto quasi fatal das aventureiras cavrellas errantes, Flavio Gioia e Marco Polo dispensarão o guia natural das estrellas, descobrirão a bussola. Depois, Salomão de Caus, Denis Papin, James Watt, dispensarão o concurso dos ventos nas velas enfunadas, descobrirão o vapor.

Para a perpetuação da tradicção e propagação das idéas, Guttemberg concebeu a imprensa e para prender a harmonia errante dos canticos do amor e das fanfarras guerreiras, Guy de Arezzo inventou as notas de musica.

Preservou o homem da fatalidade inconsciente das faiscas electricas, Franklin, elevando o pára-raio na cumieira das casas; Galvani descobriu a electricidade e Volta conseguiu aproveitar essa força

nova, esparsa nos elementos naturaes e fazel-a actuar em um certo momento dado. Wheatstone e Morse submetterão essa força para a transmissão momentanea das idéas á distancia, pelo telegrapho, e Edison accommodou-a em cada casa para o uso diario, na communicação immediata de duas vozes distantes, pelo telephono.

Concorrendo para a alimentação salutar do homem, Parmentier descobriu nã terra a fecula da batata, e para que a terra melhor produzisse o fructo, já Triptoleme havia descoberto o arado. Da beterraba extrahiu o assucar, Margraff. Para o prazer capitoso da excitação do espirito, Noé ensinou que se bebia o succo fermentado da uva e Nicot propagou na Europa as propriedades da fumaça aspirada da folha do fumo. Eduard Addam inventou o alambique; Arnaud de Ville-neuve distillou o alcool e Guy Lussac applicou o alcoometro. Esculapio, Hy-

pocrates, Juliano, na antiguidade, Ambroise Paré e Harvey, trabalharão para pela applicação da medicina e da cirurgia suavisar as dores do corpo e extirpar as enfermidades do organismo e Saubeiran descobriu o chloroformio para furtar o homem á dor da applicação daquellas artes. Jenner plantou no corpo humano a lympha vaccinica que nos preserva do horrendo mal da variola; Pasteur e Freire explorarão o veio da fonte benefica que tende a nos livrar dos males insidiosos da raiva canina, e do vomito preto.

Estes, quanto ao desenvolvimento dos progressos materiaes. A evolução moral e social tem tambem a sua longa concatenação de nomes gloriosos, desde Confucio, Manou e Socrates até Montesquieu, Danton e Comte.

No campo das conquistas espirituaes, igualmente milhares de benemeritos da humanidade, em todos os tempos, tem trazido para o patrimonio commum o seu

contingente de esforço em bem da prosperidade e felicidade da especie. E, no seculo actual, é tão avultado esse patrimonio que vae dando aos contemporaneos as perspectivas assombrosas que, em futuro talvez não remoto, tornadas em realidade, terão por certo, transformado radicalmente a vida material, moral e social do planeta em suas bases apparentemente mais solidas e duradouras.

Na historia da evolução do direito, sobre tudo, é consideravel o avanço da grande jornada a caminho da confraternisação universal.

Desde que as primeiras leis e organizações sociaes se impuzerão á obediencia dos povos, foi-se reconhecendo a necessidade de uma especie de organização geral de lei que obrigasse os povos entre si, mesmo que estabelecesse relações entre os inimigos em tempo de guerra, corpo de doutrinas que regulasse os direitos e as obrigações reciprocas.

Nos tempos heroicos da Grecia e de Roma, a expressão *estrangeiro* era synonyma de *barbaro* e *inimigo*.

Os estrangeiros eram reduzidos a escravidão desde que ultrapassassem os limites e as fronteiras de seu paiz e entrassem em territorio alheio. E tanto se julgava isso legitimo que o proprio Aristoteles escreveu que «os barbaros estavam destinados, por natureza, a ser escravos dos gregos, sendo licito o emprego de qualquer meio para os reduzir ao captiveiro» (*).

A amplidão dos mares era infestada pelos piratas errantes que buscavam na rapina e na depredação compensar a esterilidade do sólo natal. A pirataria era considerada como uma profissão honesta.

A barbaria dos costumes na guerra é attestada pelos cantos heroicos de Homero. Nelle se encontra a pintura das

(*) Politique L. I—T II.

mais extraordinarias scenas de selvageria, orgulhosamente narradas como actos do mais sadio heroismo: os corpos dos inimigos, mortos na batalha, expostos nus e mutilados á fome dos abutres damninhos; Heitor, atado morto ao carro triumphal de Achilles. . .

Mas, desde esses tempos remotos, cuja historia a meio se delúe no esgarçamento das tradicções fabulosas, começaram a apparecer os grandes espiritos bemfeitores que comprehenderão a necessidade da regulamentação dos direitos das nacionalidades entre si, dentro do universo, da mesma fórma porque já se havia regulamentado os direitos dos homens, dentro das nacionalidades.

Sólon, o grande atheniense, foi o primeiro que legislou sobre esse ramo do direito publico, estatuindo regras a respeito da pirataria. Depois d'elle outros vierão e, sob a influencia dos legisladores e philosophos mais humanitarios, foi se for-

mando um corpo embryonario de direito publico, cujas principaes maximas regularão as relações das republicas da Grecia entre si.

Já os romanos tinham o espirito liberal mais pronunciado que os gregos. Cicero ensinava que « duas nações mesmo quando estão empenhadas em lutas para honra do soberano ou para gloria do povo, deverião sempre ser governadas pelos principios que constituem as justas causas da guerra. O rancor dos dous partidos combatentes deverá, mesmo neste caso, ser temperado pela dignidade da causa de cada um » (*).

Depois do grande orador, a embryologia do direito publico foi por tal forma se desenvolvendo que o imperador Justiniano em suas grandes codificações—que a alguns respeitos ainda hoje regulão as relações civis dos povos cultos

(*) De Officiis, L. I, 11.

—consignou a existencia do *jus gentium*, se bem que não tendo ainda a moderna accepção da denominação — *direito das gentes*.

Sucedeu, porém, a decadencia e desmembramento do imperio dos Cezares e os barbaros dominaram o mundo, levando, em sua invasão assoladora, o saque e a devastação aos quatro pontos cardeaes.

Propagava-se então o christianismo e, ao influxo benefico das humanas doutrinas do philosopho de Nazareth, foi se creando um novo corpo de theorias que foram consolidadas e systematisadas no seculo XVII por Ugo Grotius, celebre flamengo, nos notaveis livros *De Jure belli vel pacis*, Mayença 1629, e *Mare liberum*, que veio á luz em 1634.

Para a obra immorredoura de Grotius concorrerão effcazmente, sobre tudo, os philosophos casuistas do seculo XVI. De entre estes, primeiro o dominicano Fran-

cisco de Victoria, professor da Universidade de Salamanca e seu discipulo e successor Dominico Soto, que publicou em 1560 o livro *De justitia et jure*.

Depois destes, o jesuita Francisco Saurez, de quem Grotius disse que, em subtileza, nenhum outro philosopho egualava. Vierão em seguida o allemão Conrado Brunus, autor do tratado *De legationibus* (Mayence 1548), Balthazar Ayala, preboste do exercito hespanhol nos Paizes Baixos, que escreveu largamente sobre os direitos da guerra (Antuerpia 1597) e sobretudo Machiavel e Albericus Gentilis, de origem italiana ambos, aquelle, espirito satanico que se comprazia em torturar a existencia dos principes com a apologia dos governos republicanos e este, professor na Universidade de Oxford, o mais notavel philosopho publicista da idade média, e que exerceu sobre o espirito do grande philosopho benefica e decisiva influencia.

Com Grotius se fundou finalmente o direito das gentes que não é mais, segundo a lição de Hobbes, que o direito natural modificado de accordo com as conveniencias e as relações das nações; com o notavel philosopho se accentuou que a « humanidade é a sociedade do genero humano, as nações são os individuos nessa grande associação, pelo que é preciso um *direito* que regule as suas relações, como se faz preciso um *direito* entre os individuos desde que elles se unem em familia, em cidade em estado. » (*)

E os progressos desse corpo de *direito* vão, dia a dia, de conquista em conquista, impondo leis e regras aos povos do Universo, propagando a solidariedade de todos, subordinados aos mesmos principios geraes, fomentando o espirito de

(*)F. Laurent. *Etudes sur l'histoire de l'humanité*—vol. I.º introd. § 3.º.

fraternisação. Tempo virá em que, sem esse ideal utopista da Republica Universal com que sonharão os grandes imperadores — Alexandre, Cesar, Carlos Magno, Napoleão, — os povos todos do globo, reconhecendo a origem irmã dos primitivos habitantes e compreendendo que ha logar para todos no Universo e que, assim como no campo existe um figo para cada passaro, como disse um poeta, com uma sabia organização social e um correcto proceder individual, deve haver na terra o trabalho e a subsistencia para cada um, hão de naturalmente apagar-se as raias naturaes das fronteiras das nações. Então, universalisando-se o codigo das obrigações reciprocas, garantindo-se a todos os cidadãos de todas as patrias o gozo da igualdade dos direitos e das liberdades individuaes, desapparecerá, por certo, a noção da rivalidade, apagar-se-hão no espirito dos homens os instinctos sangui-

nolentos de guerras e conquistas, de modo que cada qual, sentindo-se cidadão de sua patria, amando as suas instituições e a sua terra, celebrando os feitos gloriosos dos seus bemfeitores, celebre igualmente as conquistas gloriosas da humanidade, ame a terra dos outros que tambem concorreram para sua felicidade e sinta-se, por assim dizer, cidadão do Universo.

Tal é o ideal, a aspiração humana que a nacionalidade brasileira commemora simbolicamente no primeiro dia de cada anno.

2 de Novembro

2 de Novembro

CONSAGRADO Á COMMEMORAÇÃO
DOS MORTOS

De todas as festas que a civilização celebra como consagração dos grandes factos, dos grandes homens ou de qualquer circumstancia que haja concorrido como factor de progresso e aperfeiçoamento, nenhuma por certo tem uma significação mais humana que essa do dia 2 de Novembro em que se faz a commemoração dos mortos e que o nosso coração personnifica na saudade daquelles cuja memoria nos guia, cujo exemplo nos fortalece.

Elles representão a grande cooperação anonyma, o elemento continuo de vida e desenvolvimento que vem trabalhando desde a primeira idade e trabalhará ininterruptamente até a consummação dos

seculos, ajuntando cada dia um atomo de conquista, uma parcella de adiantamento para a felicidade commum.

E nem existe escalas de merecimento e graduações de gratidão no vasto campo de repouso dos servidores da humanidade. Aos olhos do pensador não vale mais a memoria do philosopho ou do poeta de genio, a quem a admiração dos contemporaneos elevou estatuas e monumentos, do que a do humilde obreiro, cumpridor dos seus deveres, cujo lugar de repouso, na grande necropole, apenas se conhece no viço das flores plantadas pela saudade ou pelo amor, ou no monticulo de terra inculca e secca pelo esquecimento.

« A unica cousa que se relaciona com a questão do merecimento é a somma do esforço. Todos os homens que fazem o mais que podem, fazem o mesmo. » (*)

(*) Ed. Bellamy — *Looking brackwords*; Trad. de P. Chagas — *Daqui a cem annos*. pg. 83.

Porquanto, nem todos nós podemos, «como Beethoven ou Haendel, arrebatrar a alma ao setimo ceo da visão ineffavel e da esperança infinita pela magia de uma melodia divina; não podemos todos como Voltaire, calcinar o que é cruel e falso com uma palavra de fogo; nem como Milton e Burke, despertar os corações ao glangor das trombetas... Mas ha uma cousa que nós podemos todos, ha uma cousa que póde o mais humilde dos homens; é que este, empregando com zelo a intelligencia, procurando com zelo a oportunidade de auxiliar o desenvolvimento da intelligencia dos outros, póde engrossar a grande corrente cuja força e direcção decidem da feliz viagem da humanidade. Quando os nossos nomes forem esquecidos, quando o nosso lugar for occupado por outros, a energia de cada serviço social prestado por nós continuará a produzir seus effeitos, do mesmo modo

que cada deserviço social, de que nos tornarmos culpados, nos sobreviverá como a onda incessante de uma das forças persistentes da natureza.» (*)

E' esse trabalho occasional, essa cooperação eventual que constitue a grandeza do legado dos mortos que os vivos celebrão desde a remota antiguidade num certo dia do anno.

Henry Martin (***) refere mesmo que na Gallia os Druidas tinhão, no callendario de suas solemnidades mysteriosas, a noite de 2 de Novembro consagrada aos mortos. Dahi talvez houvesse passado para a civilisação occidental a consagração desse dia para essa commemoração que já entrava na lithurgia das antigas religiões, sendo na China, sobre tudo, o principal elemento do culto popular e

(*) John Morley — *Discurso sobre a cultura popular* — Apud Sophie Raffalovich, no prefacio da traducção da obra de Morley — *The life of Richard Cobden*.

(**) H. Martin. *Hist. de France* Vol. 1.º Chap. 1.º

que só muito tarde, no anno mil, mais ou menos, com Santo Odillon, se incorporou no systema ritual catholico.

A qualidade caracteristica dessa commemoração consiste em ser ella essencialmente impessoal.

Em outras datas celebrão-se os feitos gloriosos de tal grande homem; no dia dos mortos, celebra-se a memoria commum dos desaparecidos, que cada qual concretisa na memoria daquelles que lhe são mais cáros, daquelles cuja sombra, cuja saudade é a columna de luz que o dirige e inspira nas vicissitudes da existencia.

A somma dessas gratas commemorações parciaes constitúe a grandeza do dia, a solemnidade da commemoração geral. A saudade e a gratidão que cada qual deixou de si, pelos beneficios que conquistou, pelo bem estar que proporcionou aos outros, se cristalisa na grati-

dão e na saudade que se rende ao genero humano.

Se a vida do individuo é curta, a memoria dos homens é eterna e é nessa memoria que se vive realmente, disse-o Renan.

Por isso, a gratidão se manifesta mais intensamente na saudade das gerações que tem desapparecido do que no amor dos contemporaneos.

Estes, argamassão hoje o esforço que amanhã ha de contribuir para a felicidade dos posteros, cujas benções por sua vez, lhes cahirão sobre a memoria quando ella se houver espiritualizado na consubstanciação inponderavel da morte.

A saudade e o exemplo dos que deixarão de existir são as forças que mais beneficamente impulsionão a conducta individual.

Veneremos a saudade...

NOTA

Decreto nº 155 B de 14 de Janeiro de 1890

O Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil considerando:

que o regimen republicano basea-se no profundo sentimento da fraternidade universal;

que esse sentimento não se pode desenvolver convenientemente sem um systema de festas publicas destinadas a commemorar a continuidade e a solidariedade de todas as gerações humanas;

que cada patria deve instituir taes festas segundo os laços especiaes que prendem os seus destinos aos destinos de todos os povos;

decreta:

São considerados dias de festa nacional:

1 de Janeiro — consagrado á commemoração da fraternidade universal;

21 de Abril — consagrado á commemoração dos precusores da Independencia Brasileira, resumidos em Tiradentes ;

3 de Maio — consagrado á commemoração da descoberta do Brasil ;

13 de Maio — consagrado á commemoração da fraternidade dos Brasileiros ;

14 de Julho — consagrado á commemoração da Republica, da Liberdade e da Independencia dos povos americanos ;

7 de Setembro — consagrado á commemoração da Independencia do Brasil ;

12 de Outubro — consagrado á commemoração da descoberta da America ;

2 de Novembro — consagrado á commemoração dos mortos ;

15 de Novembro — consagrado á commemoração da Patria Brasileira.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 14 de Janeiro de 1890 — 2.º da Republica — MANOEL DEODORO DA FONSECA — *Ruy Barbosa* — *Quintino Bocayuva* — *Benjamin Constant Botelho de Magalhães* — *Eduardo Wandenkolk* — *Aristides da Silveira Lobo* — *M. Ferraz de Campos Salles* — *Demetrio Nunes Ribeiro*.

Decreto nº 3 de 28 de Fevereiro de 1891

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil

Faz saber a todos os cidadãos brasileiros que o Congresso Nacional resolveu declarar de festa nacional o dia 24 de Fevereiro, commemorativo da promulgação da Constituição da Republica.

Palacio do Governo, 2 de Fevereiro de 1891 —
3.º da Republica — MANOEL DEODORO DA FONSECA — *T. de Alencar Araripe.*

3x

octor
e-45
53

